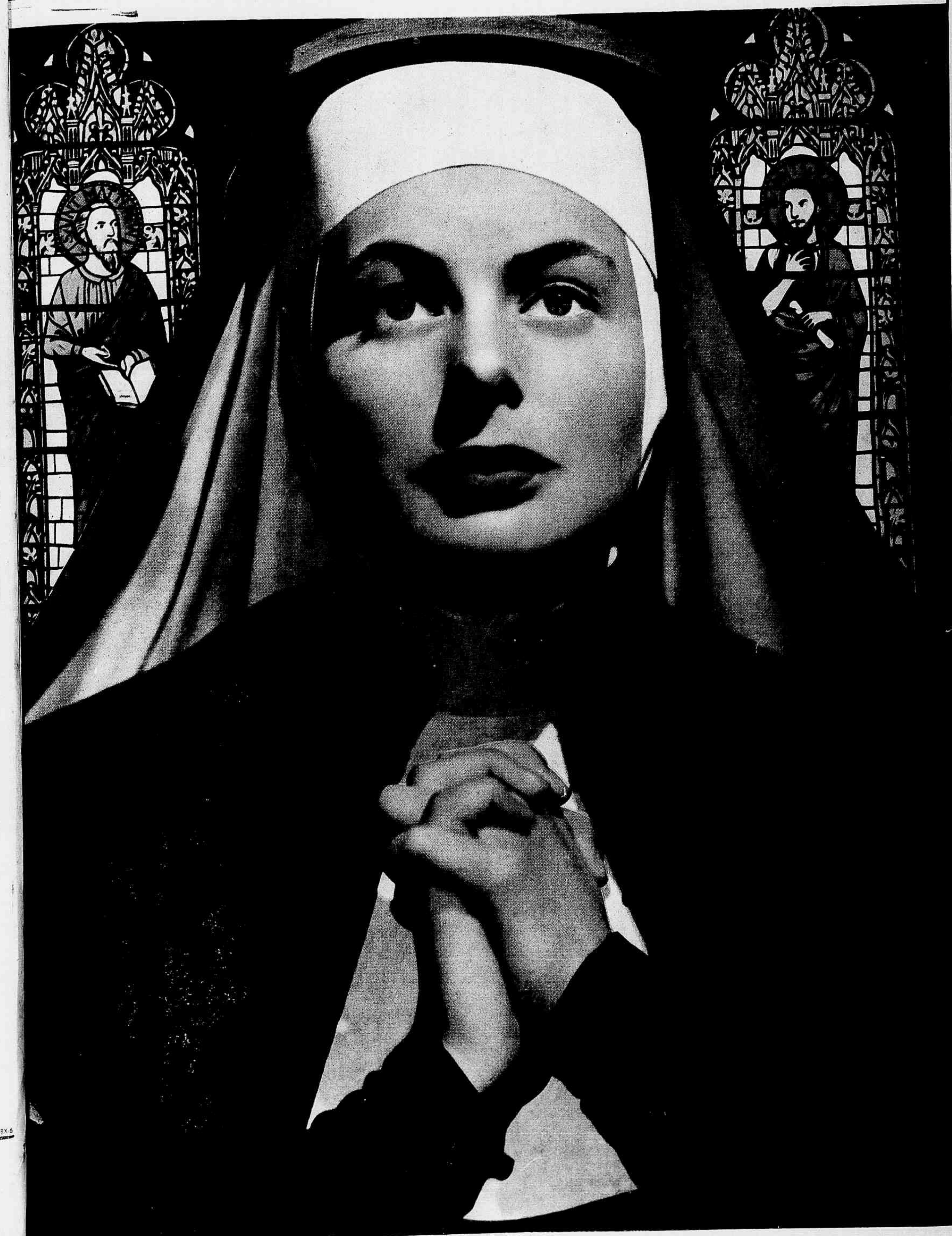


REVISTA DA SEMANA

N.º 2
12-1-1946
Cr\$ 1,50 na
capitale Cr\$ 2,00
nos Estados



HOJE E TODAS AS NOITES

Ureca



RESERVA DE MESAS-FONES : 26-5550 E 26-5558

AMADORES

Crônica de G. de AÔ

QUANDO te encontrei, Irene, naquele domingo chuvoso, na rua Riachuelo, tive vergonha de falar de onde vinha. Em verdade, Irene, eu vinha de um teatrinho de amadores, vinha de assistir a uma comediazinha vulgar. Eu te menti descaradamente quando disse que estava dando uma voltinha. Também, parece que não tenho que te dar satisfação de cada um dos meus atos. Olhasse com tanta insistência para os sapatos brancos que eu trazia debaixo da chuva...

Cumpru esclarecer, Irene, que sou um sujeito pobre e boêmio, assim uma espécie de marmiteiro da crônica social. Os meus colegas G. de A. e Jacinto de Thormes não me conhecem, e mesmo que me conhecessem não teriam a coragem de cumprimentar na rua um sujeito que usa sapatos brancos em dias de chuva. E tu mesma, Irene, me olhas com certo desdém. Domingo, por exemplo, me perguntaste de onde eu vinha. Eu vinha de um teatrinho de amadores. Se eu dissesse a verdade, tu te ririas de meu procedimento suburbano. E então eu procedi vilmente, cheio de covardia. Menti. Agora vejo que quem devia pedir satisfações era eu, pois uma moça bonita de Copacabana não vai de "baratinha" à rua Riachuelo numa tarde de domingo, apenas para apreciar o efeito da chuva no asfalto. Mas nem me lembrei disso. Entrei em tua "barata" e tu me deste a direção. Mais uma vez te amei e uma vez mais me decepcionei com o teu amor.

Menti-te muito, Irene, mas hoje vou me abrir contigo. Fui domingo ver um teatrinho de amadores e confesso agora, sem vergonha alguma, que gostei. Ri-me das graças vulgares do cômico, achei o galã perfeito, tive dó da heroína da peça. Se te dissesse isso, tu te ririas por certo na superioridade de teu snobismo literário. Mas agora quero ser sincero contigo: eu gosto dos amadores, Irene. Sei que estou te decepcionando, Irene, mas quero ser sincero hoje. Só agora vejo que nunca te amei e que nunca serias capaz de me compreender. Eu amo os amadores, Irene, amo tudo o que é simples e suburbano. E não te amo. Não amo nem poderei amar jamais a tua jarra japonesa de cinco contos e lá vai pedrada, como não posso gostar do "pif-paf" noturno do teu apartamento de luxo, que me devora periodicamente os ordenados. Eu não amo os autores pomposos da tua biblioteca; prefiro lê-los em brochuras baratas buscadas nos "sebos" da rua São José. Prefiro ouvir Tchaikovsky de carona, numa cadeira filada de jornalista pobre, do que ouvir o pobre concerto n.º 5 mastigado pela tua radiola de luxo.

Tu não conheces, Irene, a poesia de um passeio de bonde ao Alto da Boa Vista, nem sabes como é bom um baile familiar no Engenho de Dentro. Não conheces a beleza suave de ver o sol nascer sobre as ondas, depois de uma noite de farra nos botequins proletários. Não conheces a beleza da vida, Irene, pois não tens o prazer dos amadores, que se divertem na noite de sábado porque o dia seguinte é domingo e no domingo não se trabalha. E eu gosto disso, confesso que gosto. Do que eu não gosto é de ti, nem de teus parentes, nem de teus amigos. Não gosto do "pif-paf"; prefiro uma ronda macetada da Favela, nas tardes de descanso. Agora vejo que o meu mundo é este, e é inútil querer mudar de planeta. Eu gosto disto, Irene, e não gosto de ti. Hoje quero abrir-me contigo, quero romper contigo. Eu gosto dos amadores e detesto os "snobs". Tu podes agora me chamar cretino, mas eu sou cretino à minha custa, e tu não tens nada com isso. De hoje em diante abdicó de todos os meus direitos. Nunca mais quero correr contigo ao lado, na direção de tua "barata" azul. Fica com a tua "barata", fica com os teus amigos, fica com os teus livros encadernados em couro vermelho. E eu ficarei com os amadores. Continuarei a ter saudades das noites passadas nos bairros operários das cidades litorâneas, terei saudades das noites de S. João do Recife, dos candomblés do rio Vermelho, na Bahia. Terei saudades das províncias do centro; me lembrarei sempre de Zazá de Santa Efigênia, que servia nas barraquinhas, que são as festas populares de Belo Horizonte. Terei saudades de Goiaz, quando beijar Julinha, que veio de Goiânia passar as férias numa pensão familiar do Flamengo. E dentro de minha saudade, só não haverá lugar para ti, de quem me despeço agora, com muito contentamento, pois resolvi aderir aos amadores, dançar samba nas gafieiras, beber chopp em pé, comer pastel nos pontos de bonde, morar no subúrbio. De hoje em diante serei sincero. Preferirei o teatrinho de amadores às comédias francesas. E nunca mais terei que te dar satisfação de meus atos, Irene.

Adeus, Irene. O samba voltou para a praça Onze, e eu vou voltar para o samba. Adeus, Irene. Passa mal.

NESTE NUMERO

12-1-1946

ANO XLVII - N.º 2

REPORTAGENS

Atualidades da Semana	4/5
Um autor brasileiro triunfa em Londres	8/9
A bênção dos Barbadinhos	10/17
La Guardia vem ao Rio	20/22
A evolução da Galeria Cruzeiro	23/25
Figuras e Fatos	40/41

LITERATURA

Amadores (G. de Aô)	3
Idílio perfeito (Marian Reid) ...	19
O conde de Gestás (Escragnolle Doria)	26
Meio dia (Vera Sant'Anna)	27
O vigia (Mc Kinley Kantor)	34
Livros Novos (J. L.)	36/37
Melancolia (Agnes Gray)	
Os grandes concursos literários da REVISTA DA SEMANA ..	7

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Música — Cinema	35

FEMININAS

Nos bastidores femininos	28
Modelos Joan Crawford	29/31
Vestidos brancos	38/39
Modelos avulsos	52
Verão	56/57

CURIOSIDADES

Sempre existiu a "folk-dance" brasileira (Eros Volusia)	42/43
Mulheres que o mundo não esqueceu	47

HUMORISMO

De bom humor	18
"Charge" de Raul	54

CINEMA

A REVISTA em Hollywood (Luiz Serrano)	32/33
---	-------

TEATRO

Teatro Retrospectivo	44/45
----------------------------	-------

NA CAPA



Na capa de hoje, Ingrid Bergman, a consagrada "estrêla" sueca, numa das atitudes em que aparece em "Os sinos de Santa Maria", da RKO-Radio.





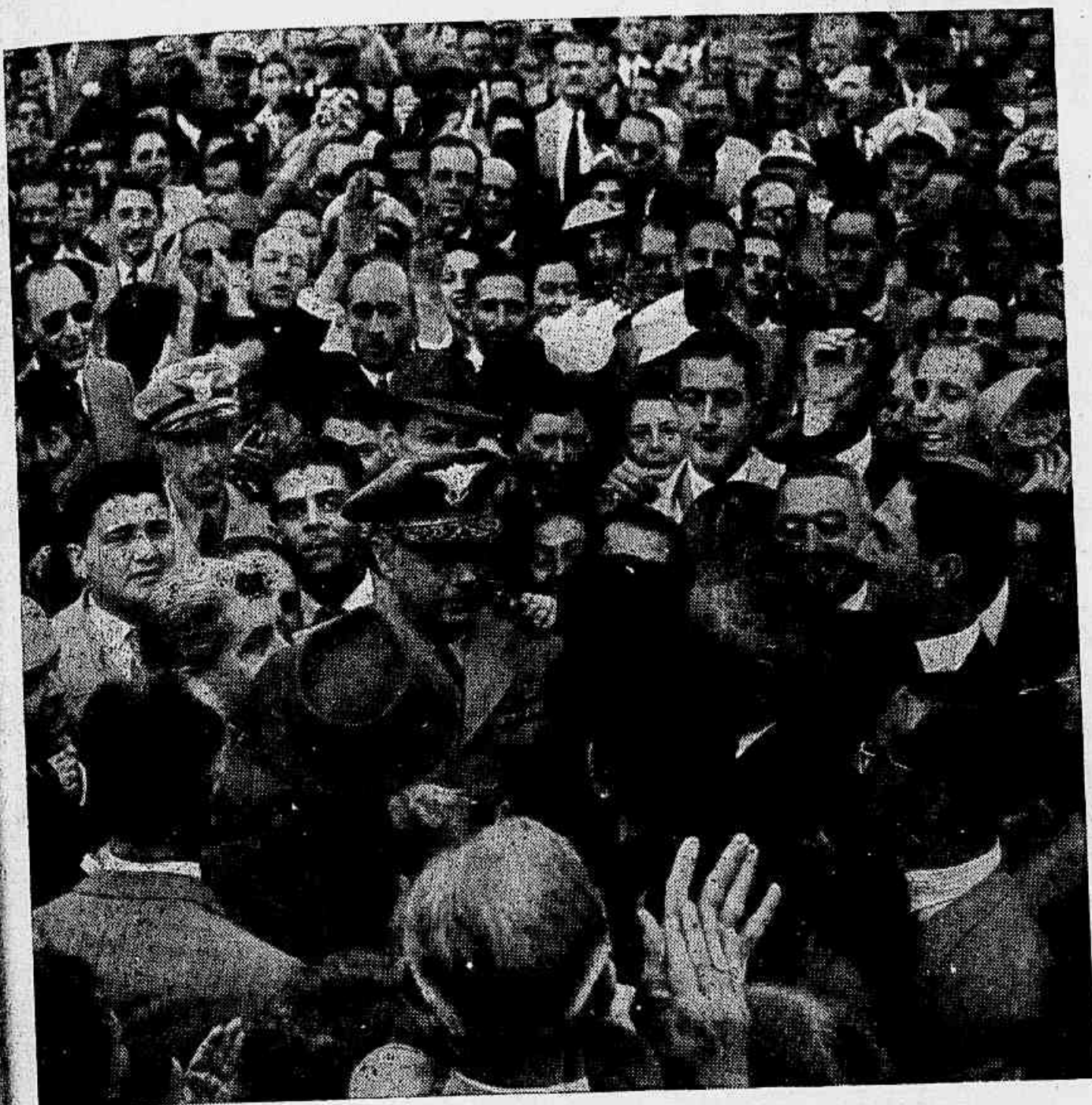
Inesperadamente, ao alvorecer do Ano Novo, circulou a notícia da morte do sr. Antonio Carlos. O organismo do velho chefe liberal não resistiu a uma súbita enfermidade e o desenlace deu-se no dia 2 do corrente. A decretação do luto oficial, feita pelo Presidente José Linhares, foi uma justa homenagem prestada ao antigo secretário das Finanças e presidente do seu Estado natal, Minas Gerais, deputado, senador, ministro da Fazenda, presidente da Câmara e da Constituinte de 1934.



ATUALIDADES DA SEMANA

Na gravura superior, um aspecto do sepultamento do sr. Antonio Carlos, quando o ataúde era conduzido para o Cemitério São João Batista. Ao lado, uma reminiscência do ilustre desaparecido, por ocasião de suas atividades na Constituinte de 34, e em baixo o féretro rodeado de parentes e amigos. Com o seu desaparecimento perdeu o Brasil uma das figuras marcantes de sua história republicana, convindo lembrar a sua participação como inspirador e organizador da campanha da Aliança Liberal.





O EMBARQUE DO BRIGADEIRO EDUARDO GOMES — Na madrugada do dia 2 seguiu para os Estados Unidos, onde vai realizar na escola de Leavenworth, Kansas, um curso de Comando e de Estado Maior Aéreo, o brigadeiro Eduardo Gomes, recebendo por ocasião do seu embarque em um "Douglas" da F. A. B., entusiástica manifestação de solidariedade do povo carioca. As gravuras desta página darão aos leitores uma idéia, embora pálida, do que foram essas manifestações populares, embora a impropriedade da hora. O brigadeiro chegou ao aeroporto acompanhado de sua veneranda mãe, d. Jenny. O público, entusiasticamente, agitava lenços brancos, improvisavam-se discursos e surgiam exclamações animadas: "Brigadeiro! Brigadeiro!". O homenageado procurava agradecer a todos, estando presentes os mais destacados líderes da campanha presidencial recentemente levada a efeito e pela qual s. s. era o candidato: os srs. Otavio Mangabeira, José Américo, Juracy Magalhães, Daniel de Carvalho, Flores da Cunha, João Carlos Machado, Odilon Braga, Hermes Lima e outros. Antes de embarcar, o brigadeiro Eduardo Gomes dirigiu um telegrama de agradecimento à Imprensa pelas atenções recebidas durante a campanha da União Democrática Nacional. Grande massa popular se aglomerava no aeroporto, para apresentar ao "leader" da U. D. N. votos de feliz viagem. O sr. Eduardo Gomes mostrava-se vivamente emocionado com aquelas demonstrações de simpatia popular, que vinham falar bem alto de seu prestígio no seio da massa e do entusiasmo com que é até hoje recebido o seu nome pelo povo carioca. A multidão que cercava o ilustre viajante no momento de seu embarque para o estrangeiro era bem uma prova de que, embora vencido nas urnas, ele continua a gozar das simpatias de seus correligionários e do respeito de seus adversários políticos. E mesmo abandonando a política, ele continua a ser um símbolo na história da Democracia Brasileira.



A SEMANA EM REVISTA

UMA HISTÓRIA COMOVENTE



"Considerando o pedido da Cantareira, que alega dificuldades insuperáveis para a manutenção de seu serviço de bondes em Niterói e São Gonçalo, e que o governo anterior estava estudando a concessão de uma subvenção para atender ao "déficit" mensal de 200.000 cruzeiros, que a referida empresa diz ter em seu serviço, além de não poder, agora, efetuar a encampação que a companhia propôs, o interventor Abel Magalhães assinou decreto, abrindo o crédito de Cr\$ 1.500.000,00 para atender ao empréstimo de igual quantia a ser feito à Companhia Cantareira, sob condições, que serão estipuladas em contrato pela Secretaria de Viação."

Esta notícia saiu publicada no "Diário de Notícias". Quem não nos acreditar que procure lê-la.

Sim senhor, isto é verdade. Quem diria, hein? A Cantareira, coitadinha, tão caluniada! Todo mundo a dizer que ela tinha dinheiro, que as suas barcas eram velhas, que os seus bondes eram os causadores dos desastres todos que lhes aconteciam. Quem diria, hein? Coitada da Cantareira. Todo o mundo a dizer que ela era milionária. E no entanto, coitadinha, ela só

PALPITE PARA O AVESTRUZ



O homem entrou na redação do jornal. O pobre reporter, cansado, dormia no plantão ingrato, debruçado sobre a mesa. E então o homem foi dizendo:

— Sou operário, vou entrar em férias. Quería que o senhor desse uma notaxinha aí no seu jornal a meu respeito.

— Mas moço, isto não é possível. Diariamente entram em férias milhares de operários, e isto não é motivo para nota nenhuma.

— Mas eu sou diferente.

— Como assim?

— Há muito tempo, eu era palhaço de circo. A minha companhia estava no Norte quando o Brasil entrou na guerra. Vim então para o Rio, com o intuito de me alistar no Exército. Fui rejeitado e fiquei sem

emprego. Passei o diabo. Muitos dias não arranjava dinheiro para almoçar. Foi então que aconteceu o caso.

— Que caso?

— Comecei a comer tudo o que encontrava pela frente: pedaços de pau, cacos de vidro, limaria de ferro, etc.

agora vai ganhar uns cobrinhos para poder cobrir o sério prejuízo que os bondes lhe davam. E ela entretanto, coitadinha, cobrando só vinte centavos por secção do pessoal de Niterói. E esse povo ingrato ainda tinha coragem de xingá-la.

E depois há outro caso ainda pior. A Cantareira, coitadinha, tinha uma barquinha. Um brinquedo de menino pobre, brinquedo velho e imprestável. A barquinha chamava-se "Quinta". Um dia, a barquinha veio fazendo água de Paqueta até o Rio. E adernou no cais. E foi ao fundo. E então a Cantareira, coitadinha, retirou a "Quinta" de circulação. Continuou com as outras fazendo o serviço da "Quinta", e mandou remendar o seu casco, que estava em petição de miséria por "Quinta", e agora a "Quinta" vai voltar, mais velha e mais causa dos malvados mariscos. E agora a "Quinta" vai voltar, mais velha e mais remendada. O dinheiro que o governo deu para a Cantareira, coitadinha, não dá para comprar uma "sexta", nem ao menos um balão, que dentro do mar seria mais seguro que a "Quinta".

E quando a "Quinta" afundar, o povo ainda é capaz de lançar a culpa na Cantareira, coitadinha. O povo que não teve coragem de abrir uma subscrição pública para a Cantareira, coitadinha, consertar a barca "Quinta".

Aqui fica pois o nosso apelo doloroso: Gente do Rio e de Niterói. Utilizem-se da barca "Quinta", que é doce e belo morrer pela Cantareira, coitadinha...

— Hun?! — fez o reporter, surpreso, dando um pulo da cadeira.

— Sim, senhor. Acostumel-me a comer tudo o que existe. Caneta para mim é sopa. Muitas vezes tomava uma média e comia a chicara como sobremesa.

Nesta altura da conversa o reporter começou a tomar notas para registrar o caso. O homem chama-se José Ferreira Filho. E' ainda moço e no entanto já ingeriu nada menos de dez garrafas, várias dezenas de lâminas de barbear, pedaços de tesouras e outras iguarias da mesma natureza.

— E o senhor está satisfeito com esta situação? — Indaga o jornalista.

— E não é para estar não? Imagine o senhor que quando todos falam em carência de vida, eu me rio deles, pois vivo muito bem. A minha alimentação não requer grandes gastos. Os cacos de vidro caídos do parabrisa de um automóvel que deu uma trombada, podem ser o meu almoço. Se não tenho dinheiro para jantar, contento-me com uma garrafa vazia. Duzentas e cinquenta gramas de limaria de ferro me alimentam por um dia.

O redator estava boquiaberto. Levantou-se, olhou para o homenzinho. Este, sereno, calmo, impassível, passou a mão sobre a mesa e juntou sua gilete e seu vidro de cola.

O reporter sorriu. Já tinha um palpite para o avestruz.

BOMBARDEIO ATÔMICO NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO



— Sim senhor, meu amigo, é como te digo. Entraram mais de duas mil meninas nos exames de admissão. Pagaram taxas, estudaram um ano inteiro. Veio a prova de matemática, que é eliminatória. Em vez de concederem às examinandas as três horas regulamentares para a resolução dos problemas, a banca restringiu o horário. Houve ainda um rigor nunca antes observado no julgamento das provas. A minha garota foi bombeada com muitas outras, mas eu não pude me conformar com isto.

— E a minha menina, meu caro? Imagine que a pobrezinha estava "uma faca" em matemática. Mas logo no início da prova soube que o tempo seria reduzido. Chegou em casa em prantos, já prevendo o resultado do seu exame. E como ela estava centenas de outras, que entraram na prova esperançosas e cheias de confiança, e que

agora se encontram desiludidas e desanimadas.

— O que eu acho injusto é o fato de se eliminarem tantas meninas apenas pelo fato de não haver vagas no Instituto de Educação. Penso que não chegarão

a passar cinquenta nas provas finais, de vez que ainda vai se realizar a prova eliminatória de português. Assim, teremos uma turma de menos de meia centena de professoras para alfabetizar a população do Rio.

— Economia, meu caro, economia. O Governo parece interessado em reduzir a verba destinada ao Instituto. Eu, se fosse o Governo, o que fazia era abrir mais três ou quatro Escolas Normais no Distrito Federal. Nós precisamos de professoras primárias, meu amigo. Precisamos e muito.

— Justamente. Mas tudo, em vez de se simplificar, cada dia se complica mais ainda. Hoje, para que veja sua filha matriculada no Instituto de Educação, o pai de família tem que perder dias de serviço, gastar fortunas. E quando consegue o que queria deve "passar a mão na parede". Vê o caso dos programas do exame de admissão. Eles deviam ter sido mimeografados e distribuídos de graça entre as candidatas. No entanto houve quem os comprasse a dois cruzeiros o exemplar.

— Está aí uma coisa que deve ser esclarecida. Um caso dessa natureza merecia uma providência severa do diretor do Instituto.

— E o que pretendes agora fazer com a sua menina?

— Vou matriculá-la num colégio particular. Nunca mais tentarei ser pai de uma professora.

NUM TEATRO EM LONDRES



Um teatro em Londres abriu suas portas para a recita noturna. Qual não foi a surpresa dos atores ao encontrar na plateia vazia apenas um espectador solitário que, de braços cruzados, assistia calmamente à peça, sorridente e alegre. Prosseguiu a representação. Ao fim do primeiro ato o diretor procurou se informar do que havia. O caixa informou então que aquele cavalheiro havia adquirido todas as localidades do teatro, para assistir sozinho ao espetáculo.

Já havíamos visto um fato igual a este, num filme bastante antigo, não sabemos qual. Naquela película o galã, apaixonado pela "estrela", adquire todas as entradas de um teatro e vai vê-la desempenhar o papel de Joana d'Arc, se não nos enganamos.

O caso de Londres não ficou porém esclarecido. Não se sabe se o espectador solitário estaria apaixonado pela "estrela" da peça ou mesmo por simples figurante. Não deu seu nome aos jornais que trataram do fato, e a sua identidade permanece desconhecida até o momento. O fato é que

ele despendeu quase mil libras para lotar sozinho um teatro de oitocentas e tantas cadeiras. E depois de assistir calmamente ao espetáculo, retirou-se em silêncio, sem alarde.

Fica assim evidenciado que o que o homem queria não era publicidade. Talvez quisesse proteger a companhia, prevendo uma vasante. Talvez quisesse ainda, por um motivo sentimental, ver a cara de alguma atriz, ciumentamente sentada em sua felicidade exclusivista.

Mas há ainda uma hipótese. Este homem talvez seja o autor da peça levada à cena. Temendo que o seu nome não levasse ninguém ao teatro, ele teria adquirido todas as entradas, para que os atores não tivessem motivo de reclamar contra o fracasso, atribuindo-lhe o insucesso. Podemos argumentar também dizendo que ele comprara as entradas para evitar uma vaia.

De qualquer maneira, o caso do teatro de Londres poderá servir como exemplo. No Rio de Janeiro os milionários de bom gosto poderiam muito bem imitar o excêntrico inglês, para evitar a vizinhança da plateia educadíssima que sempre encontramos ao nosso lado, mesmo nas mais elegantes salas de projeção, dando palpitantes e soltando piadas...

Aqui fica a sugestão.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decena das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilla e Antuérpia, em 1918, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 120,00; Seis meses — Cr\$ 60,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior, arrecado Cr\$ 1,50

Vizconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tela — Direção: 21-2621; Gerência: 21-1858; Redação: 21-4447

Publicidade: 21-3570; Fotografia: 21-3113; Portaria: 21-5842

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bala: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 484, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 288 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA, EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados

Os grandes Concursos Literários da "REVISTA DA SEMANA"

NO PRÓXIMO NÚMERO DA SEGUNDA APURAÇÃO DO CONCURSO DE CONTOS — COMO SERÃO JULGADAS AS PEÇAS TEATRAIS — O SUCESSO ALCANÇADO PELO NOSSO CONCURSO DE ROMANCES

Como já era do conhecimento do público, a comissão julgadora do nosso concurso de peças teatrais, que decidirá a quem deve caber o prêmio "Apolônia Pinto", será constituída de um representante da REVISTA DA SEMANA, um do Clube Ginástico Português, um da Casa dos Artistas, um da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, um da Associação Brasileira de Críticos Teatrais. As peças passarão sucessivamente por todos estes membros do júri, que irão selecionando os trabalhos de maior valor, até que se torne possível a escolha da peça de maior merecimento.

Em virtude de se ausentar do País no dia 15 do corrente, o nosso redator-secretário Celestino Silveira deixou de fazer parte da comissão julgadora. Representará pois a REVISTA DA SEMANA no júri o nosso companheiro Roberto Lyra Filho, a quem já foram entregues os trabalhos destinados a este concurso.

Os outros membros da comissão julgadora são os seguintes: Daniel Rocha, do Clube Ginástico Português; Joracy Camargo, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Bandeira Duarte, representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, e Floriano Faissal, representando a Casa dos Artistas.

Em virtude da grande quantidade de peças apresentadas, o julgamento deverá se prolongar até o fim de fevereiro, de modo que só poderemos fornecer ao público o resultado do mesmo no próximo mês de março.

CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

"PRÊMIO AURELIANO MACHADO"

3.ª Fase

Encerrado o prazo para a entrega de originais destinados à segunda apuração do nosso concurso permanente de contos, entramos na terceira fase deste certame.

São as seguintes as condições para a participação no mesmo:

- 1) O prazo para o terceiro concurso será de 90 dias, expirando, portanto, a 31 de março.
- 2) Os originais deverão vir datilografados em espaço dois, em folhas de napol formato ofício, num mínimo de três e máximo de cinco páginas.
- 3) O assunto dos contos ficará a critério e escolha do autor, exigindo-se, todavia, **enredo, estilo e unidade de ação** no relato da história, podendo inscrever-se autores inéditos ou já publicados.
- 4) Os originais devem ser enviados com todos os esclarecimentos do autor — nome, endereço, etc. — para Roberto Lyra Filho, Redação da REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro.
- 5) A seleção dos 12 contos, uma vez terminado o prazo do terceiro trimestre, será feita pela redação da REVISTA DA SEMANA. Os originais premiados serão publicados durante os três meses seguintes.
- 6) Cada conto premiado, uma vez publicado, facultará ao seu autor o recebimento de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), pagos na administração da REVISTA.
- 7) Os contos ficarão de propriedade dos autores, a quem é facultado o direito, posteriormente, de publicá-los onde entenderem; todavia, compreende-se que só serão aceitos originais inéditos.
- 8) Os autores poderão usar pseudônimo, se assim desejarem.
- 9) O Concurso Permanente de Contos terá como patrono o antigo diretor da REVISTA DA SEMANA e demais publicações da Companhia Editora Americana, o saudoso jornalista Aureliano Machado.
- 10) Automaticamente, em 1 de abril de 1946 será iniciado o 4.º Concurso de Contos, que terá assim, sempre, etapas de três em três meses, de modo a ser publicado semanalmente e com regularidade um conto premiado.
- 11) Não serão devolvidos os originais, premiados ou não.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

• • •

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

• • •

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre



CONTOS PREMIADOS NO CONCURSO PERMANENTE

"Melo dia", Vera de Carvalho Sant'Anna; "O esteta", Hilda Andrade da Silva; "Macumba", Vera Gomes; "Roleta", Ciro Bassini; "Encontro", Rivaldavia Corrêa; "Conselho de família", Valerio Hoffli; "A vingança do professor", José Lara; "Dia de sol", Baiano; "Última carta", Maria da Silva; "A paisagem era a mesma de ontem", Alberto Cardoso; "Tia Caridosa", Alves Borges; "A obra prima inacabada", Leda Serrador.

SEGUE PARA OS ESTADOS UNIDOS, TERÇA-FEIRA, O REDATOR-SECRETÁRIO DA "REVISTA DA SEMANA"

Pelo avião da carreira, embarcará terça-feira, dia 15, para os Estados Unidos, o nosso redator-secretário, sr. Celestino Silveira, empreendendo uma rápida viagem de caráter exclusivamente jornalístico, visitando os principais centros da grande nação amiga, de onde enviará uma série de palpitantes reportagens. Celestino Silveira realizará uma completa "enquête" sobre a vida norte-americana ao alvorecer do primeiro ano de após-guerra, entrevistando representantes de todas as camadas sociais. Essa viagem se dobrará desde Miami, Washington, Nova York, até Los Angeles, onde o nosso companheiro entrará em contacto com o "metier" cinematográfico. De volta, visitará ainda o México, Peru, Bolívia e Costa Rica, regressando ao Rio em meados de março.

Outras reportagens e entrevistas serão também publicadas no vespertino "O Globo" e divulgadas pela Rádio Globo.

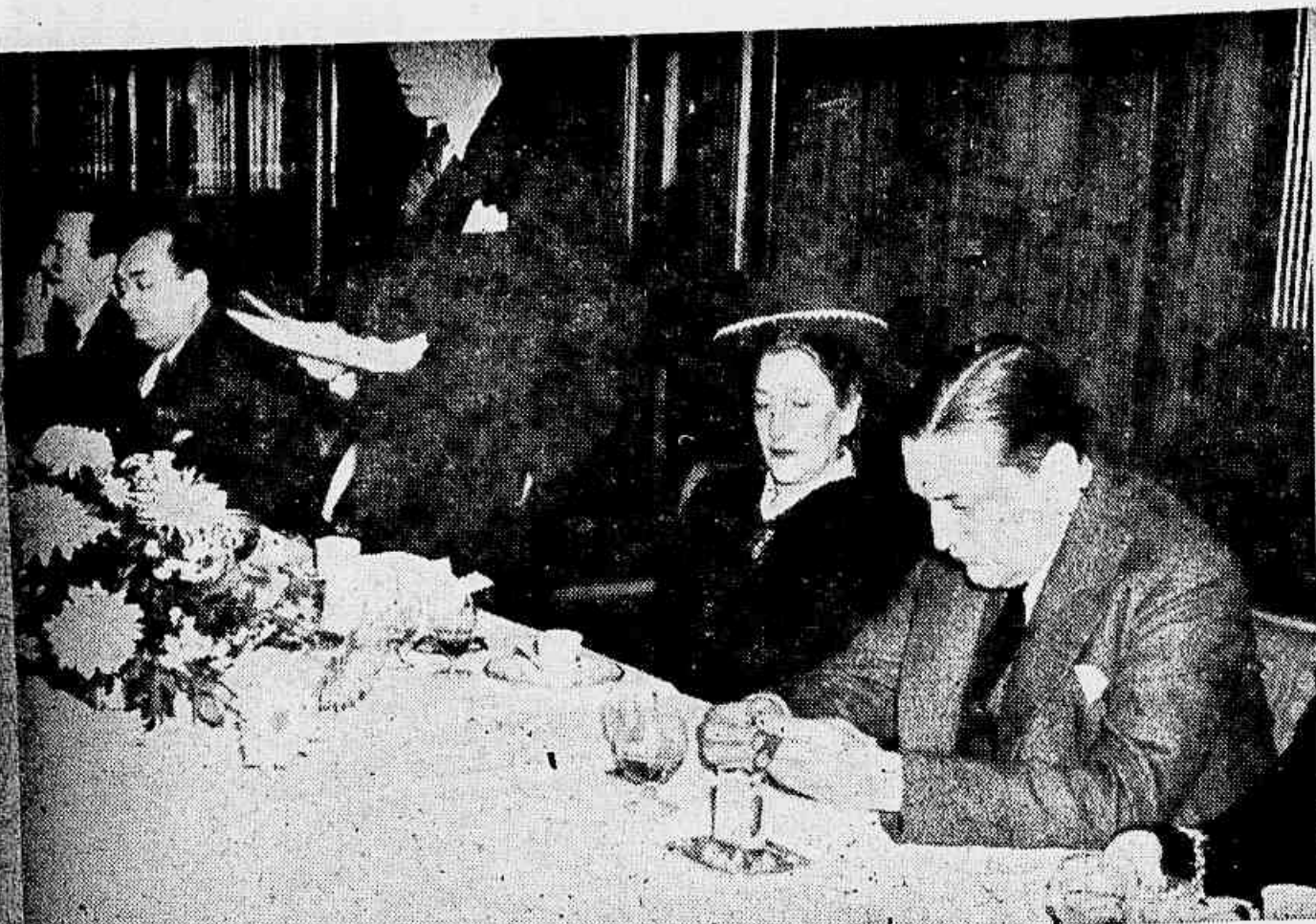
OFICINA DE 1.º ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MEDICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28

O PINCE-NEZ DE OURO
Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS. RELÓGIOS. BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



O escritor e diplomata Pascoal Carlos Magno procedendo à leitura de seu discurso de agradecimento às homenagens que lhe foram dispensadas pelos brasileiros em Londres, por motivo do sucesso de sua peça ali estreada recentemente. O discurso, na íntegra, é publicado com exclusividade pela REVISTA, nestas mesmas páginas e em posteriores.

Da esquerda para a direita, vêem-se, acima: sr. Roberto Baker, senhorita Mary Cardoso (que em temporadas anteriores fez parte de "Os Comediantes"), sr. Cleantho Paiva Leite, sr. Tereza Gomes e pintor Eros Gonçalves, responsável pelos cenários de "Amanhã será diferente", cenários que muito contribuíram para o grandioso sucesso da peça.

UM AUTOR BRASILEIRO TRIUNFA EM LONDRES

Já o telégrafo divulgou aqui no Rio o sucesso alcançado em Londres pela peça "Amanhã será diferente", escrita pelo sr. Pascoal Carlos Magno. Chegamos agora os flagrantes fotográficos, divulgados nestas páginas, colhidos por ocasião de uma festa oferecida pela colônia brasileira na capital britânica ao festejado escritor pátrio, na qual foi o autor saudado pelo cônsul geral Ildefonso Falcão. Ali se reuniram os elementos mais representativos da sociedade brasileira domiciliada em Londres. Agradecendo essa homenagem, Pascoal Carlos Magno teve ocasião de proferir o discurso que abaixo reproduzimos na íntegra:

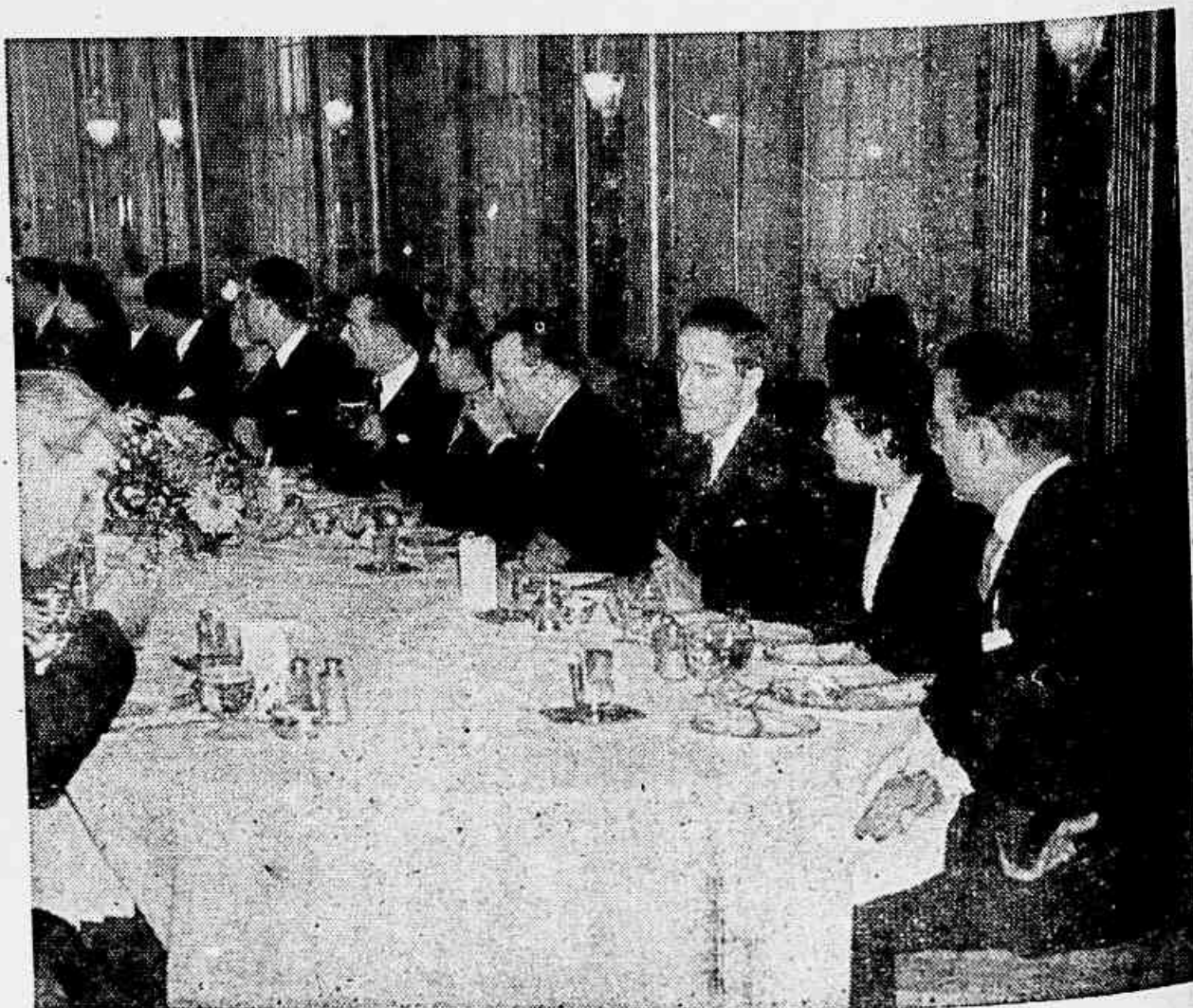
"Meus amigos. Não sei quem depois de assistir à minha peça, disse-me assustado: 'Meu Deus do céu, o que irão pensar do Brasil com aquela família!'. Olhei de frente o cavalheiro aflito: 'Você não vai pensar mal da Grécia porque Oedipo descobriu o segredo da esfinge, dormiu com a mãe e depois arrancou seus próprios olhos'. O diálogo não continuou. Foi uma pena, porque eu iria gastar muito da única coisa de que sei um pouco, e que é a respeito de teatro, desdobrando panoramas, contando entreschos, dando um trabalho imenso à memória e à língua com citações. Afinal de contas, esse cavalheiro não tinha e não tem culpa alguma de sua aflição. Ele, como eu, como milhões, fomos inconscientemente enganados pelos que nos anteciparam. Não é inutilmente que se nasce e cresce ouvindo-se em casa, na escola e na igreja, na rua e na universidade, nas lojas e nas fabricas, multiplicada nos livros e na imprensa, uma imagem errada de seu país e de seu povo. O tamanho geográfico do Brasil nos fez perder, durante gerações, o sentido exato da nossa realidade. E os falsos patriotas, amendrotados com o meio

que lhes alimentava a possibilidade de viajar, de fato ou mentalmente, pela Europa, começaram a repetir uma mentira que chegou até os homens de minha geração. Hoje, diante da crueza do atentado que sofremos, estamos fazendo o possível e o impossível para que os homens de agora e de amanhã não amarguem a mesma decepção. Disseram-me, por exemplo, que o Brasil era o país mais rico do mundo e o seu povo o povo número um. Mas não me contaram de que a riqueza, se existente e à larga, não fôra ainda explorada e que em muitos casos descoberta tinha sido mal canalizada ou entregue, distribuída, retalhada entre mãos que não as nossas. Quanto ao povo não poderia ser número um, embora suas virtudes inatas, dada a sua grande massa de iletrados e de milhões roídos de febre e verminose, perseguidos pela natureza hostil e pior, perseguidos pelos que se arvoraram seus Anjos quando não passavam de seus algozes, mais preocupados com seus problemas individuais que com os da coletividade, o particular sempre sobregairando o universal. Quando por acidente entrei para a carreira diplomática, imbuído daquelas idéias, verifiquei, de olhos abertos pela solidão, a que ponto me haviam iludido, embalando-me com um verso de canção de ruas que acabou depois refrão orgulhoso da nacionalidade jovem: 'A Europa curvou-se diante do Brasil'. Curvou-se, mas quando, meu Deus? Falaram-me na adolescência em Santos Dumont, Ruy Barbosa como nomes íntimos de milhões, num paralelo igual à popularidade de Clemenceau, Croce, Anatole France, Kipling. Do primeiro só na França, onde o sobrenome faz uma confusão que até quasi lhe rouba a verdade da origem. Sobre o segundo não vi dêle uma placa que o lembrasse nem mesmo em Haya, de onde saiu água. Aqui e ali, é certo,

umas vagas citações em compêndios jurídicos lidos por meia dúzia de especialistas. Mas, ao contrário do habito extremamente nacional, não criei nem desenvolvi no estrangeiro nenhum complexo de inferioridade. E neste mundo adulto, onde as distâncias se anularam e os países já nem sabem mais de limites ou diferenças linguísticas, resolvi ser digno da minha geração, que não tem medo de suas raízes e do seu chão. Porque só os fortes olham de frente seus erros certos de que possuem reservas capazes de corrigi-los ou destruí-los. Nunca disse a quem quer que fosse, através de minhas conferências ou artigos, em minhas aulas de português, em minha casa ou sob teto alheio, ou mais especialmente por intermédio de meu romance e agora de minha peça, uma palavra que retratasse o Brasil erradamente. Não sou, nunca fui, nem quero ser um europeu exilado. Sou brasileiro da cabeça aos pés, e lamento tanta vez não ter nas veias uma gota dêsse sangue mestiço que corre nas veias de milhões de nossos compatriotas. Apresentando-me assim, nú, sem pompas que só se adquirem em países onde as máscaras são necessárias para esconder ódios, sentimentos inferiores, ambições, tenho muito me espantado com certos botocudos, certos verde-amarelos murmurando como quem se desculpa: 'Mas Pascoal, no Brasil nunca vi mulatos ou gente de cor em círculos decentes...' Como se os envergonhasse, para só falar em alguns mortos, a companhia de Machado de Assis, Cruz e Souza, Lima Barreto, Rebouças, Francisco Braga, Evaristo de Morais, Julianio Moreira, Mario de Andrade, Pereira da Silva. Diante dessa repulsa à única e verdadeira contribuição do Brasil à civilização, que é a solução do nosso problema racial da maneira a mais cristã, o que tentei desenvolver e explicar em "Amanhã será diferente" — eu poderia repetir

Elementos representativos da diplomacia, intelectuais e artistas abrilhantaram o jantar oferecido ao autor de "Amanhã será diferente". No "cliché" abaixo estão o cônsul Santa Cruz Guimarães, cônsul Francisco Eulálio, senhora Raquel Braune, cônsul George Maciel, sr. Antonio Callado e a senhora Lucy Pais Barreto Ward, respectivamente.

Outro interessante grupo de convidados, pela seguinte ordem, da direita para a esquerda: Aurelio de Andrade, antigo locutor carioca; senhora Antonio Carlos Callado, sr. Francis Hellowel, sr. Diogenes Bittencourt Monteiro, senhora Lucy Pais Barreto Ward e o jornalista pátrio Antonio Carlos Callado, antigo redator do "Correio da Manhã".





A colônia brasileira compareceu, através de suas figuras de maior expressão social e intelectual, a esse acontecimento. Aqui estão: o sr. Eraldo Lemos, delegado do Brasil ao Congresso Internacional da Mocidade em Londres e Prata, senhora Henrique Valle, eel. Hecksher, senhora Ildefonso Falcão, embaixador Moniz de Aragão e senhora Hecksher.

Foram várias as saudações endereçadas a Pascoal Carlos Magno, no transcurso do ágape. O flagrante acima foi batido quando o cônsul geral do Brasil, sr. Ildefonso Falcão, saudava aquele escritor. Também aparecem o embaixador Moniz de Aragão, senhora Hecksher, senhora George Maciel e o dr. de Miranda Carvalho, da esquerda para a direita.

o que me disse um amigo inglês, inteligente, depois de visita que nos fez: "Seu país, pela ausência de preconceitos raciais, é talvez a única democracia no mundo". "Esse inglês, que andejou pelos caminhos do gigante que só agora resolveu acordar, não verificou somente aquele orgulho de raças se confundindo para dar ao mundo um homem-novo, mas também um mundo em que o melhor das qualidades latinas encontrou campo para expandir-se e permanecer. Entre estas, a de não haver entre nós nenhum sentido de classe e mais que, numa hora atacada pelo sentido vertical das fortunas empilhadas, há ainda no Brasil lugar — e um grande lugar! — para os que tentam exprimir sua vida interior e a aparência dos outros, através de qualquer manifestação artística. Este almoço justifica plenamente o que afirmei: filho de operário dos mais humildes, me vejo hoje exercendo uma profissão que, entre outros povos, é profissão de ricos. No segundo caso, se os brasileiros não guardassem e mantivessem a sua herança latina de aplaudir os poetas, por certos este almoço não teria lugar. Minha geração — já o afirmei em discurso pronunciado em almoço do P.E.N. Club Internacional, em homenagem ao Brasil — perdeu aquele medo que fazia o homem brasileiro, nascido e criado no trópico, sofrer quando se dizia que no Brasil fazia calor. Hoje, quando se nos pergunta: "Faz calor no seu país?", a resposta vem logo: "Multíssimo". Mas imediatamente, melhor aparelhado por experiências, que não são mais literárias nem de palavras sem profundidade, e sim baseados em conhecimentos técnicos e científicos — não precisa nem explicar, porque está ao alcance dos que não são cegos de que se pode também criar uma civilização sob sol queimando. Substituímos, é certo, a retórica barata — meu Deus, o mal que nos fizeram e ainda nos fazem certos Anjos com seus discursos messiânicos! — pela ação. Uma ação que modificou a fisionomia das nossas cidades e campos, encheu os nossos ares de ruídos e vozes e máquinas, e até, para bem dos

que servem sua terra em terra alheia, modificou o que se presumia ser o dever de um diplomata. Pensando assim, é que não posso de maneira alguma gastar meu tempo inutilmente, tanto mais quando sei que para me garantir no exterior há milhões e milhões de homens trabalhando, eu não cumprisse minhas funções, dentro da Embaixada, com uma vontade de acertar que me ninguém pode negar, e fora da Embaixada levando o Brasil através da minha pena, palavra e extroversão — como que teria a impressão de estar roubando aqueles milhões de homens cujo sacrifício físico e moral reclamam, exigem de todos nós uma compensação mesmo longínqua e diminuta. Portanto, meu caro Ildefonso Falcão, não há pois mérito algum na minha atividade. Tenho um horror natural aos comodistas e aos indiferentes. Distantes do Brasil, procuro aperfeiçoar meus conhecimentos no que mais me interessa de perto. E hei concentrado minhas melhores energias estudando teatro. Não somente como função estética ou passatempo, mas de fato e principalmente como o melhor meio de educação, porque reúne os indivíduos, sacrificando-lhe a personalidade individual pelo bem da personalidade coletiva. Existe, não para rebaixar mas desenvolver mentalidades. Daí a luta que por ele me empenho no Brasil, pelo desejo de utilizá-lo, de melhor servir ao meu povo, de trazer, por seu intermédio, para a civilização milhões de nossos compatriotas iletrados, acrescentando dessa maneira a riqueza humana do Brasil. Breve voltarei ao Brasil. E Ildefonso Falcão, você e todos os meus amigos, daqui e de lá, sabem que já tenho pronto o plano de trabalho para os meus anos de estágio no Itamarati. Na penúltima vez que lá permaneci fundei o "Teatro do Estudante", hoje multiplicado por todo o país, de influências as mais saudáveis; e na minha curta visita o ano passado, andei como um alucinado, por sete Estados, lançando a campanha de cada curso secundário ter seu grupo dramático, sem falar no

"Curso de Férias de Teatro", a que presidi e tanta repercussão causou, terminando com o julgamento de "Hamlet" por intelectuais, críticos, diretores de teatro, para um público imenso. Ainda nessa permanência de quatro meses fundei o "Teatro Experimental do Negro" e outras iniciativas. Eu continuo acreditando, sem sentimentalismos inúteis, ridículos, no Brasil. E em breve, com o apoio e o entusiasmo de Eros Gonçalves, que aqui está também e a quem minha peça deve muito de seu êxito, de todo um pelotão de entusiastas, entre os quais Mary Cardoso, hoje na Inglaterra, que do Brasil me mandam apelos para que volte o mais depressa possível, continuarei minha marcha em favor da educação pelo teatro. Eu perderia horas informando sobre esse plano. Mas só tenho um medo: de que aconteça o previsto por Ildefonso Falcão na hora da nossa chegada ao Rio. Diz ele que estarão à nossa espera uns homens graves, sisudos, silenciosos, sintomáticos e mais um certo cinzento da praça da Saudade. Mas desembarcaremos, carregados de sonhos e projetos, alguém gritará apontando-nos: "São aqueles dois". E adeus, teatro do Brasil.

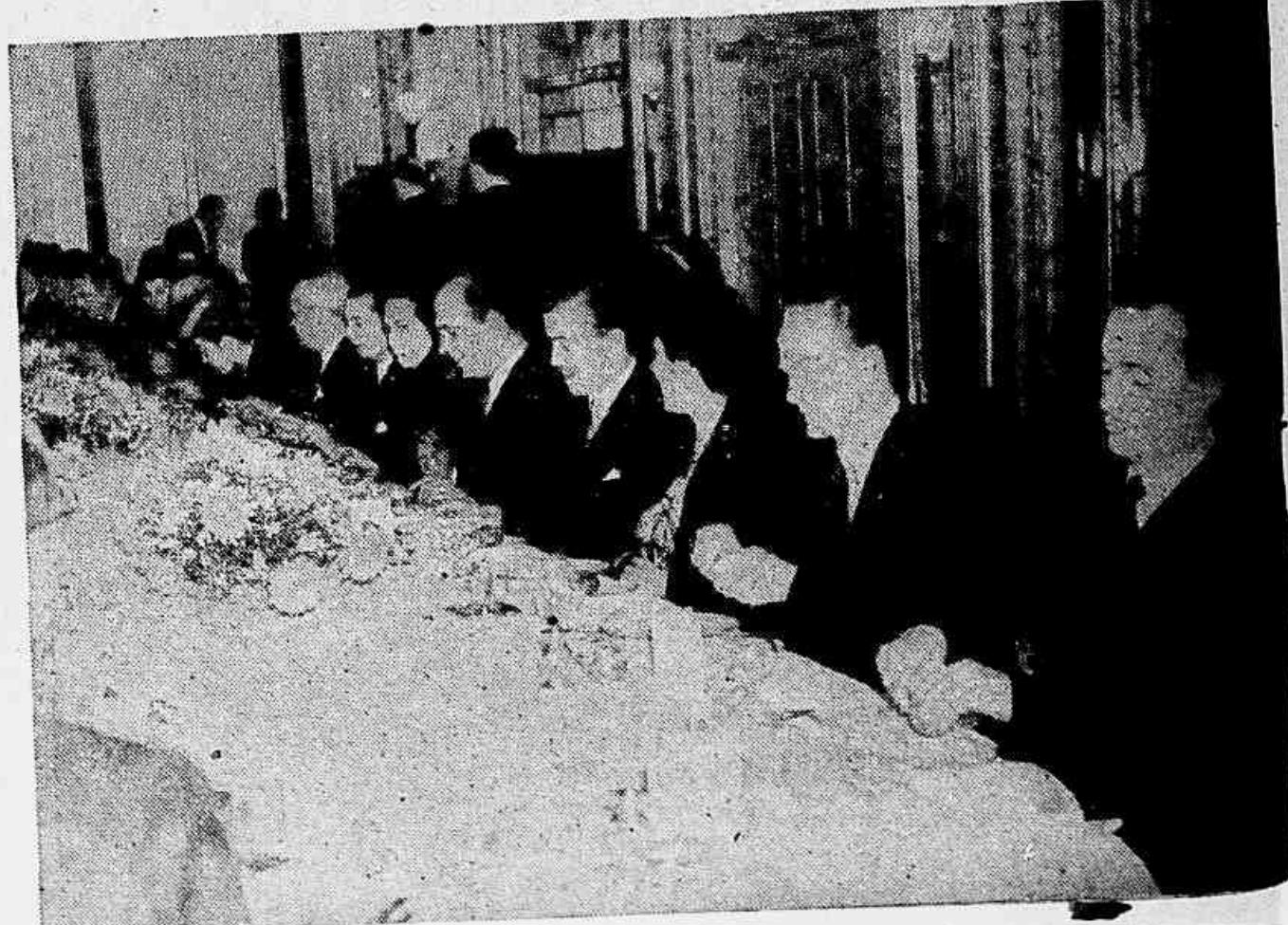
Muito obrigado, meus amigos. Obrigado, embaixador Moniz de Aragão, pelo apoio que sempre deu a todas as minhas iniciativas, as mais audaciosas, tentando propagar o nome do nosso país.

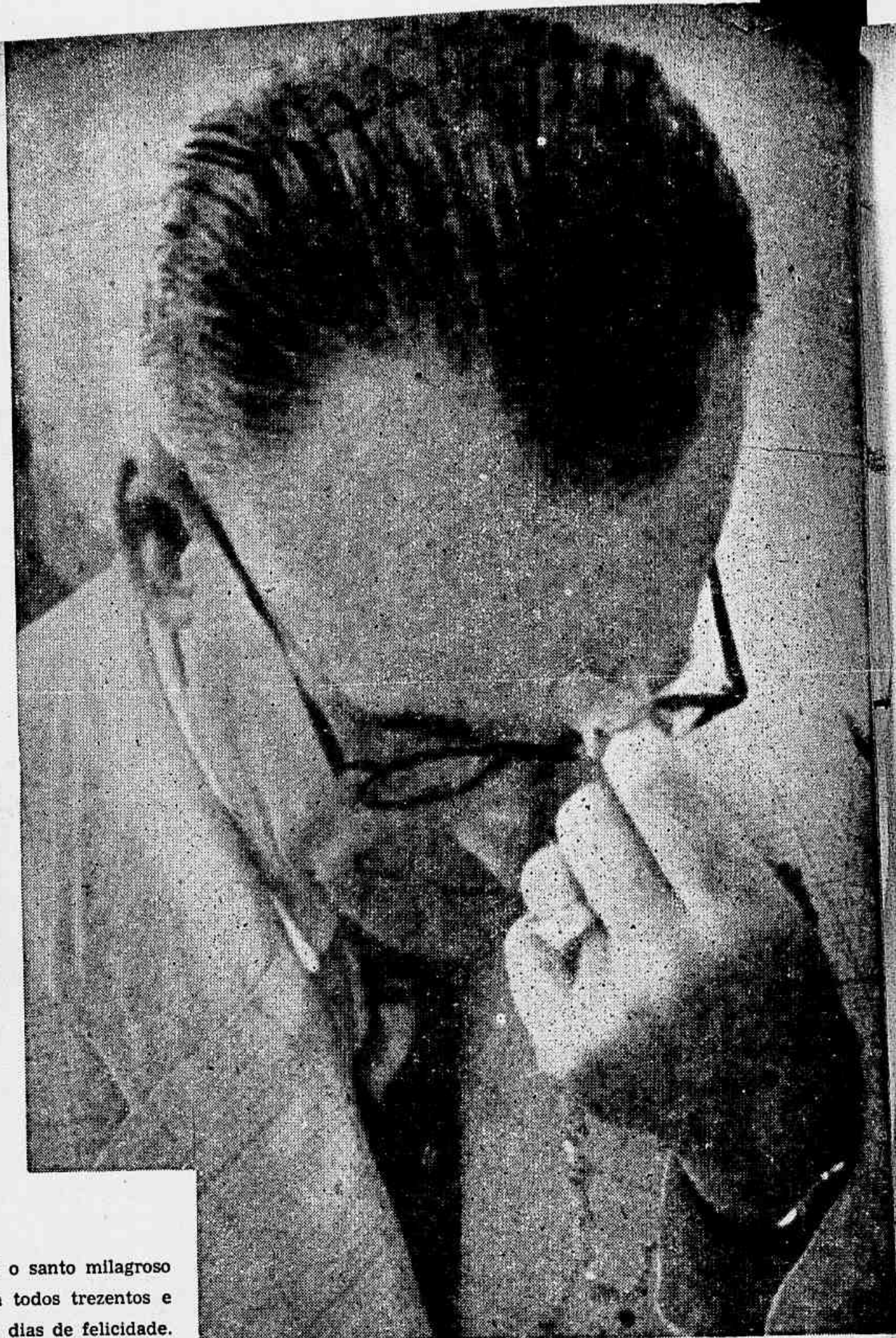
Obrigado, embaixador Freitas-Vale, que, sem me conhecer, do seu posto na Alemanha já reclamara do Itamarati não haver eu nunca figurado em lista alguma de merecimento.

Quero também dizer o meu muito obrigado àquelas mãos brasileiras que, pacientemente, lutando com falta de papel fino, fez o balão da minha peça e, mais, numa hora apertada de cupões de fazendas deu o pano, cortou-o, costurou-o e depois vestiu a Bó da minha peça. Minha mãe ou minhas irmãs não o teriam feito melhor e com mais entusiasmo. Obrigado, Berta Falcão."

Da esquerda para a direita: secretário Mendes Vianna, senhora Santa Cruz Guimarães, Pascoal Carlos Magno, embaixatriz Moniz de Aragão, embaixador Freitas-Vale, senhora secretário Everaldo Dayrell de Lima, sr. Santa Cruz Guimarães, cônsul do Brasil em Liverpool, em outro instantâneo batido durante a homenagem a Pascoal Carlos Magno.

Foi, realmente, uma bonita festa assistida por inúmeros brasileiros domiciliados em Londres. Da direita para a esquerda: sr. Maxim Reynaud, sr. William Tate, senhora Celia Neves, sr. José Carlos Palhares, sr. Manoel Antonio Braune, senhora Dirce Freire, do Consulado do Brasil em Liverpool, e o dr. Aloysio de Salles Fonseca.





São Sebastião é o santo milagroso que pode dar a todos trezentos e sessenta e cinco dias de felicidade. E quem é que não necessita de felicidade? Por isto os fiéis rezam contritamente, esperando a hora da bênção, que marcará uma nova etapa na vida de cada um.





O PRESEPE — Num recanto da igreja de São Sebastião ergue-se o presepe, armado todos os anos e que conta sempre com uma assistência numerosa. Centenas de fiéis oram diariamente diante do menino Deus, pedindo-lhe também, como a São Sebastião, maiores venturas no ano que se inicia. Junto à gruta sagrada está posta a bandeja das esmolas, onde cada um deposita o seu óbulo. O ouro dos ricos e os pequenos níqueis dos pobres se confundem democraticamente na salva.

A bênção dos Barbadinhos

A PRIMEIRA SEXTA-FEIRA DE 1946 NA IGREJA DE SÃO SEBASTIÃO — OS QUE BUSCAM A FELICIDADE E OS QUE JÁ NADA ESPERAM DA VIDA — A LONGA FILA DA SORTE — UMA GOTA DE ÁGUA BENTA MUDA O DESTINO DE TODOS

A primeira missa da primeira sexta-feira do ano começa às cinco da madrugada na igreja dos Barbadinhos, na rua Haddock Lobo. A torre alta, que parece um minarete mourisco, eleva-se acima da multidão que vai entrando, com as linhas indecisas das arestas mal desenhadas no meio da neblina fria.

Vem gente de longe, dos subúrbios distantes perdidos ao longo dos trilhos quilométricos da Central e da Leopoldina. Vem gente de bonde, de ônibus, de trem. Mas vêm também para a igreja os granfinos dos bairros da zona sul. A rua Haddock Lobo vive um dia de glória. Ao longo dos passeios alinham-se limousines de luxo; os "chauffeurs" estão dormindo nas boleias quentes, enquanto as grandes damas rezam a São Sebastião, misturadas com as lavadeiras do morro e as operárias das fábricas de São Cristóvão.

FELICIDADE PARA UM ANO INTEIRO

São cinco horas da madrugada. Encontramos no interior da igreja de São Sebastião pessoas que nunca acordaram antes do meio dia, senhoras que sempre tomaram pontualmente o seu "breackfast" na cama às dez da manhã. Mocinhas granfinas, cuja primeira ocupação foi sempre o banho de mar às 11 horas, estão confundidas aqui com as domésticas, que sempre se levantaram às seis para preparar a primeira refeição dos patrões. Numa comunhão indistinta de cores e formas, as carapinhas se confundem com os cabelos louros; as mãos calosas seguram os mesmos rosários que correm entre os dedos de unhas

UMA GRAÇA — Junto à grade do altar-mor, ela pede ao santo padroeiro que lhe conceda uma graça. Daqui a pouco, retemperadas as esperanças por um pinga de água benta, ganhará a rua com a alma sorridente, à espera de dias felizes.



esmalgadas; as bocas de lábios grossos pronunciavam as mesmas preces que as lindas boquinhas cobertas de "bâton" caro.

Aqui e ali, sobressaindo do mar de cabeças contritas que se abaixam, aparece uma expressão masculina, um homem que reza cheio de fé.

des franciscanos na primeira sexta-feira do mês, para receber a sua bênção. E desde esses velhos tempos, quando a igreja de São Sebastião dominava a cidade nova do alto do morro do Castelo, todos os meses a igreja se enchia de crentes, que buscavam a sua água milagrosa, com a avidez de argonautas que se lan-

FREI FRANCISCO ORA — Dentro do burel pardo Frei Francisco ora, num momento de descanso, entre uma missa e outra. Durante os cultos ele se desdobra entre os trabalhos da sacristia e da igreja repleta de fiéis.



males, passaria daí por diante a viver um ciclo de venturas e prosperidade.

E se assim acontecia em todas as sextas-feiras iniciais de cada mês, maior duração teria ainda, calculavam os crentes, o poder da bênção tomada na primeira sexta-feira do ano. E foi assim que a festa anual da bênção na igreja de São Sebastião ganhou o prestígio de uma verdadeira crença nova, assumindo as proporções de uma fé nascente. Hoje, tantos anos passados dessa era distante, é a mesma a fé que a população do Rio deposita no poder milagroso do padroeiro de sua cidade e na virtude salvadora da bênção recebida em sua igreja. Os tempos são outros, folhas soltas de incontáveis calendários marcaram a evolução vertiginosa do século da Bastilha para a idade da bomba atômica.

As velhas cadeirinhas que paravam em dias de bênção na porta do velho templo do Castelo, foram ganhando tamanhos e movimentos novos, até atingirem a perfeição dos modernos "packards" e "lincolns". A própria igreja do morro transferiu-se para a Tijuca e ganhou novas formas e outro estilo. Somente continuou a mesma a fé do povo no seu guia e padroeiro e a crença dos fiéis nos milagres da água virtuosa e do dia de sexta-feira.

E agora, na madrugada úmida da primeira sexta-feira do ano da graça de 1946 do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, o halo dessa fé percorre o templo novo de linhas novas, cercando de um fluido etéreo de misticismo a primitiva imagem de São Sebastião, que olha do alto para a multidão que ora, com o sangue escuro descendo em bagas grossas das feridas gloriosas que lhe enfeitam o tórax.

A HISTÓRIA DA ÁGUA SANTA

De onde nasceu, entretanto, essa crença popular e essa fé ilimitada dos cariocas no poder milagroso da água da igreja de São Sebastião, poucos sabem.

Conversando com os velhos frades Barbadinhos, conseguimos apurar que corre uma versão, julgada por eles como a mais abalada, e que conta a história da água milagrosa. Em resumo, é o seguinte:

Há mais de um século, um frade franciscano deixou a sua cela no morro do Castelo, onde então se erguia a igreja de São Sebastião, e foi fazer, em França, uma peregrinação piedosa. Entre os lugares por que passou estava a aldeia de Lourdes, em cuja gruta famosa brota a fonte de inesgotáveis virtudes, para a qual convergem romeiros de todos os pontos do globo.

Ali, como todos os visitantes o fazem, o frade colheu uma bilha da milagrosa água. Atravessou o oceano conduzindo sempre consigo o cântaro com a água de Lourdes. Chegou ao Rio.

Mal desembarcou, correu logo ao alto do morro do Castelo, para levar aos seus irmãos o presente que lhes havia trazido e que era justamente a milagrosa água da fonte de Lourdes. Foi então que se deu o milagre:

Ao subir a escadaria do templo, uma ascensão perigosa que se fazia dificilmente por degraus de pedra, o religioso tropeçou e teria rolado sobre os degraus de pedra numa queda fatal, se o púcaro não o sustivesse na queda, impedindo que ele se precipitasse pela escada abaixo.

Desde esse dia, tomando aquilo como um milagre da água de Lourdes, os Barbadinhos colocaram-na em sua pia.

O fato caiu no domínio do público. E ficou então famosa a água dos Barbadinhos, que



FELICIDADE A DEZ TOSTÕES — Esta senhora tenta adquirir na porta da igreja de São Sebastião orações milagrosas e imagens de santos. O comerciante que explora este pequenino mercado "faz a América" vendendo imagens de Santo Onofre, que dizem ser tão bom casamenteiro quanto Santo Antonio. Por aí se vê que nem só os motivos econômicos levam à igreja dos Capuchinos os que buscam a felicidade em sua água benta.

Hoje é a primeira sexta-feira do ano da graça de 1946. E' este o motivo por que está repleta a igreja dos Barbadinhos, na rua Had-dock Lobo. Reza uma crença antiga, que já corria a cidade nos tempos em que Duclerc aqui desembarcou, que a felicidade nunca se afastaria daqueles que se dirigissem aos fra-

gassem à conquista do velocínio de ouro. Contavam-se então casos milagrosos de cura, de prosperidade, de sucessos amorosos. O mais infeliz dos mortais, recebida a água benta na igreja dos Barbadinhos na primeira sexta-feira do mês, teria sanados todos os seus

a
o
o
-
e,
a
a
la
as
m
na

m
do
vi-
os
ria
ica
So-
no
nos
ta-

ira
as-
alo
no-
sti-
ião,
ora,
ros-
m o

ença
s no
o Se-

arba-
uma
bali-
rosa.

ncis-
stelo,
ebas-
nação
ou es-
ta fa-
tudes,
los os

em, o
água.
e con-
Che-

lto do
rmãos
ue era
nte de
gre:
na as-
te por
e teria
queda
queda,
escada

mo um
adinhos

E ficou
os, que





A BÊNÇÃO, AFINAL — Depois de assistir à missa e rezar contritamente um terço, a multidão se dirige em colunas compactas para o altar, onde um dos frades asperge sobre todos a milagrosa água. Na gravura vemos uma moça recebendo as gotas salvadoras, enquanto ao fundo a multidão aguarda a sua vez. "Depressa, depressa!", repete a cada instante o religioso. E homens e mulheres levantam a mão, para que seja tocada pela água dos franciscanos ao menos uma pequena parte do seu corpo.

APROVEITANDO A "CHANCE" — "Aproveitem a chance". É o bilheteiro esperto que aproveita a esperança dos outros. Para ele a primeira sexta-feira do ano é um ótimo negócio. Se a água da igreja de São Sebastião fracassar em sua finalidade, para ele, pelo menos, a bênção será farta e compensadora.



dava alívio a todos os males e curava tôdas as dores.

Aí está a história da água milagrosa, que leva agora à igreja de São Sebastião, na primeira sexta-feira de 1946, milhares e milhares de fiéis.

NA FILA DA SORTE

Figuras brancas na madrugada úmida. É longa a fila da sorte, longa e esperançosa. Figuras brancas ao longo da nave, colunas extensas de fisionomias múltiplas se estendendo através do adro e indo perder-se na rua, numa confusão de formas e de sons indistintos e desarmoniosos. É longa a fila da sorte, como é longa a fila do sofrimento. Os soldados dessas colunas gigantescas são todos voluntários que chegaram dos pontos mais distantes e diversos da cidade de São Sebastião. Vieram ver o seu padroeiro, que tem a graça de poder mudar-lhes o destino ingrato, com uma gota de água milagrosa. Vieram os franciscanos de longas barbas e padarcentos capuzes, que com um sinal da cruz podem fazer pródiga a sorte avara.

Avança morosamente a fila da sorte. As figuras se movem com vagar, mas notam-se em tôdas as fisionomias a ansiedade e a pressa. Cada um desses rostos revela uma histó-

ria, cada uma destas sombras tem um romance. Cada uma dessas personagens foi trazida aqui por uma força diferente, tôdas sabem o que querem.

Falai, sombras da fila da sorte. Falai francamente, que estamos aqui para escutá-las.

— Tenho cinco filhos para criar e não tenho marido. Meu marido morreu há dois anos. Nunca mais tivemos a segurança periódica de seu salário semanal de operário. Hoje o nosso casebre do morro está vazio, o pão é escasso, a luz não existe, a doença ronda dia e noite a porta esburacada. Entretanto a fé mora conosco. Nunca nos abandonou. Ela é o nosso consolo e o nosso pão. Estou aqui, como sempre estive. Se nunca fui atendida, não deixo morrer por isto a minha esperança e a minha fé. Tenho fé que algum dia...

Falai, sombras, falai...

— Estou velho e cansado. Há mais de seis lustros que vejo girar em minha frente a serra elétrica. Enquanto a máquina queixa-se em ruídos alternados, eu alimento o meu apetite voraz. Trago ainda nos ouvidos o silvo agudo da minha companheira de tôdas as horas. Quando clareia o dia, é ela o despertador dos homens pobres que moram no bairro industrial. Estou velho e cansado. Os meus braços



já não dirigem a madeira com tanta segurança, e tenho medo que algum dia eles sejam também devorados pelo "tico-tico". Espero uma aposentadoria. Quero descansar. Vim pedir a São Sebastião que fazer andar ligeiro o meu processo no Instituto.

— Não. Não quero fortuna, não ambiciono dinheiro. Quero apenas que meu noivo volte e que se case comigo. Só agora é que vejo que o amo de verdade. Quando voltar, abençoada pelos frades, comprarei na porta uma imagem de Santo Onofre, que uma velha vende junto à grade. Tenho fé nele e em São Sebastião. Ah! O senhor não sabia? É, sim. Santo Onofre é casamenteiro. Igual a Santo Antônio...

Estamos aqui para ouvi-las. Falai, sombras, falai.

— Como me vêem assim, coberta de sedas caras e enfeitada de jóias, julgam que eu sou feliz? Não. Eu vim de longe, vim de outras terras, onde o Natal se enfeita de neve e o Ano Novo nunca é saudado com flôres. Vim de outras terras, de infelizes terras, rasgadas pelas cremalheiras dos "tanks", revolvidas pela força das granadas. Sob essa terra revolta e infeliz ficou dormindo para sempre o meu espôso, que fazia parte da cavalaria polonesa. Não peço nada, não desejo nada. Vim rezar ao santo padroeiro de uma cidade estra-

OS QUE ESPERAM SEM ENTRAR — Estes já não têm muitas esperanças na vida. Formam nas portas do adro a longa fila dos que não entram. A própria água milagrosa dos Barbadinhos parece ser para eles uma desilusão. Na porta, eles esperam os que saem reconfortados pela bênção, para colher uma migalha da felicidade dos outros. E ali recebem a única coisa que a vida ainda lhes dá e que eles ainda esperam da vida: magros níqueis.



SÃO SEBASTIAO, O MILAGROSO — Diante desta imagem muitas gerações oraram com fervor. Simbolizado por esta estátua, o santo esteve durante anos sem conta no templo do morro do Castelo. Só saiu dali para a igreja da rua Had-dock Lobo. A mudança não diminuiu entretanto a devoção que lhe dedicam os católicos do Rio de Janeiro. Na primeira sexta-feira de cada ano milhares de mãos se elevam em preces para ele, pedindo dias melhores.

nha, pedindo paz para a alma de meu espôso no céu e paz na terra para os homens de boa vontade.

E tu, sombra titubeante, que avanças indecisamente na manhã que nasce. Fala também, que também nós te escutaremos.

— Vim de longe, vim dos lados da Urca.

Não tive dinheiro para taxi, foi um "buraco" para chegar até aqui. Perdi hoje na campista o dinheiro que o "pif-paf" me deixou no bolso. Estou embriagado, eu sei. Bebi em todos os botequins do caminho os magros níqueis que me restavam. Estou cansado, estou "pronto". Estou "duro" como um poste da Light. Ouvi

falar que os Barbadinhos tiravam "pêso" aqui estou. Espero que amanhã tenha mais sorte. A senhoria ainda não recebeu o aluguel e eu não sei onde "filar a bóia" hoje. Preciso tirar de cima de mim esta "macaca" e ver se entro bem o Ano Novo. Amanhã sei que outro dia, tenho esperanças de ver-me com menos azar. Só de chegar perto da igreja já me brilha na imaginação um palpitezinho impreciso para uma centena de avestruz...

A luz do dia invade agora a nave, coando-se através dos "vitraux" bordados. As sombras desapareceram. Uma multidão de homens e mulheres esperam a hora da segunda bênção, orando de cabeça baixa.

DENTRO DO BUREL PARDO

Dentro do burel pardo frei Francisco trabalha. Vai dando ordens para que tudo corra bem e não haja atropelo dentro da igreja. O templo é grande, mas infinito é o número dos fiéis que se aglomeram sob a nave circular. Todos desejam melhores dias; as injúrias da sorte tangeram para esta casa multidões enormes de homens e mulheres, ricos e pobres, negros e brancos, mas irmanados todos por uma infelicidade qualquer.

E frei Francisco procura alinhar todos na fila da sorte, que vai se formando outra vez em colunas extensas.

Com uma rapidez incrível, ele se desdobra entre os serviços da sacristia e dos altares correndo de um lado para outro dentro do burel pardo. Hoje é um dia de festas para frei Francisco. O prestígio de sua igreja é grande, o seu santo é adorado por toda uma população. Frei Francisco se aproxima de nós e fala de sua igreja. Recorda os tempos gloriosos em que Estácio de Sá foi sepultado sob as lages do Castelo. Relembra a fundação da Cidade, cujo marco se encontra ainda junto ao altar-mor do seu templo. Fala de velhos frades, fala de milagres de São Sebastião.

"DEPRESSA, DEPRESSA"...

Há um movimento de maré em fluxo, no mar de cabeças. Avançam todos para o altar e para as portas laterais da igreja. Em cada um destes pontos de convergência, um frade de longas barbas asperge água benta sobre a multidão que anseia por um pouco mais de felicidade. Todos erguem as mãos, com medo de não receber no corpo um pingaço daquele líquido milagroso. E um pingaço é o suficiente.

Mas é de justiça que todos recebam a sua porção, pois todos têm direito da mesma forma a gozar os benefícios dos milagres de São Sebastião. E' por isto que os frades, ao passo que aspergem água sagrada na multidão, vão apressando os que passam. A cada movimento do braço corresponde um aviso aos vagarosos:

"Depressa, depressa".

E a multidão marcha, cadenciadamente, sem dêsse estribilho. Todos caminham em ordem, ninguém quebra a harmonia das filas. O silêncio é respeitoso e profundo, sem que o quebre o mínimo ruído.

No entanto, por via das dúvidas, quatro guardas-civis dirigem o trânsito, vigiando as filas de fiéis.

Num recanto da igreja, sobre a areia alva de um presepe rústico, repousa valentemente sem medo dos ladrões sacrílegos, a salva de prata onde são recolhidos os óbulos humildes dos pobres e o ouro farto dos ricos.

Em dado momento, porém, os que oram junto ao presepe se erguem e dirigem-se também ao altar, para receber no corpo uma gota de água benta, que lhes garantirá trezentos e sessenta e cinco dias felizes, livre do azar e dos males.

A igreja esvazia-se por um momento, para logo se encher de novo de novos crentes, que chegam nos bondes apinhados e nos automóveis de luxo.

SANTO ONOFRE, CASAMENTEIRO

Na porta da igreja está uma velha vendendo orações e imagens. Entre os amuletos está uma coleção de esculturas microscópicas, talhadas em madeira frágil. São diminutas imagens de Santo Onofre. E são elas as que têm mais saída. A velha nos explica o segredo:

— Pois é isto. Santo Onofre é casamenteiro. Igual ou melhor que Santo Antonio. Não há môça casadoira que não compre uma imagem destas.

E, mal terminava estas palavras, eis que aparece uma pequena, loura e queimada, que adquire a sua imagem e lá se vai esperançosa para o ponto do ônibus.

— Ai! Santo Onofre, Santo Onofre, ora pro nobis...

E passa o cortejo das que esperam. São louras, morenas, mulatas e pretas. No fundo destes pensamentos e dominando estas esperanças há uma multidão misturada de ídolos. Por estas cabeças passam neste momento as imagens do rapaz da baratinha azul, o jogador de basquete, o empregado do armazem, o sargento do Batalhão Naval... Quantos homens lembrados... Quantas esperanças vivas...

Agora se aproxima da velha uma mulher magra e de nariz adunco, que tenta se tornar balzaquiana à custa de pomadas e óleos. O fantasma da ópera perto dela é pinto. Mas também ela tem direito à sua dose de esperança, pois os poderes de Santo Onofre são ilimitados. E a "môça" compra a sua imagem.

— Ah! Santo Onofre, Santo Onofre! Contra quem irás trabalhar, Santo Onofre, Santo Onofre? Santo do contra, amigo da onça...

"OLHA A SORTE, MINHA GENTE!"

Os que saem da igreja de São Sebastião em dias de bênção vão logo encontrando pela frente a sorte, que se lhes apresenta a preços populares: cambistas de loteria anunciam em côro o início de uma nova fase de riqueza e prosperidade.

"Olha a sorte, minha gente!"

"Olha o pavão, tigre, peru!"

E os que saem vão comprando a esperança, a doze cruzeiros o pedacinho. Pavão, cobra, tigre, peru... Quantas esperanças fantasiadas pela plumagem e pelas colorações dos totens. Quantas esperanças que morrerão amanhã, na triste desilusão de um bilhete branco...

Mas os cambistas se aproveitam da velha crença, e o seu comércio aumenta e aumentam os seus lucros. Se os Barbadinhos forem uma desilusão para muitos, para eles pelo menos não o será.

Ao lado dos cambistas de loteria estão os mendigos. Filas longas de mulheres e homens maltrapilhos, quase nus, que já nada esperam da vida. Talvez a própria bênção dos Barbadinhos tenha sido para eles uma desilusão a mais. Não podem ambicionar mais nada hoje que não sejam os restos da felicidade dos que entram na igreja. E os que saem ouvem sempre, a persegui-los pelo adro afora, o estribilho monótono:

— Uma esmolhinha, pelo amor de Deus!

E quando pingam nos chapéus furados os níqueis minguados da caridade, uma voz responde do outro mundo:

— Deus lhe pague!

E a multidão desses personagens saídos do teatro de Joracy Camargo avança sobre as sobras da felicidade alheia, numa concorrência violenta, numa disputa feroz.

Chegou a hora final. Um Barbadinho avisa, diante do microfone, que vai terminar a bênção.

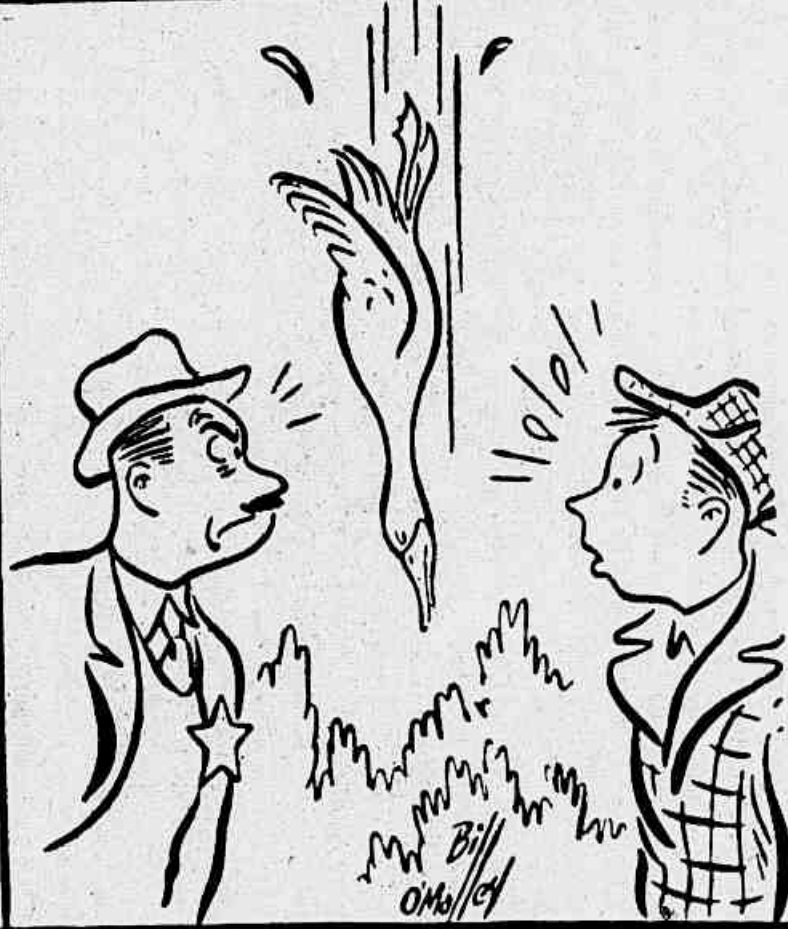
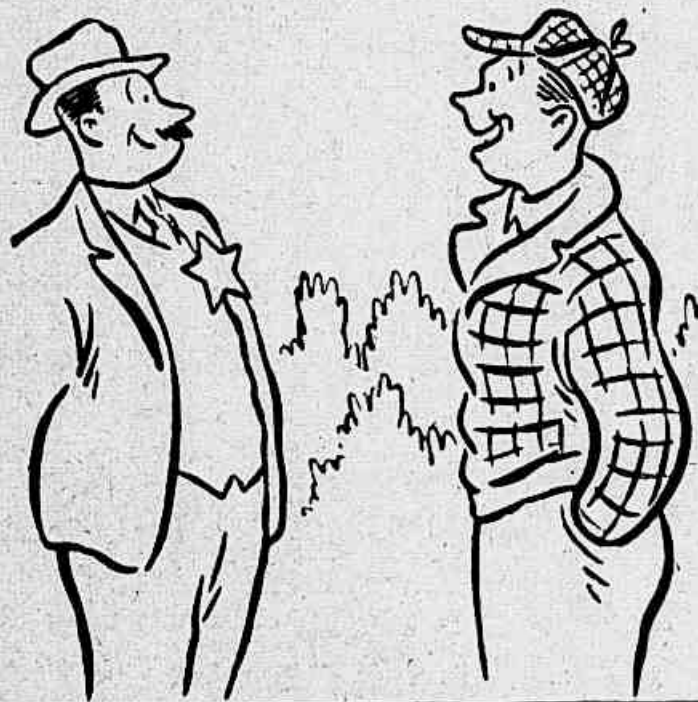
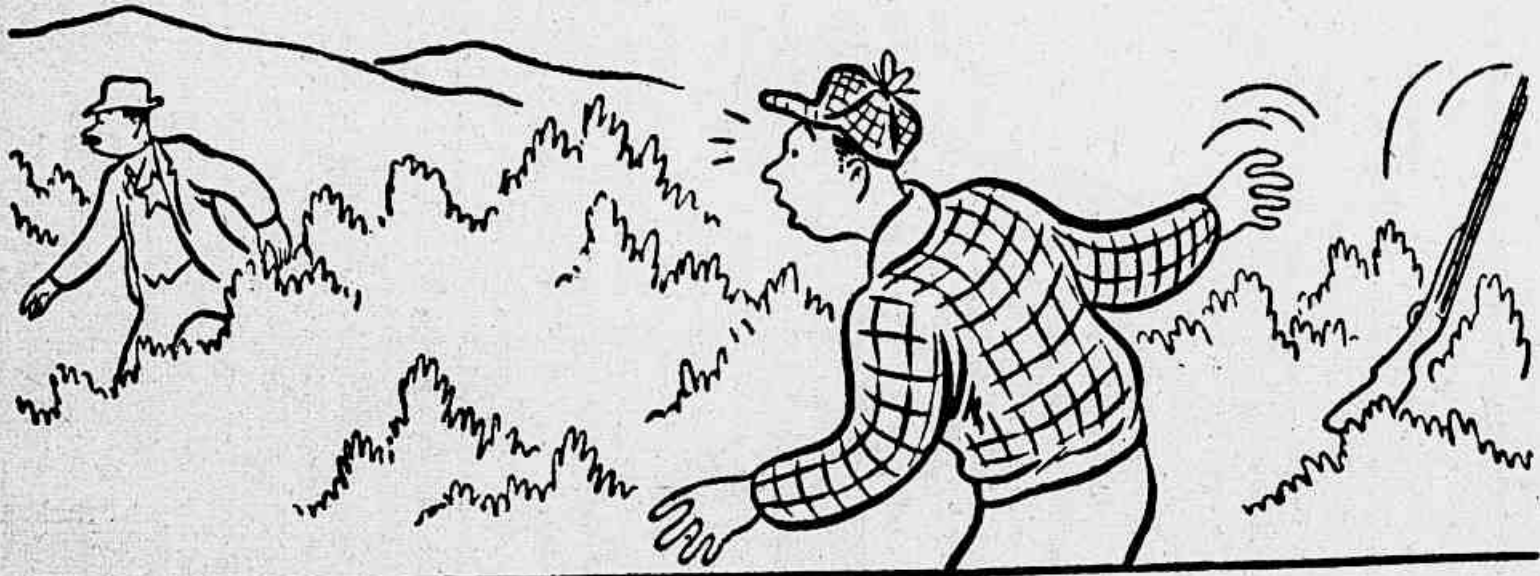
Já que estamos aqui, por via das dúvidas, não podemos deixar de receber também a nossa gota de água benta. Dirigimo-nos ao altar, levantamos a mão, olhando ressabiados para os lados.

O MARTIR — São Sebastião domina a grande igreja com a sua serenidade de mártir. Alí está a imagem, com o peito traçado de feridas heróicas, das quais jorram gotas de sangue escuro. Junto à imagem do santo uma escultura representando o Deus Menino, posta também sobre o altar-mor. Para adorar este santo vêm homens e mulheres de todos os recantos da cidade para a igreja dos Capuchinhos.

Saimos da igreja. Esperamos novos dias de venturas, contra um passado de pitimba.

Também, se esta não pegar, só mesmo recorrendo ao terreiro de Mãe Bartinha, no Estácio...





— Abaixa esse rádio, "seu" cara de chimpanzé... (Mandou-lhe dizer minha mulher...)

★
DE
BOM
HUMOR
★



— Alô, papai! Você vem do baile de máscaras?



— Por acaso o senhor não tem mais dois amiguinhos? Eu ainda tenho duas outras filhas para casar...



— Bom dia, papai... Bom dia, mamãe... Estão vendo. Eu me fiz por "si" mesmo...

Como numa cena de cinema mudo, eles se namoraram silenciosamente...

ELA guardou o dinheiro da aposta na bolsa e encaminhou-se para o terraço. Teria que achar um meio... Não podia perder aquela aposta. Não era unicamente o ridículo que a assustava. Havia, também, o aspecto econômico. Midge estava meditando sôbre tudo aquilo, quando avistou, não muito longe dela, um vulto estirado num dos bancos escondidos pela folhagem. Quem seria? Meu Deus! Era êle!

Midge contemplou-o em silêncio. Êle tinha os olhos fechados e parecia dormir. Ou estaria desmaiado? Midge franziu as sobrancelhas. Havia qualquer coisa de levemente ridículo num homem desmaiado. Mas na verdade aquela atitude assentava-lhe, pois a palidez do rosto e os cabelos louros davam-lhe um ar de herói romântico. Na verdade, era muito simpático. Midge suspirou. Mãos à obra. Sabia que as companheiras estavam observando seus movimentos. Se pudesse desincumbir-se da tarefa enquanto êle estava ali, assim, de olhos fechados, tudo estaria bem. Mas... Não. Perderia a aposta, pois especificara bem que seria êle quem... Meu Deus! Como conseguir?...

Sentia que era absurda a aposta. Mas já estava feita. Não adiantava ficar ali, parada, esperando. Aproximou-se. Sentou-se no banco. Êle mexeu-se um pouco e murmurou:

— Evangelina!

Ora essa! — pensou Midge. — E êle está sonhando. Pensa que eu sou Evangelina.

— Lina — repetiu o rapaz, num murmúrio caricioso. Ajeitou-se no banco, virando-se um pouco, e sua cabeça veio acomodar-se no colo de Midge.

Por pouco ela não o atira no chão. Mas não estava aquilo de acôrdo com o planejado? Êle estava dormindo, mas as colegas, à distância, não podiam perceber; viam somente a cabeça dêle nos joelhos dela.

— Lina — murmurou êle novamente.

E interiormente o rapaz estava pensando: "Nunca pensei que isso fôsse tão fácil. O pessoal, também, tem cada idéia! Em todo caso, a posição é estratégica. Se eu tentasse agora? Não, ela pode assustar-se. E se eu levar uma bofetada perco o dinheiro. E preciso amolecê-lo primeiro. Vou inventar uma conversa com Evangelina..."

Novamente começou a murmurar:

— Evangelina... Meu amor... Por que...?

Pausa, para dar mais convicção.

— Evangelina...

Interiormente, êle estava pensando: "Será que alguém fala tanto no sonho?"

ÍDILIO PERFEITO

Conto de MARIAN REID

— Evangelina!

Era preciso mudar a chapa, porque aquilo já estava ficando cacete!

Fingindo dormir ainda, êle muito naturalmente aninhou-se mais no colo dela.

— Volta, meu amor! Beija-me mais uma vez!

De repente, sem saber por que, êle se lem-

brou da valsa "Kiss me Again". Tratou de ir repetindo a letra, como se fôsse conversa de sono. Ela deveria estar comovida. Tinha o jeito de quem se comove com essas tolices. De si para si, êle repetiu: "Que aposta tola!"

E ela pensava: "Como terei coragem?"

E êle pensava: "Como conseguirei fazê-lo?"

(Continua na pág. 53)

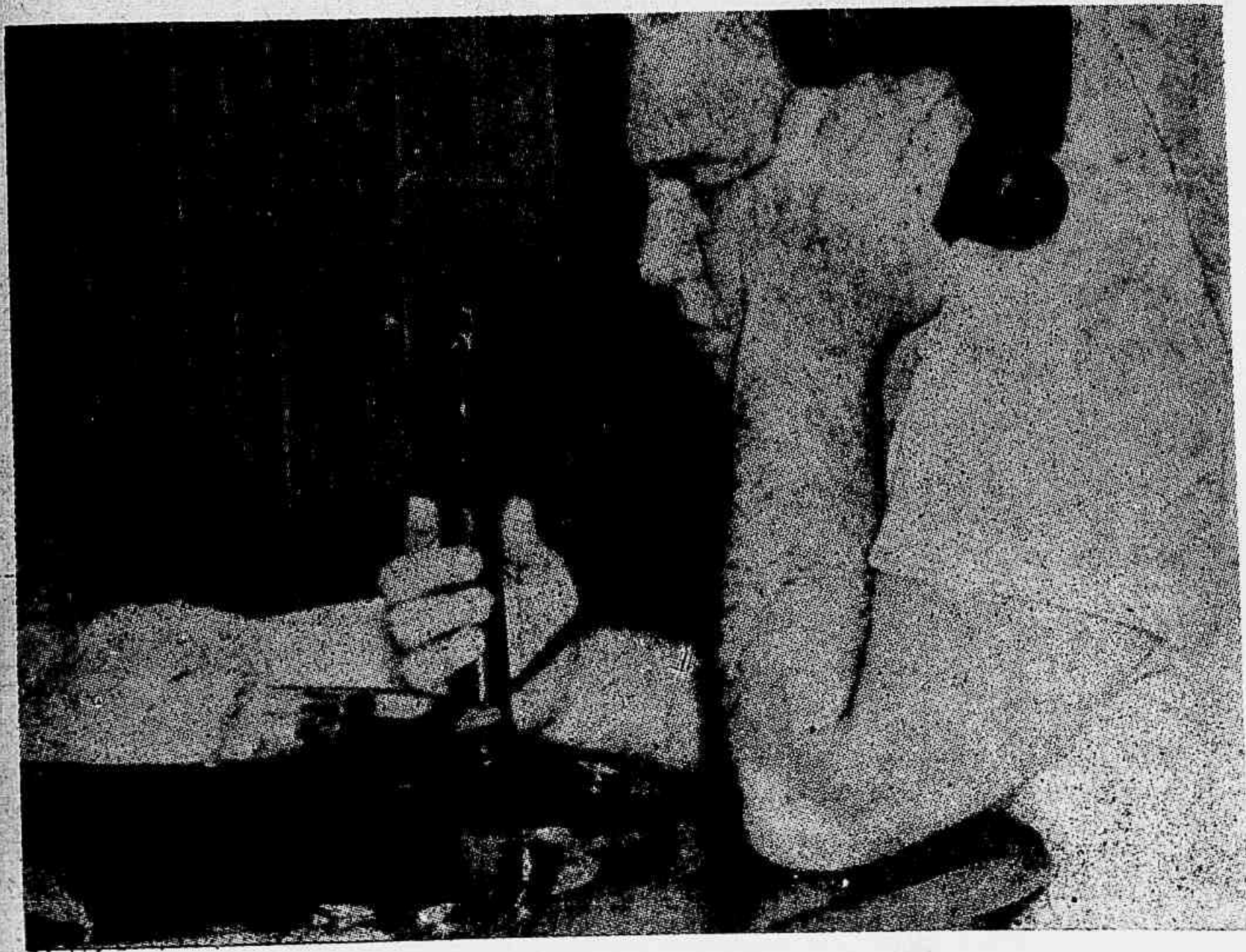




PAPAI FIORELO — Em sua residência, Fiorelo La Guardia almoça com sua senhora e filhos. Esta foto foi feita em 1937, quando o mais velho dos dois pequenos, Jean, tinha 8 anos e Eric 4. Na página ao lado, aparece uma magnífica póse napoleônica do ex-prefeito de New York, feita pelo famoso caricaturista americano Garreto.

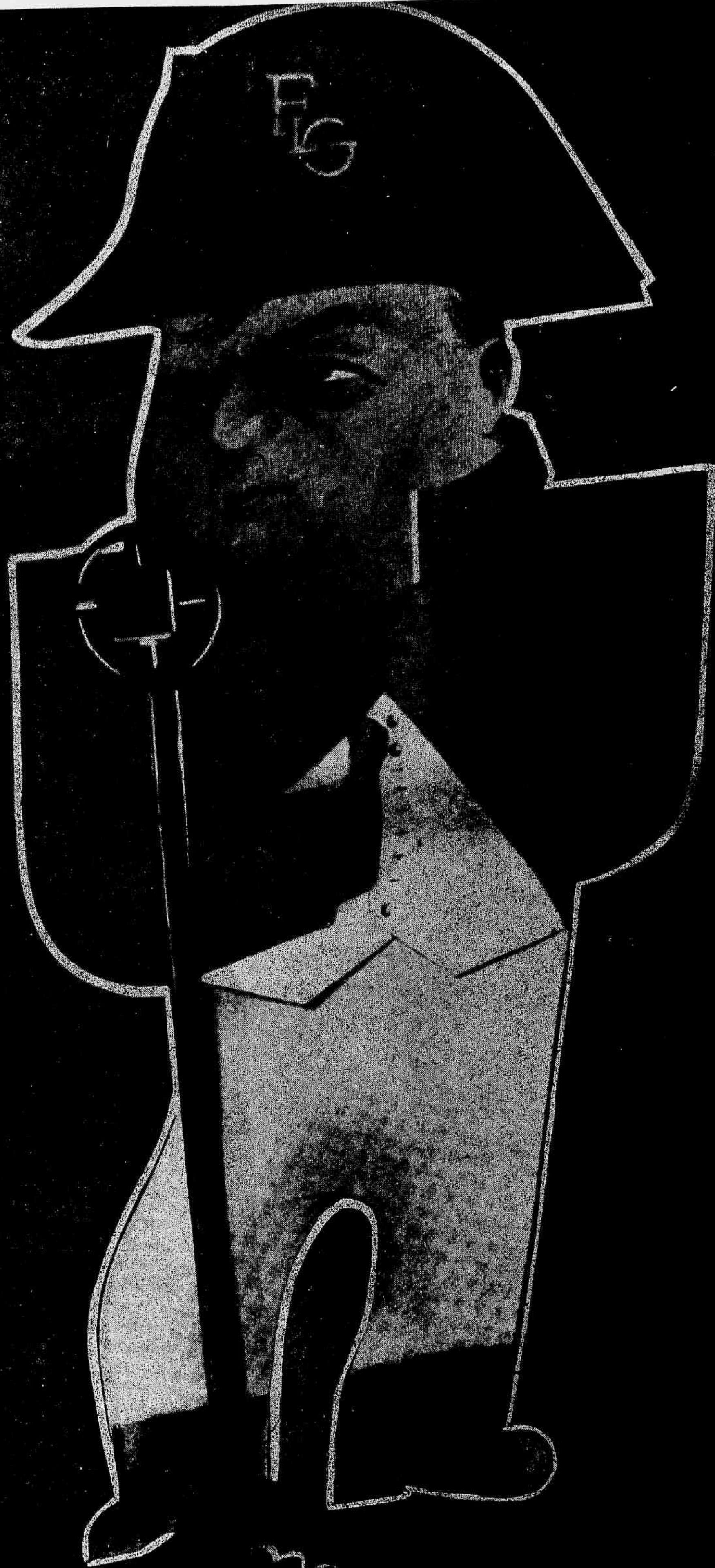
LA GUARDIA VEM AO RIO

AO TELEFONE — Mesmo em casa, La Guardia é um homem atarefado. A cada momento ohamam-no ao telefone, para resolver problemas importantíssimos para a administração e a política americanas. Aqui vemo-lo num dos momentos em que era solicitado por um amigo, para fornecer-lhe esclarecimentos sobre um "caso". Mesmo em mangas de camisa ele assume as funções de homem público.



Há quase dez anos passados, numa manhã de junho de 1936, desceram para os centros urbanos das cidades espanholas, em formações compactas, as tropas dos quartéis e as tropas falangistas, que visavam derrubar o governo democrático levado ao palácio presidencial e às câmaras pelo voto livre e honesto do povo. Pouco depois eram vencidos nas ruas os generais fascistas que se haviam levantado contra o governo democrático da Espanha. Vieram porém de Marrocos as tropas coloniais e os batalhões da Legião Estrangeira, trazidos para o território metropolitano, através do Mediterrâneo, no bôjo de aeronaves trimotores cedidas gentilmente pela Alemanha. Franco lançara, assim, pela primeira vez na história o emprêgo do transporte aéreo da infantaria. E ele, durante os cruentos combates que se seguiram, continuava a falar ao mundo, pela voz de Queipo del Llano, em nome da cristandade, cognominando-se o salvador da humanidade ameaçada pelo comunismo. E todos os democratas ouviram com agrado o seu canto de sereia, que os arautos da quinta-coluna infante iam repetindo através das distâncias.

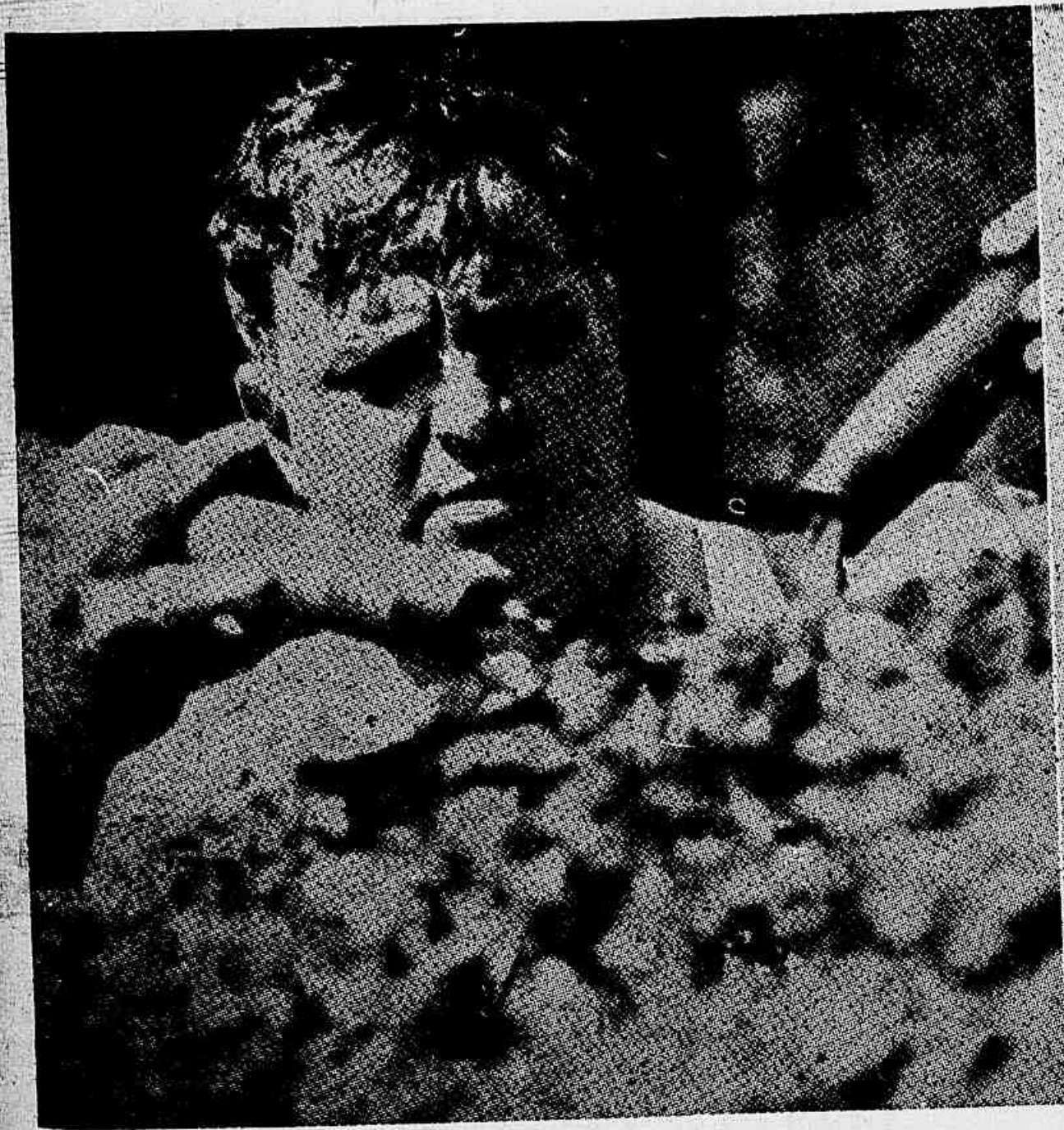
Nisto, porém, uma voz se ergueu sobre a América. Era a voz de homem inflexível, resoluto e firme, que berrava discursos nas ruas de New York, abrindo os olhos do mundo contra os seus falsos salvadores. Se os fascistas se diziam católicos, este homem mos-



inha

nhã
tros
ma-
e as
r o
pre-
ho-
idos
iam
da
tro-
ran-
boli-
o de
e pe-
pri-
orte
uen-
va a
lano,
se o
o co-
iram
e os
repe-

ore a
l, re-
ruas
undo
s fas-
mos-

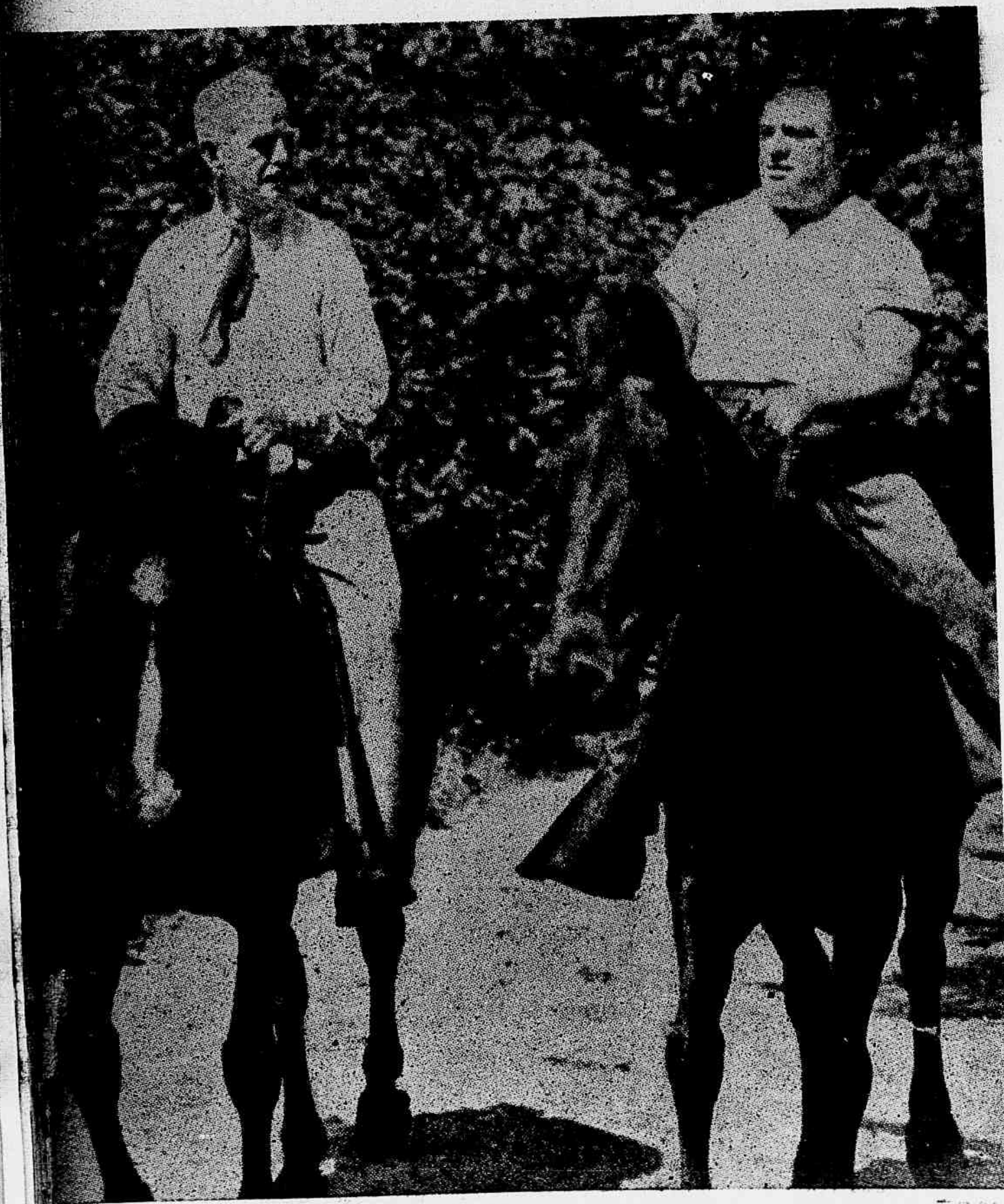


JARDINEIRO — Num de seus raríssimos momentos de folga, o dinâmico Fiorelo entrega-se ao serviço de jardineiro, aparando uma cerca viva existente em sua casa. Ele nunca descansa.



MECANICO — Além de jardineiro, o grande homem é também um bom mecânico. Ele-lo esperando a hora do almoço, entregue ao trabalho de conserto de uma complicada máquina. Isto abre o apetite.

HIPISMO — Depois do almoço, um passeio sobre o lombo macio de um cavalo fogoso ajuda a fazer o quilo. Assim pensa Fiorelo La Guardia, que nunca despreza uma oportunidade de praticar hipismo. Nesta foto ele aparece passeando ao lado de seu amigo, o presidente Raymond Ingersoll.



trava à luz da análise fria dos fatos que não poderiam ser católicos aqueles que mandaram fuzilar os padres bascos nos dias soturnos da queda de Bilbao. Se eles falavam em nome da paz, o prefeito de New York mostrava que não poderiam ser pacifistas aqueles que investiram sem prévio aviso contra as fronteiras austríacas, sem outro argumento que não fossem "tanks", sem outra justificativa que não fossem granadas. Assim despertou a América do longo sono que dormira, embalada pelo canto de sereia dos falsos democratas, que preferiam perder os seus filhos num campo de concentração a perder um "cent" de suas fortunas guardadas nas casas fortes de Wall Street.

A este homem, portanto, devemos nós, cidadãos livres da América, nascidos ao calor do sol dos trópicos ou sob o frio das neves do Hudson, a nossa liberdade e a nossa soberania, pois foi ele o primeiro a nos avisar de que precisaríamos lutar para conservar esta soberania e esta liberdade.

Hoje, dez anos passados dêsse ano trágico de 1936, quando todo o Brasil comemora a chegada vitoriosa de seus valentes soldados, que lutaram na Itália pela mesma causa defendida por La Guardia desde o primeiro avanço dos nazistas contra o mundo civilizado, os jornais nos dão notícia de que o ex-prefeito Fiorelo La Guardia será o representante do Presidente Truman na posse do Presidente Eurico Gaspar Dutra.

Nenhuma notícia poderia ser tão grata a todos os brasileiros. Nenhum cidadão melhor representaria os Estados Unidos. Como uma sincera homenagem ao grande cidadão e ao grande administrador que foi e é Fiorelo La Guardia, o inimigo público número um do fascismo, reproduzimos nestas páginas aspectos de sua vida privada, retirados de jornais americanos, que nos mostram como o grande homem vive em família: tratando do seu jardim, cuidando dos seus filhos, um chefe de família exemplar, que goza no doce conforto do lar a paz merecida, com a consciência limpa, reconfortado pela certeza de haver cumprido o seu dever para com o seu povo e para com toda a humanidade.

A EVOLUÇÃO DA GALERIA CRUZEIRO

NASCIDA em 1905, quando o bisturi urbanista do prefeito Passos rasgou no coração das velhas vielas a faixa da avenida Central, a Galeria Cruzeiro foi, desde o seu primeiro dia de existência, o ponto de convergência da população do Rio. Para isto contribuiu a centralização dos transportes elétricos da zona sul, cujas linhas tinham ali o seu ponto de irradiação.

A crônica da Galeria vem revelar-nos que, em seus primeiros tempos, ela era o ponto da elite, cujos elementos masculinos encontravam o seu "habitat" nos bars e cafés que se enfileiravam na parte da Avenida. O Hotel Avenida era então o mais chic da cidade, e por isto mesmo transitavam pela Galeria, obrigatoriamente, as figuras mais solenes do mundo político e financeiro da época. À noite, enquanto os bondes entravam e saíam aos trancos e barrancos, a Galeria começava a sua vida galante. Os poetas e jornalistas daquela geração boêmia alinhavam-se junto às paredes, para apreciar o desfile elegante das grandes cocotes daquele tempo, que tôdas as noites, como quem assina o ponto, espalhavam o seu perfume comovedor sob as arcadas da Galeria Cruzeiro.

No entanto essa vida do mais central lo-

Aqui está o centro da Galeria Cruzeiro visto do último andar do Hotel Avenida. Mesmo no meio do cruzamento, está pôsto o indicador de calor e de pressão, que quase ninguém entende, e que revela aos que o entendem uma temperatura e um tempo sempre contrários às condições climáticas do momento. Assim é a Galeria. Quem quiser ignorar o tempo olhe o seu barômetro. Os que teimarem em permanecer iludidos a respeito da temperatura consultem o seu termômetro. E quem não quiser saber as horas olhe para o seu relógio.



Ainda nos tempos da campanha eleitoral a Galeria fervia de comentários e controvérsias. Muitas vèzes, por causa de um ou mais candidatos, os frequentadores daquele logradouro trocavam murros e outras demonstrações de "afeto" e "cordialidade". Agora a Galeria está calma. Sob os restos de cartazes, os seus frequentadores discutem futebol e literatura.





Quando o movimento é maior, aparece o encarregado de levantar poeira. O "gary", melancólico e filosófico, vai fazendo chegar aos nossos pulmões o pó inerte da Galeria, que preserva o aparelho respiratório e revigora o organismo. Ah!... E ainda há quem fale mal das condições de salubridade desta Santa Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro!

Por aqui entram diariamente toneladas de cara, que saem depois em forma de líquido, vendido a setenta centavos o copo, com direito a todos os micro-organismos acumulados nas fendas dos frestos. A cara é trabalhada com sigla, mas os copos são lavados em água fria e não filtrada.

gradou do Rio era apenas exterior. No centro da Galeria, onde se cruzam as passagens interiores, havia sempre a mesma vida semi-clandestina de corretores de contrabando, botiquinhos sordidos, caldos de cana e jogo de bicho.

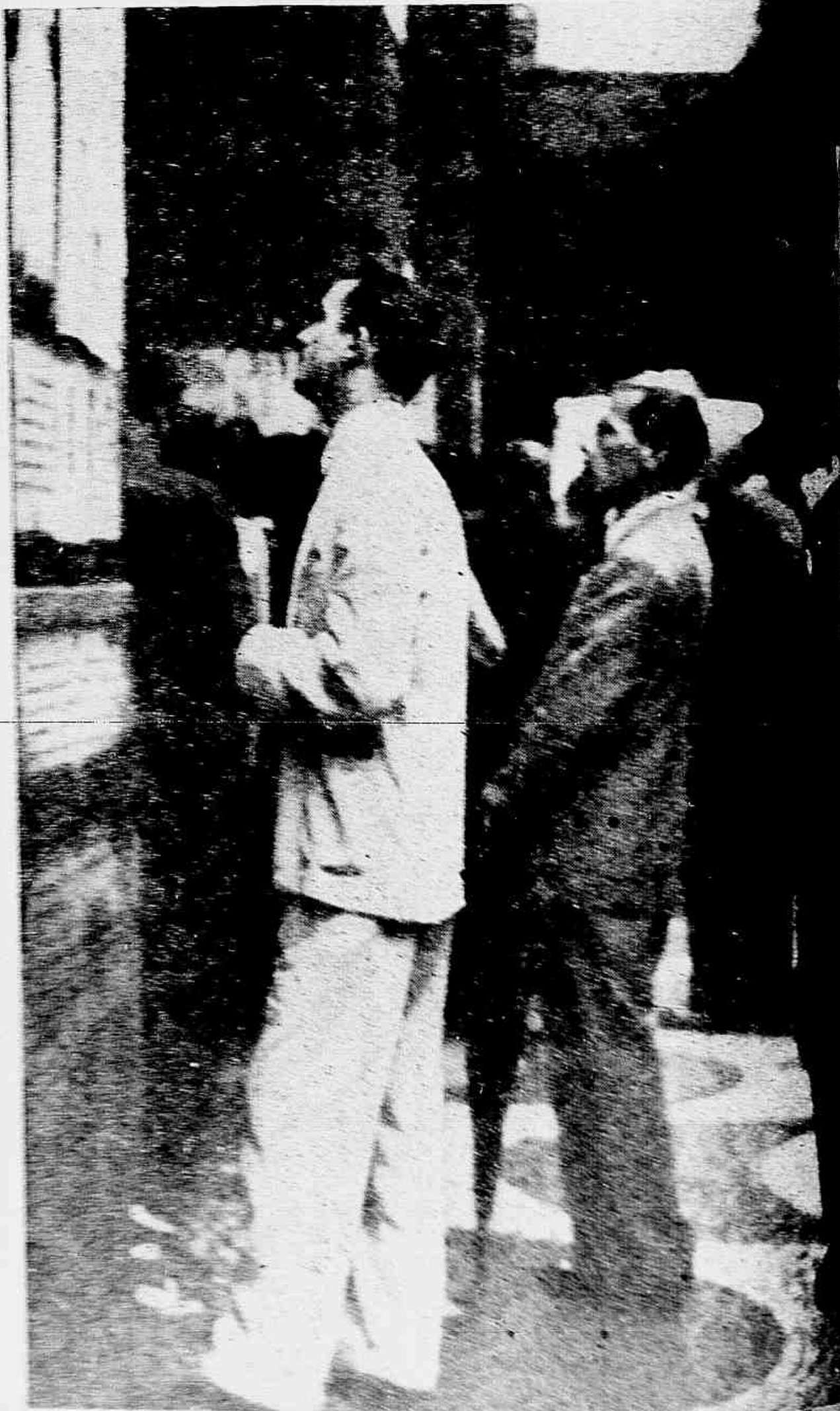
Com o desenvolvimento da cidade, também foi evoluindo a Galeria Cruzeiro. A população crescia e o movimento de veículos e de pedestres era cada vez mais intenso. Vieram os bondes batelados e a Galeria os recebeu com a mesma indiferença com que recebia o aumento de trânsito do pessoal do "calcante".

Outros hotéis foram tomando o lugar do Avenida. Mesmo assim ele continuava a hospedar os políticos do interior, que faziam dos bars da Galeria o seu ponto de reunião. A revolução de 30 acabou com essa tradição. Os que discutiam política na Galeria eram apenas amadores, ou palpiteiros vulgares, sem nenhuma influência e sem prestígio algum.

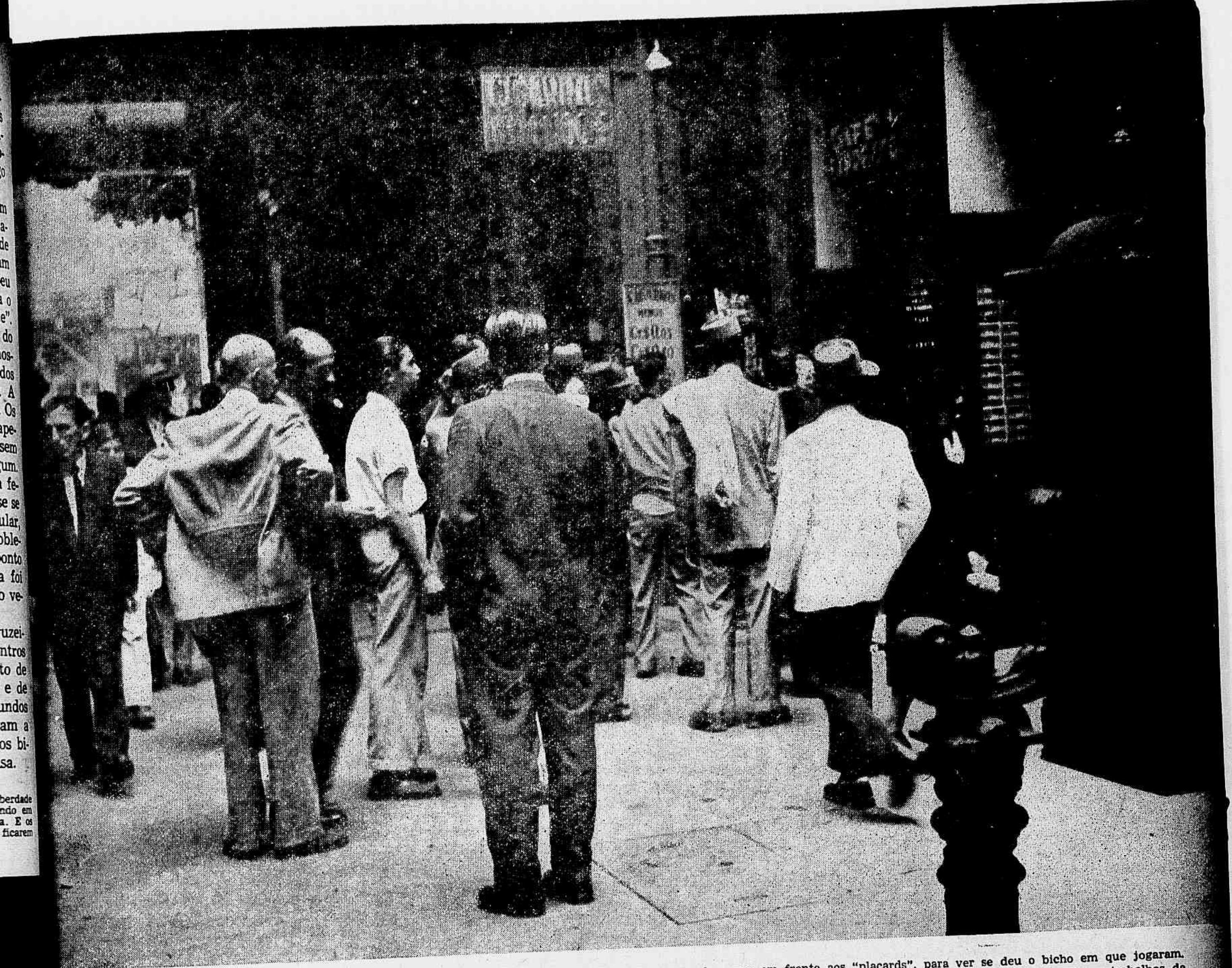
Com o golpe de trinta e sete a Galeria fechou a boca. A ditadura fez com que fosse se despovoando aos poucos a câmara popular, onde eram ventilados os mais graves problemas da nacionalidade. E a passagem do ponto dos bondes para o Taboleiro da Baiana foi outro golpe vibrado contra o prestígio do velho logradouro.

Durante anos viveu assim a Galeria Cruzeiro, servindo apenas de ponto de encontros para os namorados suburbanos, de ponto de referência para os turistas do interior, e de ponto de estacionamento para os vagabundos da cidade. Em seu interior continuavam a funcionar as casas de caldo de cana e os bicheiros faziam daquilo a sua própria casa.

O jornal mural, quando era ainda clandestino, tinha o seu prestígio. Com a liberdade de imprensa, porém, ele perdeu por completo o valor. Mesmo assim, de quando em vez, algum curioso se detém para ler o que se escreve nas paredes da Galeria. E os caracteres que ali aparecem nem sempre são coisas boas. Muitas moças já vimos ficarem coradas ao olhar para as paredes da Galeria.



to
m
a-
de
m
eu
a o
e".
do
os-
dos
A
Os
pe-
sem
um.
fe-
se
ular,
oble-
onto
a foi
o ve-
ruzei-
ntros
to de
e de
undos
am a
os bi-
sa.
berdade
ndo em
a. E os
ficarem



A hora em que chegam às casas lotéricas da Galeria os resultados das extrações do dia, todos se aglomeram em frente aos "placards", para ver se deu o bicho em que jogaram. Desiludida, a grande maioria dos jogadores rasga furiosamente os papelzinhos onde depositaram as suas esperanças. Na manhã seguinte prosseguem na Galeria os trabalhos da bolsa do bicho. As casas lotéricas não bancam essa loteria clandestina, mas é nas suas portas que se afixam os resultados, em dias de "Para Todos".

Em maio dêste ano, com o início da campanha eleitoral, foram voltando ao ninho antigo os velhos "habitués" da Galeria. Já antes os jornais murais clandestinos debatiam teses políticas e vaticinavam revoluções. Com a volta da liberdade de imprensa, voltou também a liberdade da Galeria. Os nomes de candidatos aos mais altos cargos legislativos do País eram gravados pelas paredes ou colados nos pilares. Um dia, entre eles, apareceu a designação humorística e pitoresca que um dos frequentadores da Galeria dera ao local: "Salão da Ralé".

Entretanto nas ramificações interiores da Galeria a vida continua idêntica à de 1905. Os caldos de cana mudaram o sistema de fabricação do refresco, os bars adotaram o sistema de pressão por ar comprimido para o chopp gelado.

Mas os vagabundos, os ébrios e os mendigos ainda fazem daquilo uma espécie de Pátio dos Milagres plantado no centro do Rio de Janeiro. Quando a noite chega, na "terrasse" dos bars assentam-se comerciantes e estudantes para o reconfortante chopp vespertino. Os garotos vendem amendoim torrado e engraxam sapatos. Os bicheiros fornecem os resultados da "Para Todos" aos seus fregueses habituais. A noite cai sobre a Galeria Cruzeiro. Os bars se povoam. E até madrugada, o chopp transborda dos barris fartos. À uma hora fecham-se os bars e as cadeiras de vime das "terrasse" são postas umas sobre as outras, para evitar que algum malandro as faça de leito. E então só se ouve na Galeria os passos cansados do último bêbado que se recolhe.

Ao amanhecer, o último ébrio retardatário caminha pela Galeria em direção ao largo da Carioca, para apanhar o seu bonde. Agora ele passa por um bar fechado, onde as cadeiras de vime estão postas umas sobre as outras, para impedir que ele e seus colegas façam da "terrasse" um albergue. A Galeria Cruzeiro é o ponto predileto de todos os "pau-d'água" da "urbs".





IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE PAULA ONDE EM 1837 SEPULTADO O CONDE DE GESTÁS.
(Estampa da época)

INDICADA a História qual mestra da Vida, uma das lições da mestra ensina que após calamidades publicas se nota nos povos ardente sede de prazer, de atoramentos. Esquecer, esquecer é então palavra de ordem das sociedades aliadas de males.

Provam-o, por exemplo, os tempos subsequentes aos horrores da Revolução Francesa, ás guerras ultimas do Primeiro Imperio napoleónico precipitado de seus inseguros andaimes politicos erguidos em toda a Europa, o edificio principal desabando logo após.

O Primeiro Imperio foi atravessado por guerras, luzio em grandes victorias para acabar na noite tragi-heroica de Waterloo e ser seguido pela Restauração bourbonica, entregando a Luís XVIII, ex-delfim, ex-conde de Provença, o trono de seus antepassados, segundo expressão da época.

Em 1820, Paris da Restauração era festeiro, centro de animação e recreios aos quais acudia o resto da Europa, pela invasão de 1814 posto em contacto com Lutecia.

Dando á patria lustros seguidos de paz, reerguendo o commercio e a industria, maneando as finanças com honestidade, condição *sine qua non* para a prosperidade nacional, a Restauração felicitou a França, a despeito de seus erros. E a eles que regime escapa?

No Paris de 1820 vivia o conde de Gestás, de boa fidalguia, de relações com gente aristocratica tão maltratada pela Revolução Francesa e sua sinistra população.

Devia divertir-se o conde de Gestás no Paris folgazão de 1820, distribuindo prazeres a todas as classes da sociedade por meio das mais variadas diversões. Entre ellas uma tida bem depois por grande novidade, as Montanhas Russas, de subir e descer vertiginoso.

O conde de Gestás, no Paris de 1820, era um elegante, a seguir a moda masculina do tempo, o das sobrecasacas de gola de veludo, das calças cinzentas muito curtas dos chapéus á Bolivar.

Em 1823 o conde de Gestás e sua mulher deixavam Paris, o marido enviado ao Brasil como encarregado de negocios de França no Rio de Janeiro então corte de recém-Imperio substituindo corte de Reino Unido.

Embarcou para o Rio de Janeiro o casal Gestás, para cansaço de mar, o do tempo das navegações á vela. Sessenta e tres dias de oceano suportaram os condes de Gestás até aportar á capital brasileira, a 13 de Novembro de 1823.

Temos vaga noticia de haver publicação de Memorias do conde de Gestás. Se existam nos seriam agora de auxilio. Lamentando a falta, valha-nos prata de casa, isto é o que se sabe de ciencia propria, aquela prata mais valiosa se não passou por mão alheia.

Em a nossa está uma carta indilgada, tanto mais curiosa quanto escrita bem pouco após a chegada de Gestás ao Rio de Janeiro. A missiva é dirigida a senhora de linhagem, apenas designada por titulo nobiliarquico.

Diz a referida carta:

"Senhora Baronesa — Trazendo ao Brasil a lembrança de todos os obsequios com os quais me honrou, bem como os de toda sua familia, cumprio o dever do pedir-lhes a continuação de seus favores.

Após prolongada, mas feliz travessia, tive o prazer de entregar a uma tia querida uma cara sobrinha por ela havia muito tempo esperada com impaciencia, julgando assim ter-lhe proporcionado mais alguns anos de vida, a sua saude estando em melhores condições do que eu pensava.

—ESCRAGNOLLE DORIA—

O CONDE DE GESTÁS

A Senhora Gestas pede-me para apresentar-lhe, bem como a suas filhas, sinceros cumprimentos, ella está se acostumando com o paiz e com os calores deste tanto quanto o seu novo estado permite.

Felizmente a montanha (a Tijuca), que ella vai visitar o mais frequentemente que pôde, é-lhe de grande alivio na montanha onde por cuidados de minha boa tia os cafés e outras plantações se acham muito prosperos.

A imperatriz (D. Leopoldina) digna-se visitar o sitio algumas vezes e pareceu muito contente por ver no mesmo sitio uma sobrinha de Chateaubriand como por comer uma empada de galinhola.

Não lhe falei de politica, minha senhora, não querendo entediar-a com a de um paiz sem nenhuma ideia do que ocorre na Europa, não obstante com altas pretensões e caminhando a despeito de tolices de toda a especie, crendo que ha de sair-se bem por haver no mundo gente feliz sempre em tudo favorecida.

Achei-me muito satisfeito por occasião de minha vinda por vencer obstaculos de todo genero e mais contente ainda me sentirei se a senhora se dignar dar-me algumas vezes provas de sua lembrança e de aceitar a segurança da respeitosa homenagem com a qual tenho a honra de ser, Senhora Baronesa, seu humilde e muito obediente servidor — Conde de Gestás.

P. S.—Queira desculpar-me se tonho a liberdade de fazer-lhe entrega de uma carta para o Snr. de Villèle, ella se relaciona com os nossos interesses no Brasil. Conto sempre com a amavel amizade do Snr. Erzen a quem ofereço mil cumprimentos. Espero que o pai do mesmo aceite minhas respeitosas saudações."

A carta do conde de Gestás, alóra o seu lado afetuoso, contem informações de proveito sobre vida carioca em 1823.

Mostra-nos propriedade franceza na Tijuca onde se cultivava café. Não só a condessa de Roqufeuille, tia da condessa de Gestás, se dedicava á cultivo de café. Alem daquela senhora, vinda ao Brasil no tempo do Principe Regente, outros transmigrados da mesma epoca plantavam café na Tijuca, local de refrigerio na estação calmosa e casitigante do Rio de Janeiro.

Fugindo por horas da cidade encolorada, a imperatriz Leopoldina passava algumas horas no sitio tijeicano da condessa de Roqufeuille, em condições de trocar com a arquiduchessa possiveis recordações em costumes diversos dos brasileiros até culinarios, haja vista o prazer de encontrar á mesa da condessa de Roqufeuille, sobrinha de Chateaubriand, uma empada de galinhola preparada á moda europeia.

Como na carta do conde de Gestás se lembra francez celebre, qual o visconde de Chateaubriand, não fique sem menção que o post-escrito da missiva se refere a uma das figuras politicas mais em evidencia da Restauração, o conde de Villèle.

Para desempenho de missão no Brasil, recebera o conde de Gestás instruções reservadas de Chateaubriand, então ministro dos Estrangeiros.

No Rio de Janeiro encontrara Gestás em 1823 o seu exonerado antecessor, João Batista Maler, no exercito portuguez chegado ao posto de coronel e representante da França no Brasil de 1815 a 1823. Maler teve tempo para observar o sucessor, só deixando o Rio a 4 de Março de 1824.

Em função diplomatica de 1823 a 1827, o conde de Gestás, defendendo influencia franceza no Imperio, acompanhou os principais sucessos dele no decurso do Primeiro Reinado, o juramento da Constituição, a Confederação do Equador, a guerra platina, obrigando o Brasil a alistar tropas alemãs e irlandezas, a passageira entronisação de D. Pedro I por morte de D. João VI em 1826.

Finda vida diplomatica no Rio de Janeiro, nele licou o conde de Gestás para começar vida brasileira. De como nesta se portou disse o dr. De Smoni, outro servidor prestimoso da patria adoptiva.

"O conde de Gestas era mui humano, sobrio, frugal e castissimo, de bellas maneiras e de costumes angelicos, instruido, perito e habil na musica e nas artes mecanicas, de genio ativo e trabalhador e muito apaixonado pela agricultura e pelo commercio.

Não ha membro da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e pessoa alguma que de perto tenha conhecido o conde de Gestas que possa achar exagerado o que digo dele".

O conde de Gestás instalou casa na ilha do Moinho depois do Vianna. Tornou-se pomicultor, oferecendo continuas informações de seus trabalhos agricolas aos consocios da Auxiliadora no gremio da qual muito considerado.

Pomicultor inteligente, conscio que a terra sabe retribuir cuidados de plantação, o conde de Gestás mandava vir sementes de vegetais europeus, tentando obter-lhe as flôres e os frutos, no seu jardim insular carioca ao qual muito apegado.

Apreciava Gestás, o pomicultor, as frutas nossas indigenas ou aclimadas. Quando o antigo mercado do Rio de Janeiro conhecia anualmente enormes e baratissimas frutas de conde não faltava quem áquelas frutas, vindas em abundancia da ilha do Vianna, ligasse o nome do seu maior cultivador, o conde de Gestás.

Freyinet atesta que, do seu pomar da ilha do Vianna, o conde de Gestás deu a conhecer ao Rio de Janeiro a maçã, o morango, a ameixa, o abricó.

Admirador da natureza brasileira e em particular da bahia do Rio de Janeiro, nesto entretanto teria nobre fim de vida o conde de Gestás.

Muitas vezes, Gestás enfrentára mau tempo na bahia para comparecer ás sessões da Sociedade Auxiliadora.

A 28 de Julho de 1837 voltava o conde para a ilha do Vianna. Sobre ondas agitadas, regressava de outra ilha onde fôra socorrer familia indigente. Acompanhava-o um creolinho, que, a um subito movimento de canoa, cahio no mar.

Para salvar o pequeno, o conde de Gestás atira-se ás aguas, perece sem conseguir salvar. Seu corpo foi encontrado sobre rochedos, aí lançado por levantar de vagas.

Muito Rio de Janeiro acompanhou o solene funeral do conde de Gestás, nacionais e compatriotas confundidos na homenagem. Sepultos em catacumba da igreja de São Francisco de Paula, os restos mortais do conde de Gestás, foram em occasião propria reclamados pela viuva, talvez para repatriar-os.

Dois romes de francezes como amigos do Rio de Janeiro — Debret e Glaziou — estão em logradouros publicos cariocas. E, a titulo préstimo, cabe premio igual ao conde de Gestás, figura, amigo, servidor da cidade.

CLASSIFICADO NO CONCURSO DA "REVISTA DA SEMANA"

MEIO-DIA

Conto de

VERA SANT'ANNA ★

Ilustração de

MIGUEL H.

letras grandes que estavam escritas em cima do papel:

— A senhora sabe ler, d. Aspásia? Então leia aqui.

A palavra era danada, mas eu acabei lendo: BI-O-LO-GIA.

— Sabe que quer dizer isso? — perguntou êle.

— Não senhor, nunca ouvi falar de semelhante coisa.

O velho deu uma risada. Êle sempre diz que perto dêle eu sou pernóstica. Depois virou-se para mim e disse:

— Acho que para lhe explicar vai ser um pouco difícil. Mas, para a senhora não ficar zangada comigo nem morrer de curiosidade, fique sabendo que estou estudando Biologia há

vingte anos, e até agora ainda não acabei de estudar.

Aí êle parou e não disse mais nada. Mas daí a pouco foi êle quem me chamou. Tinha um retratinho na mão que parecia muito velho. Estava cheio de pintinhas amarelas e muito apa-

(Continua na pág. 48)

FOI há uma semana, mais ou menos. Até hoje não penso em outra coisa. Até hoje não consegui convencer d. Silvinha que tudo não passou de uma grande mentira. Uma mentira de "seu" Zacarias. Mas é por isto mesmo que ela não quer me acreditar: por ter sido "seu" Zacarias!

Não quero que ninguém pense que estou inventando. Graças a Deus, nunca me pegaram dizendo coisas que não sejam verdade. E, além disso, acho que eu nunca seria capaz de inventar uma história tão esquisita como aquela que vi. Porque eu vi tudo, com êsses olhos que aqui estão. Preferia não ter visto, mas tive que ver porque a porta estava aberta.

Tudo se passou lá na pensão de d. Deolinda. D. Deolinda é minha patroa. Uma boa patroa, aliás. Só tem um defeito: fala muito. Não fala mal, não, mas fala muito. D. Silvinha e "seu" Zacarias também moram lá. São pensionistas de d. Deolinda já faz bastante tempo. Logo depois que d. Silvinha veio morar em casa de d. Deolinda, "seu" Zacarias apareceu. Só hoje é que eu sei por que foi que "seu" Zacarias se mudou para a pensão de d. Deolinda.

Um dia antes eu tinha estado no quarto de "seu" Zacarias, fazendo a limpeza. Êle nunca sai do quarto e passa o dia todo a escrever. De vez em quando pára e vai até a janela espiar umas plantinhas que êle deixa crescer em cima de uns algodãozinhos molhados. Tem paixão por aquelas plantinhas. E por d. Silvinha. Mas é um homem muito às direitas, de muito saber. Chama a gente de "dona" e dá confiança de falar com a gente quando está de boa veia. Naquele dia eu senti umas cócegas na língua, e enquanto ia fazendo a cama dêle fui perguntando:

— "Seu" Zacarias, que é que o senhor tanto escreve, hein?

"Seu" Zacarias parou de escrever, pôs os dentes todos de fora que nem aquêles esqueleto que êle tem pendurado do lado do armário e me mostrou umas



★ NOS BASTIDORES FEMININOS



PASSARAM-SE os dias de festas: Natal... São Silvestre... Ano Novo... Reis... Nesses dias você não pensou senão em se divertir, e fez muito bem.

Comeu muito, bebeu muito, dançou muito, andou muito, tagarelou bastante, comprou presentes, deu presentes, recebeu presentes. Enfim, você viveu dias de grande agitação, sem se preocupar muito com as consequências possíveis.

E' possível que a balança acuse umas graminhas a mais, como é possível também que o cansaço tenha marcado um pouco a sua fisionomia. Tratemos portanto de voltar à antiga "forma". Diga adeus às guloseimas, às correrias, às canseiras e vamos iniciar um período que pode durar de 10 a 20 dias e que chamaremos "período de restauração".

Durante esses dias você fará uma pequena dieta, alimentando-se principalmente de legumes e frutas. Coma muita salada, uma ou duas frutas em jejum e nada de doces, massas, sopas ou gorduras. Deitar cedo, procurando dormir pelo menos 8 horas por dia; pela manhã, antes de entrar na fila do ônibus (se é que você trabalha), deverá dar uma boa caminhada; fazer ginástica respiratória antes do banho; à noite caminhar um pouco, depois do jantar, e não esquecer de ir cedo para a cama.

Passados esses dias, você verificará que o peso voltou ao normal, que readquiriu o seu aspecto jovial e sadio e que as marcas do cansaço já não mais enfeiam o seu rosto.

Feito isto tudo, você estará novinha em folha para... a próxima farra: o Carnaval da Vitória! — LÚ.

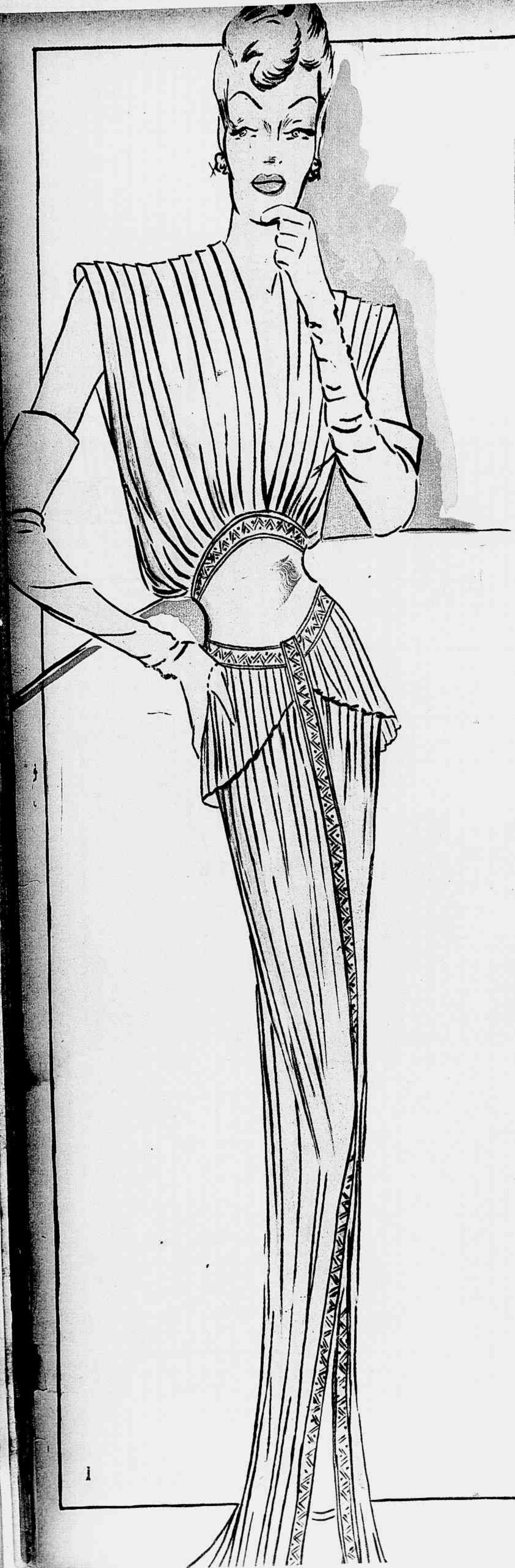
Milo Anderson, entre todos os figurinistas de Hollywood, foi o escolhido para criar os modelos que Joan Crawford usa no seu primeiro filme para a Warner Bros., "Mildred Pierce". Não é preciso dizer que Milo fez verdadeiras maravilhas, entre as quais destacamos as quatro que temos o privilégio de apresentar às nossas leitoras.

★
O primeiro apresenta duas peças em cinzento e vermelho. O casaco é bastante ajustado ao corpo, e sobre o mesmo é colocado um bolero vermelho. Esse bolero tanto pode ser solto como aplicado diretamente sobre a fazenda cinzenta. Inegavelmente, é de grande "chic" esse modelo de Milo Anderson.

MODELOS JOAN CRAWFORD



CONTINU



E
mod
crio
com
do
tem
vist

1 -
mo
Cr
gu
ra
pe
qu
un
m
co
A
ra
un
vo
ca



Eis a feliz Joan Crawford, que exhibirá êstes modelos e outros ainda que Milo Anderson criou especialmente para ela. Aqui a vemos com um vestido estampado, que marca a volta do decote "drapé" e da saia "godet". A blusa tem uma pequena abertura onde é colocado vistoso "clips".



1 — Tôda a sedução da velha Grécia é encontrada neste admirável modelo, que deve realçar ainda mais as linhas impecáveis de Joan Crawford. Feito em crepe romano branco, tem a blusa tôda pregueada, o mesmo se dando com a saia e a pequena "basque" que a guarnece. Um galão em prata e vermelho dá um tom altamente decorativo a êste modelo, fazendo sobressair a cintura colante e descendo pela saia, que se abre do joelho para baixo. 2 — "Tailleur" em tecido quadriculado. Mangas largas e compridas, ajustadas nos pulsos por um punho largo. Nos ombros e na barra do casaco viezes e botões da mesma fazenda. Gola alta. Saia justa. Blusa de traspasse, vermelha, com grande "clips". 3 — De grande elegância é êste modelo de Milo Anderson, para jantar. E' feito em pesado crepe branco; a saia é inteiramente plissada, e o casaco, ajustado ao corpo, tem como enfeite uma tira bordada com pedrarias em côres, que, formando gola, atravessa tôda a frente do casaco, sôbre o busto. O mesmo enfeite é aplicado na cintura, apanhando pequenos franzidos. Mangas compridas, ligeiramente "raglan".





A REVISTA EM HOLLYWOOD



Hollywood, janeiro. (Via aérea — por Luiz Serrano) — Não é tão fácil, quanto podem pensar, o ingresso em um estúdio cinematográfico aqui em Los Angeles. Ainda um destes dias, embora me visse acompanhado, no meu carro, por Martha Vickers — que vem de concluir "The time, the place and the girl" — precisei exibir as minhas credenciais de representante da REVISTA. E olhem que Martha Vickers não serviu de "pistolão"... Nessa ocasião o fotógrafo bateu o instantâneo que aí está em cima, à esquerda. No "clichê" vizinho, Aurora Miranda e o Zé Carioca — é ele quem fala pelo gozado herói de Walt Disney — cantando em um programa radiofônico no México. Na gravura maior, em baixo, Leslie Brooks, esposa de Tony Shay, mostrando aos leitores sua filhinha, então com dezoito dias, chamada Leslie Victoria Shay. A garota nasceu em 8 de novembro pesando oito libras.

Na gravura ao alto, da página em frente, uma cena de "The Bells of St. Mary's", da RKO-Radio, posada por Ingrid Bergman e a garotinha Joan Carrol. O protagonista desse filme é Bing Crosby, que repete assim sua façanha de "O Bom Pastor". E finalmente, na última foto, um precioso instantâneo de José Iturbi em companhia de suas filhas Teresa e Antonia, num intervalo da filmagem de "Holiday in Mexico", direção de George Sidney para a Metro.

a-
 Não
 pen-
 o ci-
 An-
 dias,
 nado,
 a Vi-
 cluir
 the
 s mi-
 esen-
 lhem
 serviu
 são o
 tâneo
 uerda.
 ra Mi-
 é ele
 rói de
 em um
 Mexi-
 baixo,
 e Tony
 eitores
 dezoito
 Victoria
 m 8 de
 bras.
 página
 e "The
 a RKO-
 d Berg-
 Carrol.
 filme é
 e assim
 Pastor".
 foto, um
 de José
 e suas fi-
 num in-
 e "Holi-
 eção de
 a Metro,



com Walter Pidgeon, Ilona Massey, Xavier Cugat, Roddy McDowall e Jane Powell.
 As garotas do famoso pianista

vão estreá-lo no cinema, fazendo, embora, um papel de segunda plana no referido filme.
 E aqui estão, prezados leitores, alguns acontecimentos re-

centíssimos de Hollywood. Quase me esquecia de informar que Bing Crosby foi eleito o ator

número um, aquele cujos filmes maior rendimento deram nos cinemas norte-americanos, durante o ano recém-fimido.



O V I G I A

Conto de MAC KINLEY KANTOR

O carro derrapou quando ele tentou freiar. O farol iluminou um casal correndo. Paul não soube dizer se foram dois gritos ou um grito só.

A natureza parecia ter estado esperando aquele momento. A tempestade, que ameaçava desabar, surgiu subitamente, depois de um trovão mais prolongado. A chuva caiu com força. Paul tinha saído do carro e contemplava em silêncio o precipício. Quando a chuva começou a cair, molhando-o todo, ele mexeu-se. O choque quase que o paralizara.

★

Seguiram-se quadros confusos. A única imagem que ele tinha bem presente era o juiz Kinley. Um pince-nez com aro de ouro, gravata preta, terno preto, austero. Mais do que austero: positivamente maligno. E a voz desagradável repetia sempre:

— Bêbado... Mocidade viciada... Guiando naquele estado... Assassino...

Foi esta palavra que finalmente gravou-se no cérebro de Paul: assassino. Era a ele que se referiam? Mas ele não odiava ninguém... Uma curva, um ruído de freios, o farol iluminando dois rostos aterrorizados, precipitados no abismo. Dois namorados numa curva. Conversa. E ele, ele, Paul, guiando, bêbado. Lembrava-se do necrotério; tinham-no levado até lá para identificar suas vítimas.

★

Caminhando... Caminhando na chuva... Hoje, ou sete anos atrás? Os pés afundavam

na lama e — era estranho — ele estava na mesma estrada. "Assassino". O pince-nez do juiz fazia o raio de luz refletido incidir nos seus olhos, e aquilo doía, doía...

A terra sugava ávida a água que caía do céu. Ele sentia o cheiro de erva molhada. Um relâmpago iluminou o bosque. Seguiu-se o trovão. Paul sentia a chuva molhar-lhe a roupa, mas seu corpo estava escaldante de febre. Deixou-se cair sobre um monte de feno. E adormeceu.

★

Sonhos...

— Maria!

— Maria!

Mas quem era Maria? Uns cabelos louros, sem consistência, esvoaçando... Maria?

— "Assassino!"

Novamente o pince-nez. Que obsessão! Assassino!

★

Ele rebolou no feno. Sentiu-se completamente molhado pela chuva. Alguém se aproximava. Escondeu-se. De repente, aquele perigo fê-lo lembrar-se de outras ocasiões. Quando fôra preciso esconder-se também... Mas saíra. Estava livre. Livre... Lembrava-se de que ao despedir-se do diretor da prisão este o avisara:

— Não saia hoje, Paul. Você está doente, muito gripado. Chove muito. Nós não temos carro. Você não pode ir assim, caminhando na chuva.

— Mas eu quero sair hoje. Agora, compreende? Não quero ficar aqui um minuto mais...

— Não pense mais nesta casa como uma prisão. Hoje você é tão livre quanto eu... Olhe: se preferir, venha passar a noite em minha casa. E' somente do outro lado da rua.

Ele ia aceitar. Mas naquele momento a luz da lâmpada que havia sobre a mesa do diretor incidia sobre os seus olhos, e ele sentia aquela mesma dor que era fina e profunda. Nos olhos...

— Obrigado. Prefiro ir assim mesmo.

Com um suspiro, o diretor assentira.

— Tenho que deixá-lo partir. Mas sair numa noite dessas é um crime...

Um crime?

★

Caminhando, lentamente, pela estrada, ele esperou que a chuva caísse. As situações eram tão idênticas que, no seu delírio, ele não sabia bem se era o presente que ele estava vivendo ou o passado que estava revivendo. A mesma estrada... A mesma ameaça de tempestade. O tumulto interior cresceu com a febre...

★

Ele saíra de um baile completamente embriagado. Tomara o carro e fôra deixando os amigos em casa. Sozinho, afinal, ele vinha, leve, leve, guiando como que por milagre, sem saber para onde. Os cabelos louros voavam ao vento. Naquele tempo ele era tão moço... 19 anos... Um sorriso. Todos os pensamentos desconstruídos da intoxicação. Naquela noite conhecera uma moça... Maria... Maria loura e alva. Não conseguia recordar as feições. Maria, Maria, Maria... Maria!

★

Estava pensando em Maria. Ela dançava com ele, rindo loucamente. O carro deslizava celeremente. E, de repente, o desastre. Um casal estava na esquina. O carro derrapou. E viu que os dois eram precipitados no abismo. O carro parou à beira do precipício.

— Meu Deus!

A chuva caíra subitamente e se abatera sobre ele, impiedosa. Os relâmpagos ziguezagueavam no céu.

A chuva trouxe a serenidade, e ele acordou do choque. Uma caminhada na chuva — como esta! como esta! — e encontrou o policial.

— Matei!

Só pudera murmurar aquelas palavras...

★

Recordações esparsas do julgamento. O advogado:

— Moço... Leviano, sim... Não tendes o direito, senhores jurados, de cortar bruscamente esta vida... Ele confessou... Não morrer essas ilusões... O horror da morte que ele causou já foi um castigo... Não fabriquem um assassino por processo de amargamento de um homem...

A resposta veio fácil ao promotor:

— Mas ele cortou a vida de dois seres, não de um... E bruscamente... Imagens... O lar daqueles noivos... Como seria a vida dos dois? Matou... Matou... Não fabriquem um assassino?

O juiz interveiu. O pince-nez de aro de ouro brilhava:

— Assassino é ele já é.

Assassino!

★

Não o mínimo da pena, mas o máximo. O castigo injusto, demasiado. Não lhe bastava a tortura de ter morto?

(Continua na pág. 51)



MUSICA

RECITAL DE PIANO Zélia de Lima Furtado

A primeira parte do programa foi, exclusivamente, constituída de sonatas. O mesmo tipo de composição explorado de modo diferente por dois grandes mestres — Scarlatti e Beethoven. Do primeiro tivemos as sonatas em dó e em lá; do segundo a célebre op. 27, n.º 2. A sonata em lá oferece, ao executante, ocasião para demonstrar agilidade, ao passo que na op. 27, n.º 2, denominada pelo poeta Rellstab "Luar", a técnica parece desaparecer, tornando-se um simples agente do sentimento. E' necessário, entretanto, que o pianista possua um elevado poder de mecanismo, para que os dedos sejam diretamente guiados pelo coração. E' obra de subjetividade criada pelo sentimento. A figurinha encantadora de Julietta Guicciardi foi o motivo para composição dessa sonata, mas Beethoven não a fez apenas um canto de desilusão. O espírito beethoveniano elevou-se acima das paixões humanas, em busca do mundo feérico da fantasia. Ai é que compõe, desprezando as regras dos homens, ouvindo unicamente as do seu coração, arrastado pelo arrobo do gênio, sentindo, já perto de si, tentando agarrá-lo, o fantasma possante da surdez.

Zélia de Lima Furtado mostrou-se, na primeira parte, boa intérprete. As três primeiras linhas do adágio de "Luar" foram admiráveis. No resto da peça deu-nos execução fiel do texto, porém sem aquela profundidade de sons que, na minha opinião, é um dos requisitos mais importantes para a perfeita interpretação das sonatas de Beethoven.

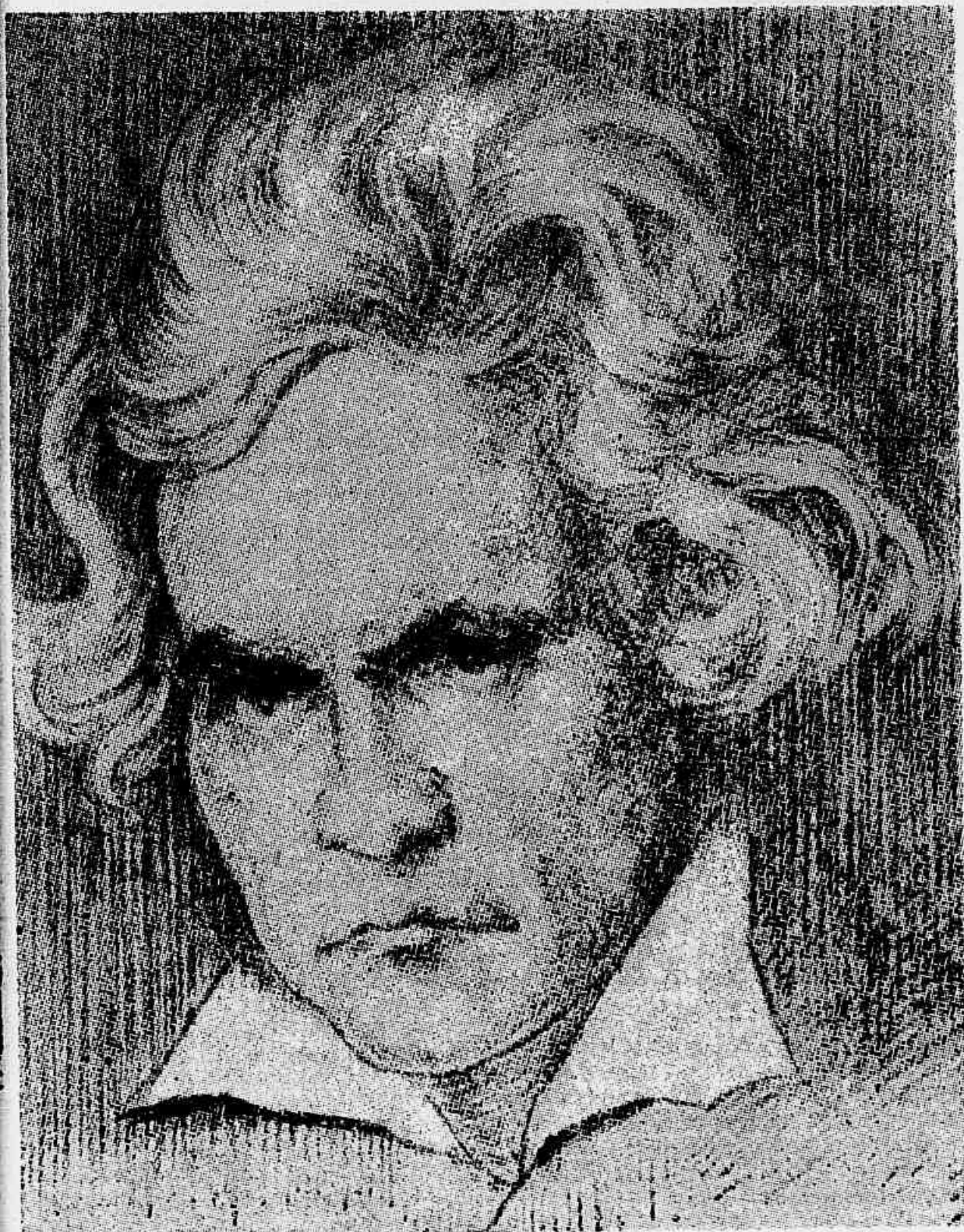
A segunda parte foi dedicada a Chopin. No "Noturno", "Balada", "Estudo" sentia-se a pianista reintegrada em si própria, olvidando a emoção inicial, em completo domínio dos nervos e do teclado. Grande técnica, oitavas vigorosas. O estudo op. 10, n.º 5, "sobre as teclas pretas", apresenta-nos faceta diversa do carácter chopiniano. E' espirituoso, trivial o Chopin desse estudo, mas sempre elegante, eternamente aristocrata, desprezando tudo em que percebe o sabor característico da grosseria e da banalidade.

A graça apeteável de Debussy, invocadora de visões sugestivas como o vento, o ruído da chuva e de tantas cenas criadas pela sonoridade impressionista de seus acordes em resolução, que dominam a obra como indivíduos autônomos, não submetidos a abstratizações afinidades, esteve presente em "Jardin sous la pluie".

Frutuoso Viana e Vila Lobos foram os autores brasileiros escolhidos para o recital. Nós ouvimos, respectivamente, "Dança de negros" e "Dança do índio branco". Na crônica sobre H. J. Kollreuther, Roberto Lyra Filho falou, muito acertadamente, da influência da época sobre o homem e, forçosamente, sobre a música. O negro e o índio, dois indivíduos diversos na cor da pele, nos hábitos, nas aptidões, no carácter, possuirão, consequentemente, música diferente; essa não revela apenas um estado emocional, mas também o sentir do povo que a inspirou. Assim, na objetiva "Dança de negros", de Frutuoso Viana, apesar do vigor da composição, sentimos o torpor característico, a lassidão melancólica da alma conformada do africano, ao passo que a "Dança do índio branco", de Vila Lobos, é o espírito emotivo do nosso povo, descrito numa composição vibrante e quente como o sangue que corre nas artérias do brasileiro.

Maria da Glória

BEETHOVEN



Della Garcés e os garotos Jeanette, Frederico e Emilio, intérpretes de "Casa de Bonecas"

A SURPRESA DE 1945

Não foi nenhum filme "made in Hollywood", nem a visita de um grande "astro" ao Rio; não foi qualquer desses acontecimentos o que veio constituir a surpresa número um da temporada cinematográfica em 1945. Foi, sim, o interesse que da noite para o dia as platéas cariocas manifestaram pelos filmes realizados em países vizinhos do continente. Primeiro, aquele sucesso inesperado de "Santa", que veio do México para ficar meio ano programado no Império, e depois, ao apagar das luzes, "Casa de Boneca" e "Os filhos mandam", estes dois de mais perto, dali de Buenos Aires. Curioso é que até à estréia de Esther Fernandez nossa gente manifestava uma formal ojeriza pelos filmes rodados fora dos Estados Unidos, mas principalmente no México e na Argentina. De inesperado, as coisas mudaram tanto que vem de instalar-se numa empresa exclusivamente para importar e distribuir com regularidade, em todo o País, películas feitas na terra de Tito Guizar, enquanto outros empreendimentos semelhantes se projetam relacionados à produção portenha.

Como explicar esse fenômeno? De modo algum éle importa num decréscimo da simpatia do público pelos filmes norte-americanos, de vez que, estes, jamais produziram tão altas rendas no Brasil, e principalmente no Rio, como nos últimos anos. Sem dúvida, o fator que justifica essa mudança de atitudes dos "fans" brasileiros em favor do cinema falado em espanhol está nos consideráveis melhoramentos de ordem artística e técnica apresentados por esses filmes. Outrora vinham ao Brasil, eventualmente, produções mexicanas ou argentinas, quase sempre as de pior classe. Hoje há um trabalho de seleção, e chega a reabrir, em plena Cinelândia, uma casa exibidora disposta a oferecer ao público somente filmes desse idioma — o castelhano. Mais tais filmes são adquiridos em Buenos Aires, por emissários especiais, o mesmo se fazendo no México.

E enquanto o mercado brasileiro vai, deste modo, assumindo proporções de um excelente negócio para a cinematografia sul-americana, e o cinema "yankee" auferir resultados brilhantíssimos até mesmo com filmes antigos, agora reprisados em cópias novas, o que vemos em relação ao cinema nacional? Uma produção reduzidíssima, fruto das adversidades com que se vêem a braços os poucos patricios que fazem do cinema uma profissão. E olhem que esses podem contar-se pelos dedos das mãos, ainda sobrando dedos. Os que fazem filmes de longa metragem com regularidade, convém frisar.

A falta de filme virgem prejudica neste momento, de maneira incrível, os nossos dois ou três estúdios. A Atlântida tem, pronto para estrear quando tiver filme virgem suficiente, uma película que nos dizem ser interessante, além de outras em curso. Mas essa dificuldade parece não existir para os cinemas argentino e mexicano, que se propõem em 1946 abarrotar o mercado brasileiro com as produções acumuladas de temporadas anteriores. — C.

Foi divulgado que Lana Turner não poderá mais vir ao Rio em 15 de janeiro, por terem sofrido sensível atraso os filmes que vinha concluindo. Fica para mais tarde.

★

Também foi anunciado que Carmen Miranda viria ao Rio em vésperas do Carnaval. Tudo depende, porém, de um contrato que a "estrêla" deveria cumprir, primeiro, em New-York.

CINEMA

DESCOBRIRÁ O

Inimigo Invisível

ANTES QUE SEJA TARDE DEMAIS?

Muita gente só vem a conhecer o
"Inimigo Invisível"...
depois dos dentes estarem afetados

Esse "Inimigo Invisível" é a acidez bucal de origem bacteriana. Não é possível vê-lo: no entanto, pode estar dentro de sua boca — atacando o esmalte e produzindo cáries.

Para combater a acidez de origem bacteriana, é preciso limpar os dentes com regularidade. Mas faça questão de usar o dentífrico certo — o Creme Dental Squibb — que é algo mais do que

uma simples pasta dental. Com o Creme Dental Squibb é fácil lembrar-se de escovar os dentes duas vezes por dia. Tem tão bom paladar! Não é possível esquecer o seu sabor refrescante, delicioso!

E o Creme Dental Squibb contém também Leite de Magnésia Squibb, cujo contato é tão eficiente para neutralizar os ácidos de origem bacteriana.



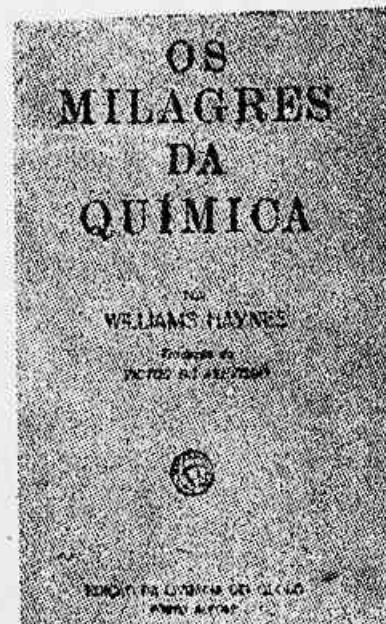
CREME DENTAL

SQUIBB

L006

Livros

OS MILAGRES DA QUÍMICA, por Williams Haynes, tradução de Victor de Azevedo — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945.



Para o profano, tudo, na química, são milagres. No bojo dos alambiques, no seio das retortas, na espiral das serpentinas, na redoma dos provetes, operam-se prodígios de toda sorte. Nas amálgamas, nas fusões, nos precipitados, passam-se mistérios de que só alguns raros eleitos — raríssimos em relação à vulgar ignorância humana — conseguem dar conta e tirar partido. Para o leigo, os laboratórios cortinam a ser outros mágicos, desta feiticeira. E o melhor é a gente passar de largo, resistindo à tentação daquelas cerimônias pretenciosamente científicas mas às quais é o demônio, sem dúvida, que dá a inspiração e as leis fundamentais...

Williams Haynes pertence justamente ao número resumido dos seres humanos familiarizados com aqueles segredos temerosos. Da química, desde as bases naturais ou as casuais origens até dos métodos que hoje nela se exercem, tudo este escritor privilegiado estudou ou de tudo se informou, atingindo o conhecimento, para nós, completo. Por isso ele nos pode facilmente contar como os primeiros fenômenos se manifestaram e se chegou às mais recentes aplicações. Não se dirige Williams Haynes aos cientistas propriamente ditos nem apenas aos estudantes desta matéria; expõe e explica para a curiosidade e a compreensão de toda a gente. Conta a história dos grandes triunfadores da química e também a dos que por ela se sacrificaram e só tiveram revêses e decepções. E assim a narrativa se vai desenvolvendo e variando entre o drama e a anedota.

Entre os capítulos que mais chamam a atenção do simples leitor estão os intitulados: Moléculas feitas de encomenda, Marte, o ditador da química, Cheiros agradáveis e condicionamentos saborosos, A família das sulfonamidas, Os grandes mistérios da borracha, Químicos à força, O mar: se torna um produto químico, O esqueleto do reino vegetal, O arauto da era plástica, O nosso arsenal químico, Termos que atrapalham.

* * *

O CASO DO OLHO DE VIDRO, romance de Erle Stanley Gardner, tradução de Lino Vallandro — Livraria do Globo, editora — Porto Alegre, 1945.

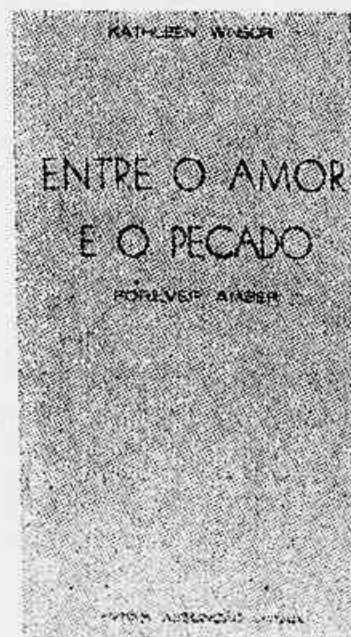


Esta série é já nossa conhecida. O romancista emprega sempre o mesmo personagem principal. E' o advogado-detective Perry Mason. Os seus meios de ação distinguem-se dos mais ou menos usados pelos heróis da polícia privada, porque Mason aplica paralelamente a capacidade de investigação e os recursos de homem formado em Direito, que conhece não só as leis como os processos e variantes de as aplicar até ao recurso de fazer do direito torto e vice-versa. Com efeito, não hesita Perry Mason, desde que isso lhe pareça rigorosamente necessário, em burlar as autoridades e trair a justiça corrente. Aqueles que sob a sua direção trabalham estão sempre à espera do momento de serem presos ou de verem o próprio chefe ir para a cadeia. Mas a verdade é que ele assim procede, não por falta de escrúpulo, mas por excesso de zelo em descobrir a verdade, fazendo que o criminoso autêntico receba o merecido castigo e salvando do rigor dos tribunais o acusado inocente que, tanto quanto o outro personagem, é de regra neste gênero de romances.

A presente história tem por ponto de partida o assassinato dum capitalista, meio usurário ou agiota inteiro, cujo cadáver fechava na mão direita um olho de vidro. E junto ao corpo foram encontrados três revólveres. O dono do olho artificial, Pete Brunold, foi ter com o advogado-detective para que o livrasse da "enrascada". Mas terá sido Brunold realmente o matador, ou o criminoso se serviu daquele vestígio, para o comprometer? Eis o enigma que o romance desenvolve por duzentas e tantas páginas, a maior parte em diálogo, até à solução do caso, sendo o crime castigado e a virtude premiada — como sempre.

* * *

ENTRE O AMOR E O PECADO, romance de Kathleen Winsor, tradução de Célio de Lima Carvalho. — Editora Assunção Limitada — São Paulo, 1945.



Poderá alguém pôr em dúvida o valor deste romance, como qualidade; não, porém, como quantidade. Conta ele, na presente edição, de vasto formato, 576 páginas; e outras condições numéricas, muito mais expressivas, explicam o seu êxito nos Estados Unidos, onde, como esportivamente se diria, Kathleen Winsor abafou Margaret Mitchell, autora de... *E o vento levou*. A publicidade da empresa editora de *Entre o amor e o pecado* — que no original se intitula *Forever Amber*, do nome da protagonista, Amber — espalhou, o mais profusa e *yankemente* possível, os algarismos que a escritora fôra verificando e registrando no correr do seu trabalho. Transcrevemos do boletim editorial esses dados aritméticos, dando-lhes uma disposição gráfica que nos parece mais sugestiva:

Rascunhos completos antes da redação definitiva do romance.....	6
Total de páginas desses rascunhos.....	2.941
Páginas dactilografadas contendo apontamentos.....	300
Obras lidas, algumas em dois ou tres volumes.....	400
Horas despendidas em leituras.....	1.303
Em catalogação dos apontamentos colhidos.....	380
No trabalho material de escrever.....	3.254
Total das horas empregadas na tarefa autoral.....	4.967

Note-se: falta aí uma parcela e deveras considerável: o tempo que a Sra. Kathleen Winsor gastou em contar todos aqueles espaços de tempo, bem como as páginas dos rascunhos, as obras para o caso compulsadas minuciosamente, e algumas das quais em dois ou tres volumes etc. E, diante de tudo isso, bem natural se torna a vitória de *Livraria*, a qual sem dúvida sucederá a do cinema e a do teatro, não menos gloriosas.

Quanto à nossa impressão pessoal, e mau grado os juízos expendidos por varias autoridades da crítica nacional e também incluídos nos reclamos, limitar-nos-emos a declarar que não consideramos *Entre o amor e o pecado* superior a... *E o vento levou*. Pela imaginação e o estilo, isto é: literariamente falando, as duas obras nos parecem equivalentes, sem tirar nem pôr.

Novos

DESCOBERTA, poesia de João José Cochofel — Coimbra Editora Lda — Coimbra, 1945.

O presente livro representa uma selecção. Condensa tres volumes anteriores: *Instantes*, *Búzio* e *Sol de agosto*. Com estes se fermou a primeira fase da carreira poética do autor, e é a tal espaço de tempo que ele chama agora "um período de descoberta no que respeita tanto forma como conteúdo".

O Sr. Cochofel pertence á categoria dos versadores modernistas que raramente fazem verdadeiros versos. Achem que a disciplina do metro e da rima, ou apenas do metro mesmo, impede a livre expansão do sentimento e embaraça a espontaneidade da forma. De vez em quando, porém, o poeta da *Descoberta* resolve ou não ter remédio senão rimar. E a certa altura oferece-nos uma composição de quatorze versos dispostos como os dos sonetos mas sem que os dois quartetos tenham as mesmas rimas. Trata-se dum artista independente, possuído, como tantos outros deste tempo, do ideal de criar uma técnica ou uma falta de técnica exclusivamente sua... Não se lhe pode, no entanto, negar inteligência nem sentimento. Não raro as suas concepções, como as suas emoções, oferecem alguma coisa de elevado ou delicado, que seduz. Veja-se a fina singularidade desta página intitulada *Poeta*:

Lembras-te, Mãe

do menino que perdeste
e que ficou...
do menino que ficou
mas que fugiu...?

Anda agora pela vida...

É o poeta dos olhos molhados
do sorriso triste
dos dedos longos...

Anda agora pela vida...

E um dia Mãe,
ele há-de voltar
novamente,
para lhe aqueceres as mãos frias
e chorar com ele as ilusões perdidas.

Entretanto,
deixa-o sofrer mais algum tempo.



SIGFREDO, O GUERREIRO INVENCIVEL, e outras publicações da Editora Anchieta S. A. — São Paulo, 1945.



Sempre no mez do Natal recrudescer a actividade editorial dos livros para crianças. Não tem eles, em geral, relação alguma com o advento do Messias. Nem dizem respeito a assuntos religiosos. Tratam, não raro, de bruxedos e feitiçarias — e mais de uma vez nos ocupámos, neste lugar, do possível efeito de tais histórias na imaginação e no sentimento dos leitores ou ouvintes a quem se consagraram; outras vezes, interpretam, tornando-os mais acessíveis, pontos de História, de Literatura; contam aventura sucedida a merinos travessos ou temerários; e ainda se podem citar os que, a pretexto dum fio de enredo, procuram ministrar noções proveitosas de física, química, história natural. O Sr. João Ferreira de Albuquerque aproveita, no presente livrinho, a lenda de Sigfried, que tantos poetas tem glosado e Wagner sublimou na sua famosa Tetralogia. Vem desde a infancia do herói, filho de Sigmund e Siglind, que reinavam na região encantada do Reno. Diz-lhe a primeira sortida de moço ardente, sófrego de lances e proezas, para quem a corte se tornara um cárcere sinistro, de ambiente irrespirável. Acompanha-o a casa do

portentoso ferreiro Mimério, que trama a sua perda, mas, diante da força e destreza do aprendiz, vencedor do dragão da floresta, o presenteia com a armadura contra a qual nenhum ferro prevalecerá. Sigfried — na presente versão Sigfredo — volta triunfante ao palácio paterno, porém não tarda a sofrer do tédio daquela existência sem rasgos nem perigos. Torna a partir, eleva-se a rei dos Nibelungos, possuidor da espada Balunga, derrota o anão Alberico que, em troca da vida poupada, lhe cede a capa maravilhosa, capaz de o tornar invisível. Chega á capital do rei Guntério, cuja irmã, a formosíssima Cremilda, etc., etc.

A narrativa, enriquecida por espontaneos e sugestivos desenhos de Messias, vai a cerca de cem páginas. Está bem marcada, bem conduzida. Prejudicam-na, é certo, o poder: torná-la pernicioso para o seu público especial, maneiras de exprimir tais como: "Ha muitos dias de viagem da terra de Sigredo", em que o verbo imperdoavelmente substitui a preposição, e logo a seguir: "existia também um outro paiz", com a redundância formada por "tambem" e "outro", e, além disso, o artigo indefinido "um", não só dispensavel mas também de mau gosto. Devemos, porém, esperar que, na segunda edição de livrinho, o autor ou alguém por ele faça as necessárias correções.

As outras obras deste lote da Editora Anchieta são: *Moedinha amassada*, de Edy Dutra da Costa; *O passio de Rosinha*, de João Miguel Amaral; *Araci e Moacir*, de Luís Gonzaga Fleury; *O Curumim do Araguaia*, de Luís Gonzaga Fleury; e *O caranguejo Bola*, de Maria Lúcia Amaral — todas elas com desenvoltas e simpáticas ilustrações de Messias.

J. E. L.

LOS PROBLEMAS DE LA GUERRA Y LA PREPARATION DE LA PAZ. — Manuel Avila Camacho (Mexico — 1945).

Recebemos um exemplar do trabalho supra referido, um oportuno discurso do atual presidente do Mexico.

NAÇÃO ARMADA

Recebemos o número 73 do 7.º ano de "Nação Armada", correspondente a dezembro de 1945.

BOLETIM

Recebemos o número 132, correspondente a agosto de 1945, do Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

GRIPES RESFRIADOS NEURALGIAS

DÔRES de CABEÇA

TRANSPIROL

ESTA

e a unica apresentação
de agua de colonia

JEAN MARIE FARINA



Exijam

a marca

franceza

de

ROGER & GALLET

PARIS ★ RIO



Vestidos brancos

1 — Modelo em crepe branco. "Pences" em forma de leque na blusa, arrematadas na cintura por uma pequena aplicação com seis botões. 2 — Duas peças que como nota original tem um trabalho de nervuras em sentido horizontal. 3 — Vestido gracioso, com um drapeado duplo na blusa. Mangas curtas, saia franzida formando pregas para o lado. Cinto de veludo bordado em côres. 4 — Vestido de tãssor, com recortes pespontados, enfeitados de lacinhas. 5 — Vestido em romano; mangas japonesas, decote puxado para os lados e aplicação de "godet" na frente da saia.

6 — Um difícil trabalho de nervuras dá elegância a este modelo. Botões dourados. 7 — Uma pala bastante original prende os franzidos da blusa e da saia deste belo modelo. Um laço de "rolouté" é colocado ao lado. 8 — Modelo para a tarde, com drapeados na blusa e cintura em nervuras. Também em nervuras é a borboleta aplicada na cintura. Saia com franzidos na frente. 9 — Motivos de "crochet" enfeitam a pala e os recortes em forma de bolso deste gracioso modelo. 10 — Modelo de muita elegância, formando "basque" folgada e abotoando de um lado. Originais recortes pespontados.



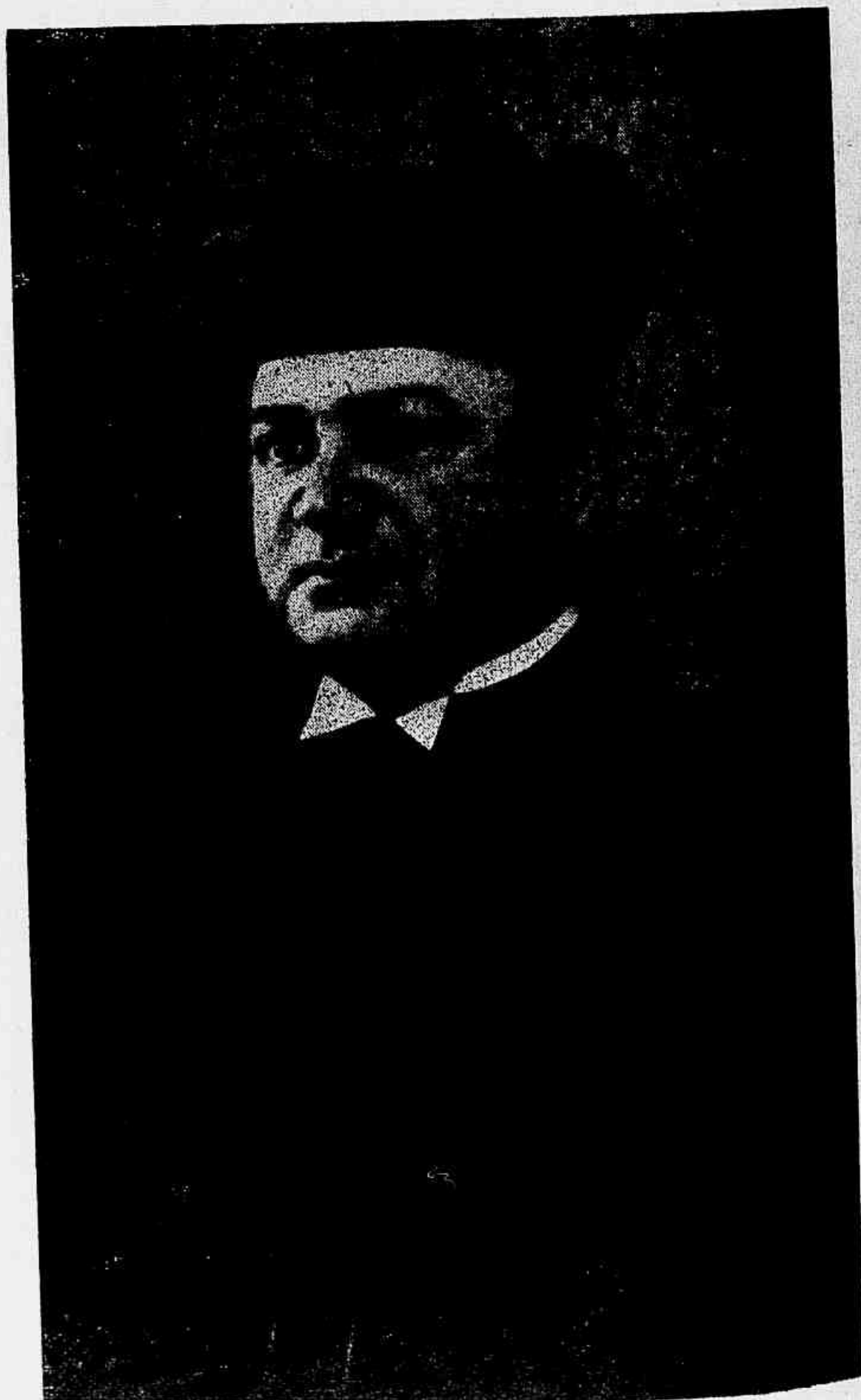
A menina Miriam, filha do sr. Oscar Rodrigues Tosta e de sua esposa, d. Maria Barbosa Tosta, no dia de sua Primeira Comunhão, realizada a 8 de dezembro p. p.

Dr. Severino Mathias de Oliveira, recém-formado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.



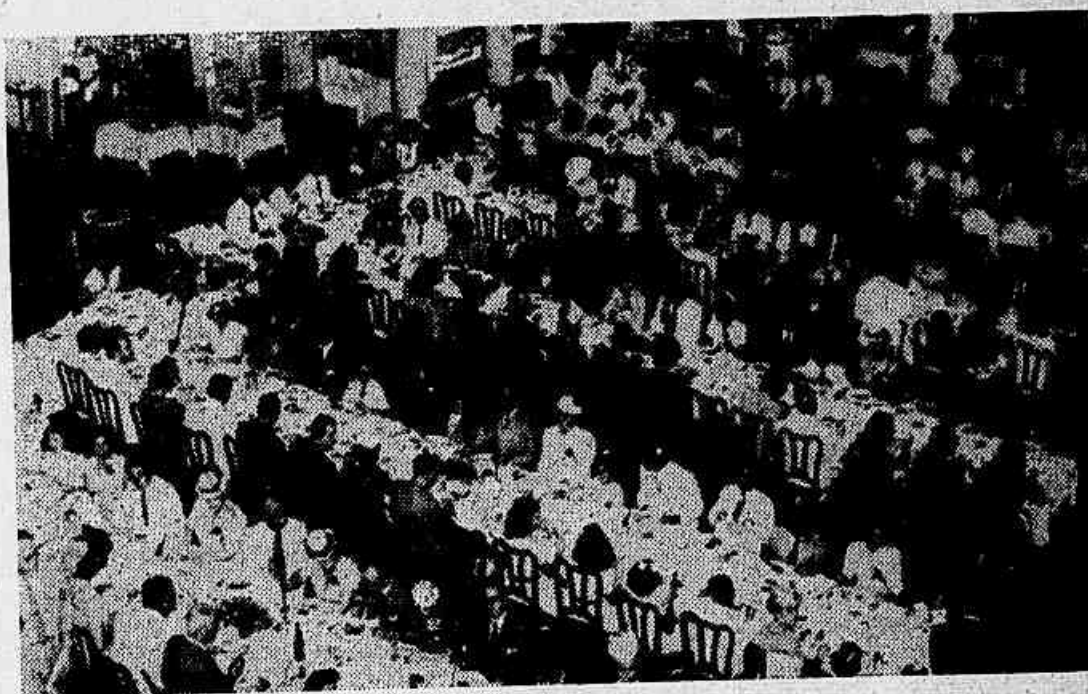
Os flagrantes que acima estampamos foram colhidos por ocasião do Natal na igreja de Nossa Senhora de Lourdes, no Saco de São Francisco, vendo-se neles as sras. Joanninha de Carvalho e Hilda de Freitas, auxiliadas pelas stas. Julieta Patrone e Aurea Viana, quando faziam a distribuição de brinquedos à petizada.

Nas festividades do Natal, elementos da Sociedade Supermentalista distribuíram quinhentos litros de leite diretamente às crianças que percorriam a longa fila. A esquerda, na gravura, o presidente da sociedade, dr. Gerson Paula Lima, que também auxiliou essa distribuição. Esteve presente um representante e sócia de Papai Noel.





O Rotary Club do Rio de Janeiro, através da Subcomissão de Companheirismo, levou a efeito, no dia 28 de dezembro, a Festa de Confraternização Rotariana, em homenagem às famílias dos rotarianos. A solenidade constou de um animado almoço no Automóvel Clube do Brasil, do qual damos acima e ao lado dois sugestivos flagrantes. Como se pode ver, muitas senhoras e crianças abrilhantaram o último almoço rotariano de 1945.



Encerrando o período letivo de 1945, o Jardim de Infância Santa Cecília, dirigido pela professora d. Cecília Monteiro Soares, realizou uma bonita festa escolar, da qual damos um aspecto com o grupo de pequeninos alunos premiados, destacando-se a menina Doris da Costa Maeiel, filhinha do jornalista Djalma Maeiel, nosso antigo confrade.

FIGURAS E FATOS

Flagrante da posse do dr. Raimundo de Brito, como membro titular, no Colégio de Medicina e Cirurgia. O aspecto fotográfico foi batido exatamente quando o homenageado recebia essa alta distinção.



Durante a realização da "Semana da Economia" deste ano, teve lugar na Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro o julgamento do concurso levado a efeito no sentido de selecionar os melhores trabalhos publicados na imprensa desta Capital, em torno daquela instituição de crédito popular. Obteve o primeiro lugar a reportagem feita com palavras de Adalberto Mendes e fotografias de Arnaldo Vieira, ambos nossos companheiros de trabalho, e publicada na REVISTA DA SEMANA. No "clichê" vemos: à esquerda, os nossos colegas ao serem cumprimentados pelo dr. Carlos Luz; à direita, o presidente da Caixa ladeado pelos vencedores do concurso.





SEMPRE EXISTIU A "FOLK-DANCE" BRASILEIRA

Damos nestas páginas a continuação do interessante estudo feito por Eros Volusia sobre a Dança Brasileira e a cria-

ção do bailado típico nacional. Trata-se de um bem feito e autorizado trabalho de autoria da artista patricia, que também

jé o apresentou em conferência realizada no Teatro Ginástico:

Deixar de dançar por falta de música,

de maestro que compreendesse a amplitude do meu intuito, que acreditasse na minha capacidade de realização, que quisesse confraternizar patrioticamente comigo, harmonizando, trabalhando, estilizando as virgens melodias que eu colherei em minhas peripetias?! Não! era indispensável dar início ao movimento. A música folk-lórica brasileira supriria com a opulência de seu expressionismo a simplicidade de sua composição.

O êxito foi absoluto. Digo absoluto mais pela violência da campanha que contra mim travaram, que pelos aplausos colhidos. E esse êxito de que me orgulho não é meu, é da nossa dança cuja evolução ninguém agora poderá deter.

Os bailados brasileiros compostos depois do meu aparecimento, quase todos se destinam a conjunto, exigem massas; com eles sozinha eu nada poderia realizar.

E' um velho hábito nacional descrever a capacidade de quem não se apresenta como aluno desta ou daquela pseudo-celebridade estrangeira. Valem pelo que adquirimos dos outros, não sabemos distinguir ignorância de diferença, escola de personalidade.

Para realização artística da dança brasileira eu tinha comigo dois coeficientes poderosos: o sangue e a convivência com os miseráveis. Não fôsse o meio humilde em que nasci e me desenvolvi, entre as capoeiragens quotidianas do "Morro da Mangueira" e os catucagés nostálgicos de Cascadura, jamais poderiam meus membros fixar em seus movimentos o múltiplo, o sucessivo e imprevisível da coreografia do nosso povo.

Eu não danço por informação, nem aparecera antes de mim quem me pudesse orientar quanto ao aproveitamento da beleza dos nossos estranhos motivos. Não aparecera quem me exhibisse escolhidos, encadeados, enriquecidos, os movimentos e as expressões mais características da alma e do corpo de nossa raça.

Eu venho ensinando em minutos o que me tem custado anos de investigação e de criação. Ninguém medita, ao contemplar um adorno de pedrarias raras, no trabalho do artista que facetou as gemas e montou a jóia...

A "folk-dance" brasileira está claro que sempre existiu, mas sem cultivo e sem divulgação, ignorada por muitos e repudiada por quase todos. O próprio povo não tinha consciência da riqueza que possuía e o mundo artístico-social menosprezava essa propriedade.

Eu não danço por informação, em meu corpo de mestiça orgulhosa da ancestralidade bem cedo acordaram as manifestações atávicas. Parece que foi ontem... estou ainda a vê-la, em meio à capoeira cheirosa de maravilhas e sensíveis, ressoante e tremeluzente, a "macumba" do João da Luz, com aquelas músicas que conservo de cor e aquelas estranhas cerimônias que eu não compreendia e que me fascinavam. Comecei a dançar naquele terreiro, dei lá os meus primeiros recitais. O velho "babalaô" atribuía minhas danças a um enviado de Yemanjá, dizia que eu dançava com o "Santo"... Creio que ele tinha razão e que o "Santo" não me abandonará.

Não, eu não danço por informação nem por adivinhação. Antes de apresentar em público meu trabalho, aprendi quatro anos dança clássica e estudei a história e o folk-lore do meu País, mas não fiz disso propaganda, e havia ainda o grande inconveniente de serem as danças folk-lóricas do Brasil muito menos conhecidas do nosso público que os bailes característicos estrangeiros. Em começo, as hostilidades do ambiente de desconfianças e de preconceitos maguaram-me bastante o espírito inexperiente. Mas hoje todos me acompanham, bem ou mal, e nossas danças rumam o estrangeiro.

E' um velho hábito nacional descrever do futuro, roubar ao Brasil a paternidade da estilização de sua própria coreografia. E' quase certo que dentro em pouco atribuíam a bailarinos de outras terras a autoria de uma obra feita por brasileira, no Brasil e só pelo Brasil. Vamos sofrer mais esta descoberta. Não me permitiu a situação econômica fazer eu mesma a divulgação de nossa lindíssima dança. Talvez isso nunca me seja possível. Principia a ser transportado nos pés ligeiros de profissionais de outras plagas o trabalho a que dediquei o melhor de minha

(Continua na pág. 55)

MUSICA

FIM DE ANO

Um crítico musical encerrou o ano com uma iniciativa surpreendente. Pôs os colegas na berlinda, contestando-lhes a autoridade com impressionantes argumentos. Este desfêcho inesperado, que não chegou, contudo, a assustar os que mais prudentemente recusam o título de "crítico", veio no fim de uma temporada durante a qual houve uma série magnífica de recitais, inaugurada por Claudio Arrau, que encheu o Municipal três vezes e obteve a merecida consagração. Rudolf Firkušny também teve sucesso incomum. O jovem pianista tchecoslovaco, que confraternizou com o pessoal da OSB, em concerto no qual atuou como solista, está ameaçando arrebatado de Brailovsky o título de pianista mais popular no Rio, se o russo prolongar a sua ausência. Alice Ribeiro apresentou-se, revelando grandes progressos. Ela é, talvez, a melhor cantora de câmara que possuímos. Ainda entre as cantoras de câmaras tivemos a sempre admirável Jennie Tourel, que este ano também triunfou na ópera. Sua "Mignon" conseguiu estrondosa ovação, que se repetiu quando cantou a "Norma" com Stella Roman. As duas principais figuras femininas da temporada lírica colheram, aliás, vários êxitos separadamente. Stella estreou em "Tannhäuser" e contribuiu para o brilhantismo do espetáculo de maior sucesso da temporada: "La Forza del Destino", que contou também com Leonard Warren, um excelente barítono; Kurt Baum, um tenor tipo "peso pesado" tanto vocal como cenicamente; Roberto Silva e Gerhard Pechner, cuja interpretação do papel de Fra Melitone fez lembrar aquele extraordinário cantor e ator que é Salvatore Baccaloni.

Os concertos sinfônicos estiveram a cargo da OSB e da orquestra do Teatro Municipal regida por Kleiber, que dirigiu vitoriosamente o ciclo das sinfonias de Beethoven, e um concerto de música brasileira, que fracassou mais por culpa dos próprios compositores, que forneceram ao maestro vienense partituras nada representativas de sua obra.

A Sociedade do Quarteto surgiu e triunfou contando com a colaboração de Mariuccia Iacovino, Henrique Nirenberg, Aldo Parisot, Santino Parpinelli e, às vezes, um pianista: Arnaldo Estrela.

Igor Schwesoff veio dos Estados Unidos para organizar uma temporada de bailados.

O corégrafo quase perdeu a coragem. Sabemos, mesmo, que chegou a pedir demissão. Mas conseguiram persuadi-lo, e ele viu seus esforços coroados com um êxito extraordinário. Holland Stoudenmire, que continua no Brasil, e Julia Horwath foram os principais bailarinos estrangeiros. Entre os brasileiros Tamara Capeller, Berta Rosanova e Edith Pudelko mereceram elogios calorosos. Edith Pudelko foi, aliás, a vencedora de um concurso, obtendo o título de melhor bailarina brasileira da temporada. Seria injustiça es-

quecer os nomes de Wilson Morelli e Yucco Lindberg, especialmente o primeiro.

Depois de terminada a temporada oficial, ainda a Sociedade do Quarteto prosseguiu nos seus concertos. Quanto à Cultura Artística, os sócios têm razão de queixa: sempre foi acertada a escolha dos diretores daquela sociedade, que propõe oferecer aos seus sócios concertos com os principais artistas da temporada oficial.

Roberto Lyra Filho



STELLA ROMAN, uma das principais figuras femininas da temporada lírica de 1945.





O teatro de Martins Pena é quase desconhecido da geração atual. São poucos, mesmo os mais velhos, que tenham assistido às peças ingênuas, pitorescas e sempre interessantes do precursor da nossa cena dramática, razão porque constituiu motivo de aplauso a iniciativa de Joracy Camargo, encenando no palco do Teatro Serrador, embora só o fizesse por alguns dias, as duas mais conhecidas e festejadas peças daquele autor: "O Juiz de Paz da Roça" e "O Judas em Sábado de Aleluia", ressuscitadas com absoluta fidelidade, trajando os intérpretes rigorosamente à época. Foi sem dúvida um excelente fêcho para encerramento da temporada de 1945, pois de fato essa edição de Teatro Retrospectivo fez-se ao apagar das luzes do ano recém-findo.

Aos leitores da REVISTA são oferecidos nestas duas páginas alguns sugestivos flagrantes desse empreendimento de Joracy e Aimée, mostrando aos mais novos dois originais que traduzem hábitos e usos de nossos avós, flagrantes remotos do Brasil, levados para o palco, com muito espírito, por Martins Pena.

Foi pena que essa excelente oportunidade para a divulgação cultural do nosso teatro antigo não tivesse atraído, ao teatro onde se fez, o público numeroso que seria de esperar, pois as peças de Martins Pena ali ficaram menos de uma semana em cartaz. De qualquer modo, porém, o aspecto artístico, esse, foi indiscutível.

"O JUIZ DE PAZ DA ROÇA" — Na série de Teatro Retrospectivo, Joracy Camargo vem de apresentar no Teatro Serrador, pelo elenco da Companhia Aimée, essa conhecida peça de Martins Pena. A gravura superior mostra a cena da audiência de "O Juiz de Paz da Roça", vendo-se o escrivão (Osvaldo Louzada) e os camponeses. Tipos singelos, homens rústicos, que escutam, interessados, mas talvez não compreendendo perfeitamente, as palavras do magistrado.



"O JUDAS EM SABADO DE ALELUIA" — Outra peça de Martins Pena, encenada por Joracy Camargo, simultaneamente com a primeira, foi "O Judas em Sábado de Aleluia", da qual damos, acima, dois flagrantes com Aimée, Ferreira Maia, Osvaldo Louzada. A ilustração inferior apresenta por sua vez Aimée, Flora May e os moleques preparando o Judas, que dá motivo à pitoresca peça, agora encenada com propriedade e representada com muito critério.





TEATRO RETROSPECTIVO é sempre um agradável pretêxto para mostrar à geração mais nova o que de aproveitável fizeram seus antepassados. Nosso teatro tem sido sempre, e muitas vezes com clamorosa injustiça, acusado de inexistente ou, quando existe, apontam-no como da pior espécie. Que não procede a acusação, aí está demonstrado agora mesmo com a iniciativa de Joracy Camargo, remontando "O Juiz de Paz da Roça". Aqui estão seus principais intérpretes, vendo-se, da esquerda para a direita: Alair Nazareth na ingênua Aninha, Osvaldo Louzada no Escrivão, Carmen Azevedo na senhora Maria Rosa, e Ferreira Maia no lavrador Manuel João. Na gravura à direita: Carlos Melo, Alair Nazareth, Carmen Azevedo e Ferreira Maia em outra cena da mesma peça, cujas representações marcaram um sugestivo acontecimento no fim da temporada de 1945.

TEATRO RETROSPECTIVO

MARTINS PENA foi um precursor. E um precursor cuja obra não perde o sabor, repontada de pitoresco, de uma fina dose de malícia, dentro do estilo da sua época, e tudo vasado em um diálogo aprimorado. O teatro de Martins Pena não perde a atualidade, mesmo quando os usos e os costumes sofreram transições inevitáveis. Sua atualidade está na sátira, no espírito dos personagens e no conteúdo da ação. Em "O Judas em Sábado de Aleluia" tudo isso aparece. Aqui estão Jackson de Souza e Ferreira Maia numa sequência engraçada de "O Judas em Sábado de Aleluia", e, à direita, Aimée, que teve a seu cargo o papel de Maricota. Ela é a moça namorada que acaba casando-se com um velho usurário, por castigo. Papel de certa malícia, dentro da época em que foi feita a peça, requer atributos de verdadeira comediante, e dêle deu conta a brilhante atriz. As duas peças que agora vêm de ser remontadas na temporada de Teatro Retrospectivo, no Serrador, vão certamente apresentar-se depois nos Estados, pelo mesmo elenco.



MELANCOLIA

Conto de AGNES GRAY

Não sabia bem onde tinha lido aquilo.

— Por que estás triste?

— Foi o vento que carregou as folhas.

Talvez em algum poeta americano. Não importava a origem. Lembrava sempre aquela passagem e, às vezes, sentia-a. O vento carregou todas as folhas e deixou uma sensação de nudez, de vazio. Com as filhas foi-se

muito da vida do tronco, as folhas carregam gotas preciosas de seiva. O tronco fica melancólico, desnudo. Estende os braços para o céu e chora. Caem mais folhas. São as lágrimas do tronco no outono. O vento leva as folhas, oscilantes. O chão as acolhe e suga a seiva. Elas secam e morrem.

— Marta!

— Hum?

— Em que estás pensando?
— Em nada...
— Quem nada é peixe...
Ela sorriu, aproximou-se. Estivera recostada à janela, a meditar. Julio estava lendo junto à lareira.

— Vamos, diga.

— Estava pensando... Quer mesmo saber? No outono. As folhas caindo, e pensava poeticamente.

Quis fazer uma brincadeira para esconder sua comoção. Ele riu:

— Está ficando poetisa?

Aquilo feriu-a. Queria — uma insatisfação a enchia — que ele houvesse percebido como aquele ar despreocupado encerrava tanta sinceridade... De certo modo a reflexão das folhas vinha a encaixar-se na sua própria vida. Insatisfação. Sentia, pouco a pouco, morrer aquele primeiro sentimento.

— Julio, lembra-se do dia do nosso casamento?

— Lá vem você. Será possível!

Era como um baque surdo no coração. Mas ia comprimindo, comprimindo... Ele nunca tinha tempo para aquelas expansões. Ela trabalhava o dia inteiro, como esposa cumpridora de seus deveres. Mas o seu mundo era de sonhos. Queria fazê-lo participar. O mais difícil era que o mundo dela era incomunicável. Só se expandia e ampliava ao sentir a nota harmônica de seu estado de espírito. Assim... Meia luz... Meia voz... Confidências... Eternas confidências renovadas... O amor... Menos o amor do que o carinho, a ternura... Sim, a ternura estava bem. A meia luz. E conversas loucas, impossíveis, à meia luz, baixinho, entre os dois. Era, na verdade, um ideal de comunhão.

O amor é uma árvore. Ela sentira florescer aquele sentimento. Lançara, no seu outono, as folhas cheias de seiva. E elas tinham morrido sugadas pela terra. Inverno. O tronco ficaria nú.

Queria o matiz, o tom sutil. Ele tinha também o seu mundo. Por que dois seres não podem comungar no mesmo sentimento? Ela tinha, entretanto, a certeza de que era ele o seu eleito, o marido único que a faria feliz... Se fosse possível... Os

mundos interiores dos dois se chocavam. Ela transbordava de ternura no momento em que ele pedia paz. Uma paz despida de sentimento. Ela refletia como é curioso o fato dos homens gostarem dos sentimentos bruscos, rápidos e intermitentes. Havia dias em que ele a fazia plenamente feliz. Certa vez acordara para passearem à noite, sozinhos, pelas ruas solitárias.

— Estava com uma vontade de fazer besteira...

Ela se justificara rindo, e ele sentira naquele momento uma grande alegria.

— Mas aqueles momentos loucos, poéticos, não se prolongavam. Havia momento, e passavam.

— Julio...

— Hum...

— Você lembra-se daquele dia em que nós fomos passear de madrugada?

— Hum...

— Você às vezes tem umas coisas loucas... Eu gosto.

Ele riu:

— A medida que eu vou ficando velho vou consertando. Não se assuste.

— Mas não mude. Eu gosto.

— Mas minha filha, isso depois de certa idade torna-se ridículo. Ademais, dá o reumatismo. E a poesia morre direitinho.

— Que tristeza...

— E' a vida...

— E' a vida...

— Bem, e depois dessa profunda filosofia, vamos jantar? Estou com fome.

Ela suspirou. Foi esquentar a comida.

— E' a vida...

Mas bem no fim do coração tinha a certeza de que nunca renunciaria.

De repente lembrou-se.

— Naquele livro...

— Por que estás triste?

— Foi o vento que carregou as folhas...

O marido fez-lhe presente de um livro. Ela não compreendeu a princípio. Depois ficou ofendida. O título era "Madame Bovary". E o autor: Gustave Flaubert. Madame Bovary, a mulher que foi procurar o romanesco na realidade e sofreu a mais dura das decepções.



B o a s F e s t a s

Recebemos e agradecemos mais os seguintes votos de Boas Festas e Feliz Ano Novo, enviados em cartas, cartões, telegramas, etc., os quais retribuimos desejando a todas as entidades e pessoas amigas um ano próspero e feliz: Jean Desy, embaixador do Canadá; Câmara de Indústria e Comércio Brasil-Argentina; Jair Alves de Barros, prof. de Física de Nonchay; Cruzada Brasileira Contra a Tuberculose; dr. Mozart Gama; H. S. Guimarães; Casa Guimarães; Dercy Gonçalves; Danilo Bastos; Madeleine Rosay; Celso Guimarães; British News Service; Arco Ltda. de São Paulo; "Jornal dos Sports"; Sul América Capitalização S. A.; Cia. Importadora Sueca Ltda.; Clube de Regatas Boqueirão de Passello; Murray, Simonsen & Cia. Ltda.; Brito Oliveira & Cia.; Albino Mesquita & Cia. Ltda.; Laboratórios Osorio de Moraes Ltda.; Banco Pan-Americano S. A.; Biond, Antonini & Cia. Ltda.; João Alves de Melo (Natal — Rio Grande do Norte); Mme. Campos; "A Adanee"; M. Gonçalves & Cia. Ltda.; Linotype do Brasil S. A.; Banco do Povo S. A. Recife — Pernambuco; atriz Maria Sampaio; Lintas Ltda.; Ordem Terceira do Carmo da Lapa; Comte. Guimarães Bastos; Klabin Irmãos & Cia.; Cappuccini & Cia.; Manuel G. Lemos; A Química Bayer Ltda.; E. H. Wolff; Sucursal da "Folha da Manhã" e "Folha da Noite" de S. Paulo; Paulo e Marta Suerau; ilusionista Chang; Livraria, Papelaria e Tipografia Orion (Sacramento — Minas); Nello Garavini; Anglo Mexican Petroleum Cia. Ltda.; F. Perminio das Neves; Estevam Carraro; Hugo Oscar Schmeiske; Livraria do Globo; Cia. Brasileira de Eletricidade Siemens-Schuck S. A.; Graficor Concentra Hartmann Irmãos S. A.; José Lucas da Silva Jullo; Cia. Paulista de Artes Gráficas; Moore-McCormack (Navegação) S. A.; Tipografia Mercantil — Martins Gomes & Cia. Ltda.; Soc. de B. e S. M. dos Auxiliares da Imprensa; Publicidade Popular Empresa Técnica de Propaganda; Theresita M. Porto da Silveira; Alívio Diniz; Cipriano J.; Armando Louzada; Ximenes e Selva; Cecília Loureiro; Thereza Costa; Carlos Perry; Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Empresa de Propaganda Poyares Ltda.; Jean Sirol; Eclética; Arno Voigt; Stella Perry; Magali de Maria de A. Barros; R. S. Clube Ginástico Português; Lígia de Lara; Liceu Literário Português; Empresa Gráfica Ouvidor S. A.; Francisco Cinelli (Casa das Máquinas); Stella e Carlos Perry; Francisco Cupelo e família; Nelson de Azevedo Marques; Cia. de Seguros Metrópole; Os Comediantes; Gilka Machado; Eros Volusia; Bueno Machado e Juliette.

MULHERES

Que o mundo
não esqueceu



SARAH BERNHARDT

A 23 de outubro de 1844, nascia na rua da Escola de Medicina n.º 5, em Paris, aquela que viria a ser, dezoito anos mais tarde, a maior figura dramática de todos os tempos. Filha de mãe judia e pai católico, Sarah Bernhardt nunca se dedicou a culto algum, o que foi motivado talvez pela falta de entendimentos que sobre o assunto sempre existiu entre seus pais.

Em 1862, Mile. Sarah Bernhardt fazia sua estréia na Comédia Francesa, em "Ifigênia", de Racine. Imediatamente ela tornou-se a favorita de todos os franceses, inclusive seus grandes autores. Conta-se que certa vez, perguntando-se a uma jovem que prestava exames quais os maiores nomes da história da França, esta respondeu: "Napoleão, Jeanne D'Arc e Sarah Bernhardt".

Casou-se Sarah Bernhardt com um ator de muito pouco talento e que grandes aborrecimentos lhe causou, Tiago Damala, de quem teve o seu único filho, Maurice Bernhardt.

Em 1886 fez sua primeira "tourné" pelas Américas do Sul e do Norte.

Quando em 1905 voltou ao Brasil, sofreu um acidente na caixa do Teatro Lírico, cujas graves consequências vieram a se efetivar dez anos mais tarde, quando, aos 71 anos de idade, teve sua perna amputada.

Seis anos depois voltava ela ao palco, para espanto dos que já haviam considerado encerrada a sua carreira, em "Daniel", peça de autoria de Louis Verneuil, seu neto



Ao alto — No papel de Marion, de "Une Nuit de Noël Sous La Terreur". A esquerda — Em "Gismonda" (desenho de Simonidy). A direita — Sarah Bernhardt numa caricatura de Bils.

(Verneuil casou-se com Lisiana, neta de Sarah) é biógrafo.

Entre os grandes sucessos da famosa atriz estão: "Fedra", "L'Aiglon", "A Dama das Camélias" e ainda "A Samaritana", de Edmond Rostand; "Os Bufões", de Miguel Zamacois; "Lucrecia Borgia" e "Angelo", de Victor Hugo; "O Processo de Jeanne D'Arc", de Emilio Moreau; "A Bela no Bosque Adormecida" e "La Belfa", de Jean Richepin; "A Virgem d'Avila", de Catulle Mendès; "A Mulher de Claudio", de Dumas Filho; "Fedra" e "Tosca", de Sardou, e "Jeanne Doré", de Tristan Bernard.

Em 1912 concordou finalmente em aceitar um convite de Hollywood, vivendo então na tela o papel que já havia desempenhado no palco em "Rainha Isabel".

Nunca o mundo conheceu uma atriz tão extraordinariamente fascinante; Sarah Bernhardt dominava inteiramente as platéias, deixando-as irremediavelmente presas à sua voz, a seus gestos, à sua arte imensa e maravilhosa.

Em 1923 morreu em Paris, depois de sessenta anos de glórias, a grande e inesquecível Sarah Bernhardt.



PARA AS FERIAS

Escolha, para as suas férias, uma leitura instrutiva porém amena; compre um livro que encerre os mais diversos assuntos e cuja leitura interesse ao senhor, à sua senhora, aos filhos.

Esse livro é o "ALMANAQUE EU SEI TUDO" para 1946, à venda em toda parte.

Ali estão todos os assuntos para todas as pessoas: o velho, a criança, o homem, a mulher, quer resida na cidade quer no campo.

Informações sobre o ano, calendário, artigos diversos, caricaturas, cinema, artes, ciência, contos e um lindo romance — tudo ilustrado.

Preço Cr\$ 10,00. Pedidos à Cia. Editora Americana. Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio.

Atende-se pelo serviço de reembolso postal ou mediante vale do Correio.

"ALMANAQUE EU SEI TUDO"

MEIO-DIA

Continuação da pag. 27

gadinho. Mas eu vi que era uma moça muito bonita e muito parecida com d. Silvinha.

— Está vendo, d. Aspásia, se eu tivesse me casado com essa moça, hoje poderia ser o pai de Silvinha.

Eu fiquei de boca aberta, sem entender patavinha. Só depois dele me explicar que aquela era a mãe de d. Silvinha, é que eu pude pescar alguma coisa. Ele tinha arrastado a asa pela moça do retrato, mas ela não tinha querido se casar com ele. Por que, não sei. E me contou também que ela tinha morrido pouco depois de d. Silvinha nascer.

Foi aí que eu entendi por que "seu" Zacarias tinha vindo morar na pensão. Queria ficar perto de d. Silvinha. Para se lembrar da moça do retratinho e para fingir que d. Silvinha era "filha" dele.

No dia seguinte, quando d. Silvinha veio apanhar um copo na cozinha, eu virei-me para ela e disse:

— D. Silvinha, quando a senhora vai conversar com "seu" Zacarias, lá em cima, é de bi... bi... bio...logia que ele fala, não é?

D. Silvinha sabe muito mais do que eu, porque ela foi à escola e é funcionária pública. Eu só sei ler e escrever um pouco; também faço as contas para d. Deolinda, quando vou à feira para ela. Mas, mesmo assim, acho que sou mais iluminada do que d. Silvinha. Naquela hora eu quase tinha engasgado com a palavra. Mas deu boa impressão, porque d. Silvinha, que sempre diz que sou ignorante, arregalou muito os olhos e me perguntou assim:

— Você sabe o que é Biologia, Aspásia?

Eu não me fiz rogada:

— Bem, já ouvi falar...

D. Silvinha então me contou que "seu" Zacarias tinha sido um professor muito conhecido e que andava escrevendo um livro. Que todos os dias, quando ela ia ao quarto dele lá do sótão para dar o seu bom-dia, ele lhe pedia para sentar-se um pouquinho e começava a ler um capítulo.

D. Silvinha é muito boa pessoa e tem muita pena do professor. Eu acho que era por isso que ela aturava aquela maçada, porque se fôsse eu, hum! não vê! E ela me disse que tudo quanto havia de errado no mundo o velho queria acertar com a Biologia. Se era um rato que nascia cinzento em vez de branco, ele dizia: "de acordo com as leis biológicas"... ou então, se era um mulato que todo mundo achava que devia ser preto, lá vinha ele de novo: "isso se explica facilmente com a Biologia". Isso é d. Silvinha me contando. Mas acho que ela mesmo pegava tanto do negócio da Biologia quanto eu.

Ah! meu Deus! Se não fôsse

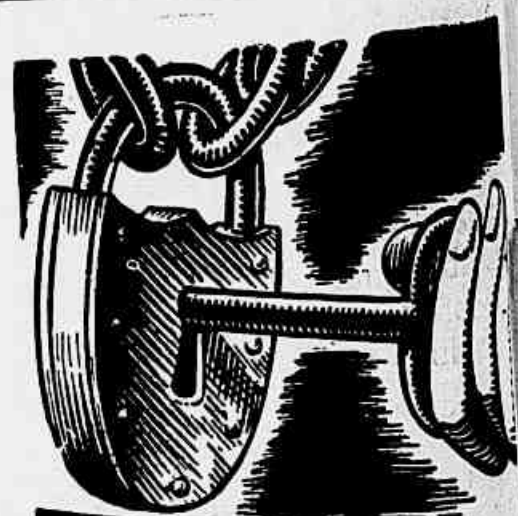
aquela porta aberta, hoje eu não precisava estar tomando os dōres de d. Silvinha. A coitada, órfã, nunca chegou a conhecer a mãe. Pelo menos, acho que nunca falou dela a ninguém. Nem sonhava que "seu" Zacarias sabia de sua história e por pouco que não se tinha casado com ela. Chamava-o "tio Zacarias" e bem que gostava dele, pobrezinha! Muitas vezes, no inverno, vi que ela subia lá para o sótão, com chá quente e cobertores para "seu" Zacarias não morrer de frio. E ele, por seu lado, morria de amores por d. Silvinha. Por ela e pelas plantinhas que punha para crescer em cima dos algodãozinhos molhados. Só falava dela e da tal Biologia. Ou então da moça do retrato amarelo.

Também d. Silvinha tinha seus namoradinhos. Pelo menos nos quatro anos que estou trabalhando para d. Deolinda, nunca a vi chegar em casa sozinha. Havia sempre um par de calças atrás dela. Ultimamente era aquele tal de Guilherme. E assim é que estava certo. Moça solteira é para casar! O que não está certo é "seu" Zacarias morrer de ciúme só porque d. Silvinha ficou noiva!

Pois é. Foi tudo por causa da tal porta que ficou aberta. Ficou aberta porque estava fazendo muito calor e já era meio dia passado. Eu estava muito atrasada no meu serviço. Senão não tinha ouvido o que ouvi. Vinha subindo a escada para o quarto dele, vassoura na mão, esfregão na outra, quando d. Silvinha passou pela minha frente que nem um raio e entrou no quarto dele, gritando tóla alegre:

— Tio Zacarias! Tio Zacarias! Estou noiva! Fiquei noiva agora ao meio dia!

Ele parou de escrever, olhou para ela, e eu vi que estava branco como cera. E disse assim: "Noiva?"... — com uma voz



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



rouca que ne
pois tossiu u
a perguntar
disfarçar.

Acho que
guma coisa
com ele, po
palhada pa
dizia assim

— Ah, d
eu devia l
o comêço,
Nunca lhe
Ele é boni

Quanto
mais ele f
tisfeita. I
passarinho
janela. T
quele dia
bom quan
sim que

Mas, d
"seu" Za
com um
recia qu
dentro d
miam. C
falar, ne
de "seu"

tra pess
Era a
mêço. I
a percel
egoismo
nha ciu
que ela
que ia
ia deix
lha". C
tava p
tal fill

Hoje
naque
Ah! F
que d
sar co
va, só
paren
nha,
últim
que
Qual

Ma
sim
a ta
sabia
ente
tam
eu p
êle

Um
que
As
dis
se

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

rouca que nem parecia dêle. Depois tossiu um pouco e começou a perguntar outras coisas para disfarçar.

Acho que ela percebeu que alguma coisa se estava passando com êle, porque ficou tão atrapalhada para explicar, que só dizia assim:

— Ah, desculpe, tio Zacarias, eu devia lhe ter contado desde o começo, mas foi tão rápido... Nunca lhe falei do Guilherme? Êle é bonito, simpático...

Quanto mais ela contava, mais êle ficava branco e ela satisfeita. Parecia que ia virar passarinho e sair cantando pela janela. Tudo estava bonito naquele dia. Bonito e alegre. Tão bom quando a gente é moça assim que fica noiva...

Mas, de repente, eu vi que "seu" Zacarias olhava para ela com um olhar esquisito que parecia que tinha um gênio mau dentro dêle. As mãos lhe tremiam. Quando êle começou a falar, nem parecia a voz macia de "seu" Zacarias. Era a de outra pessoa.

Era aquela voz rouca do começo. E foi aí que eu comecei a perceber a coisa. Era tudo por egoísmo. Egoísmo e ciúme. Tinha ciúme de d. Silvinha porque ela ia se casar com alguém que ia levá-la para longe. E êle ia deixar de morar com a "filha". Coitado! Com certeza estava pensando assim: "tal mãe, tal filha!"...

Hoje tenho pena dêle. Mas naquela hora fiquei indignada. Ah! Fiquei! Então êle queria que d. Silvinha deixasse de casar com o rapaz que ela gostava, só para ficar com êle? Nem parentes eram! E ela, tão mocinha, ia trocar sua felicidade à última hora por uma criatura que não precisava mais viver? Qual! Isso é que não!

Mas, enquanto eu pensava assim, êle começou de novo com a tal história da Biologia. Eu sabia que d. Silvinha não estava entendendo nada, porque eu também não estava. Mas depois eu prestei muita atenção e ouvi êle dizer assim:

— Chama-se "tara", Silvinha. Uma coisa que ninguém sabe o que é. Vem de pai para filho. Às vezes nem os pais sabem disto. Se sabiam, não deveriam se casar por causa dos filhos.

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

Por isso é que você também não deve se casar...

D. Silvinha então ficou muito assustada, porque ela acreditava piamente em tudo que "seu" Zacarias diz, e gritou assim:

— Por isso, o que? Por que eu não devo me casar? Diga, tio Zacarias! Diga logo, por favor!

Estava perto da cadeira dêle com os olhos muito arregalados. Parecia na dúvida: se quem estava ali era mesmo "seu" Zacarias. Então êle suspirou e começou muito baixinho:

— Tu me disseste uma vez que não te lembravas bem dela, a tua mãe, não é? De como ela morreria. E' natural, devias ser quase um bebê naquela época! Nem era possível que te lembrassem! Pobre Angela! Tão linda que era!

Mas a mim é que êle não enganava! Mesmo que fôsse verdade, que tinha uma coisa a ver com a outra? Não, aquilo tudo foi invenção dêle! Sabia que d. Silvinha era ingênua e se aproveitou disso para meter a dúvida na cabecinha dela. E até hoje ela ainda não esqueceu. Já desisti de falar...

"Seu" Zacarias tinha dado outro suspiro fundo, viu que d. Silvinha estava tremendo tôda, e continuou:

— E' para teu bem que falo, Silvinha. Não fôsse isto e eu seria incapaz de te dizer o que sei; mas agora tu também, Silvinha, é preciso que saibas. Não acho prudente que te cases. E' perigoso. Certamente, a culpa não é tua. Não é de ninguém, na verdade. Deves ser forte, enfrentar a realidade como ela é. Não é justo que faças a infelicidade do teu futuro marido ou dos teus filhos... Tua mãe, Silvinha, tua mãe morreu louca!

Quando ouviu aquilo, d. Silvinha soltou um grito e saiu correndo pela escada afora. Passou por mim como tinha entrado. Acho até que nem me viu. Eu também tive medo daquele velho que parecia o demônio em pessoa. Mas meus pés estavam grudados no degrau da escada, que não iam nem para diante nem para trás.

"Seu" Zacarias então tirou lá de trás da gaveta o retratinho da moça bonita, olhou para êle um tempão e depois deixou cair a cabeça em cima da mesa com o corpo todo se sacudindo, de tanto que êle soluçava.



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELLO

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILIMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos grátis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40. São Paulo

Nome

Rua

Cidade.....Estado.....RS

De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!



Pela sua massa inconfundível, pelos seus tons modernos e harmoniosos, ZANDE - o baton que está na moda - conquistou a preferência de tôdas as mulheres lindas do mundo. ZANDE dá aos lábios um contorno perfeito, conservando-os aveludados e perfeitamente maquiados durante muitas horas.

SERRARIA J. VELLOZO DE

AMARO A. PEIXOTO & COMP.

MADEIRAS E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Escritório

AV. NILO PEÇANHA, 12
4.º andar - salas 408 e 409

Telefones { 42-4751
42-6444

Serraria

LICINIO CARDOSO, 324
e ANA NERI, 1023
Telefones { 48-8166
28-2285

Sucursal

SÃO CLEMENTE, 33
Telefone 26-0647

HEMORRHOIDAS? tome

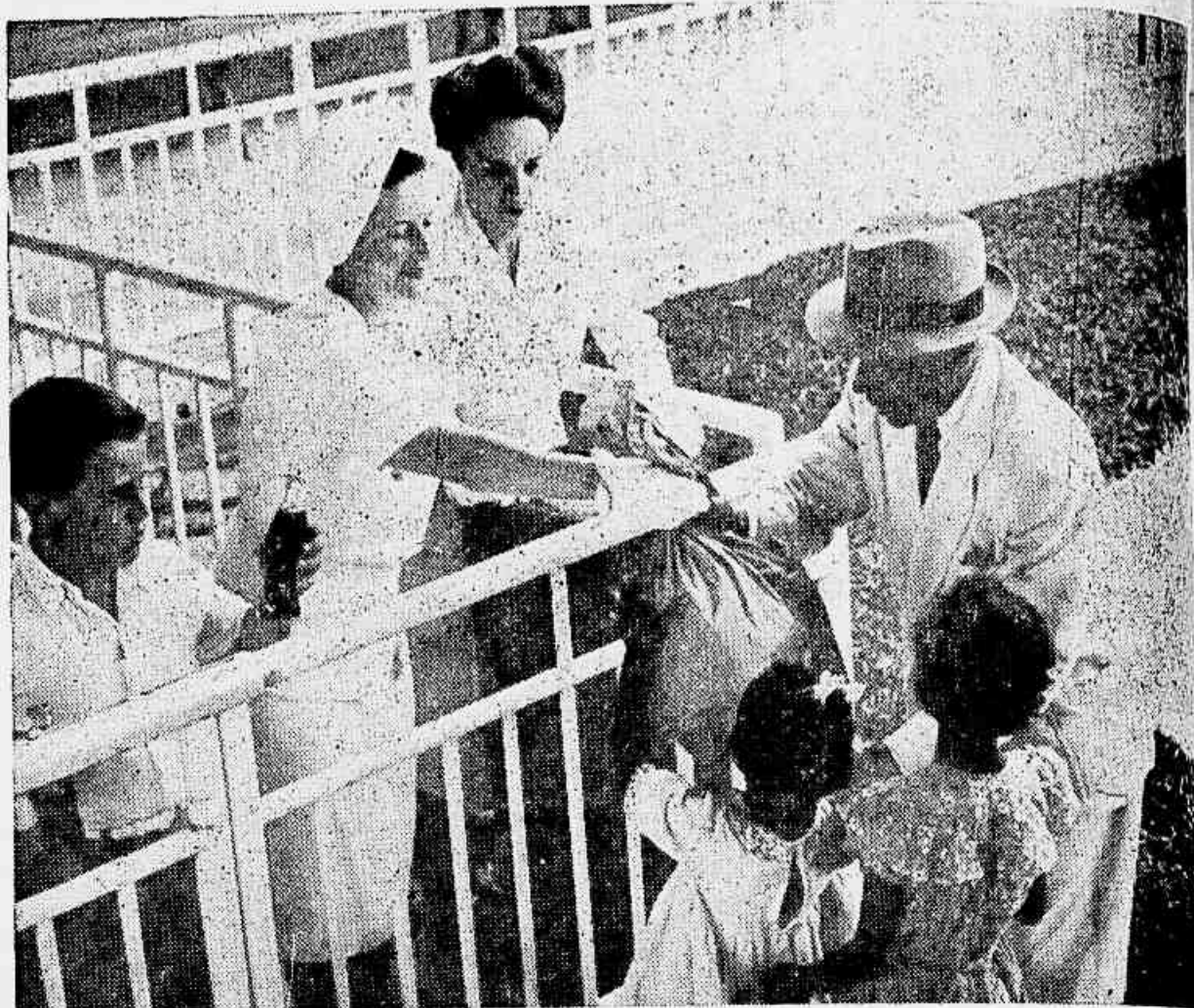
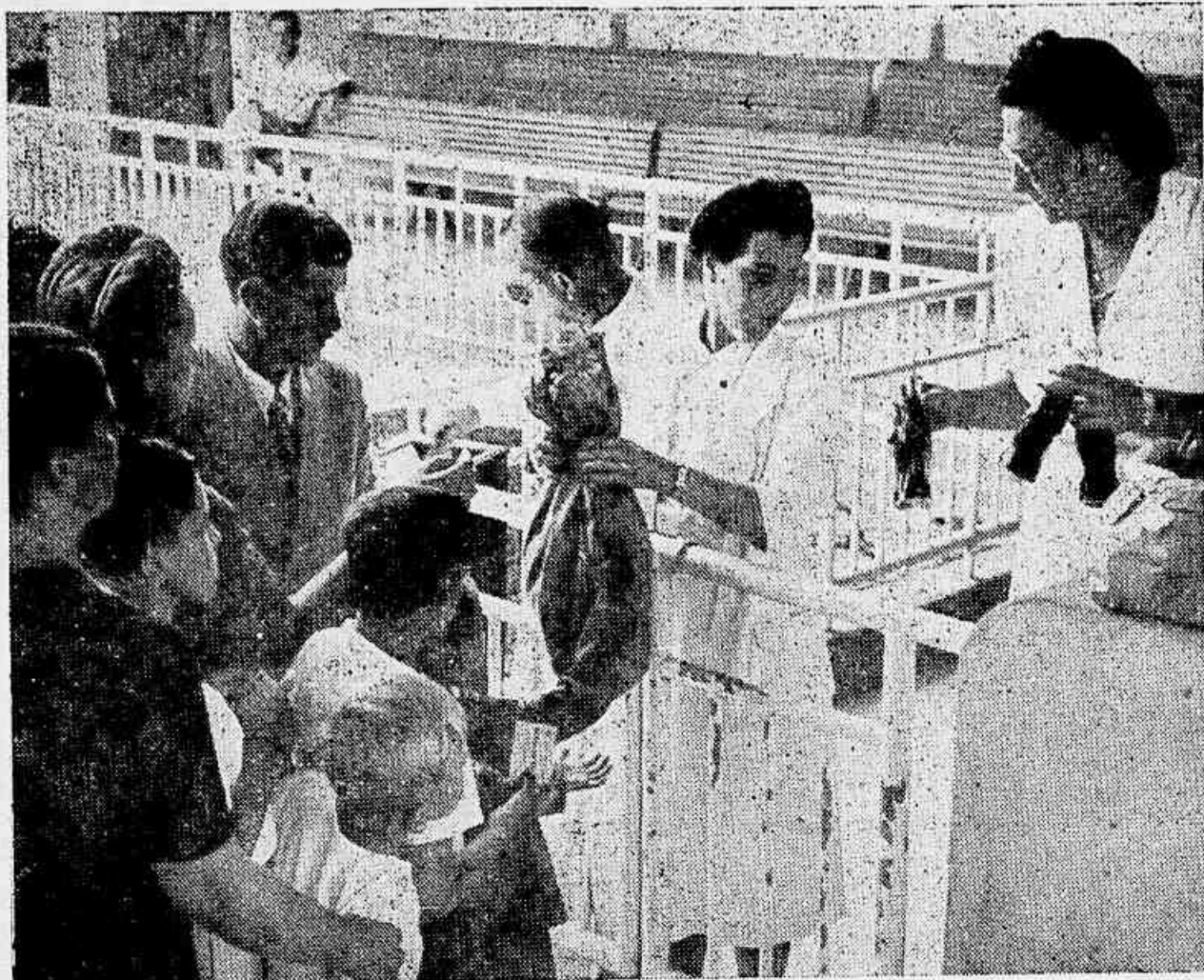
EM TODAS AS
FARMACIAS E
DROGARIAS



Pílulas de Herva de Bicho
compostas - inofensivas
LIC. 3.518
14-3-925-D.N.S.R.

DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use

AURIS-SEDINA



JOCKEY CLUB MUNDANO

Promovido por senhoras da alta sociedade carioca, teve lugar no Hipódromo da Gávea a festa de Natal do Jockey Club Brasileiro que, como nos anos anteriores, revestiu-se de grande brilhantismo. Os flagrantíssimos acima foram colhidos por ocasião da distribuição de brinquedos e presentes à petizada. Nas outras fotos que ilustram esta página, vemos elegantes damas da nossa sociedade, quando passeavam durante os intervalos das carreiras ali realizadas.



S
B
PRO

O

O ju
— Co
aos ju
repita
O ju
A ch
mais d
Adorm

Ving
Risco
preto.
O ju
nha ali
tada.
guém

Da m

A m
proble
anos, q
50, qua
incômo
tas vê
tratada
e incur
mentos
vida se
ela, em
espant
por es
saúde,
encant
em du
acórdo
feminil
enferm
definit
nos ca
hemor
N.º 2
minu
na e
M
anos c
vier c
O
— des
que é
alegri

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

O VIGIA

Continuação da página 34

O juiz... Sim, fôra ele o culpado.

— Condene-o à pena máxima — instruiu aos jurados — para que esses crimes não se repitam.

O juiz!

A chuva caía com mais força. Caminhou mais depressa. Caiu sobre o monte de feno. Adormeceu. Tudo voltou.

★

Vingar-se.

Riscos de relâmpagos. Vermelho sobre o preto. Matar!

O juiz... Durante aqueles sete anos ele tinha alimentado o sentimento. Sua vida cortada. Maria desaparecida. Ninguém, ninguém mais. Matar...

Da mocidade às portas da velhice...

A mulher se encontra sempre diante do seu grande problema: os males próprios do seu sexo. Desde os 13 anos, quando se torna verdadeiramente mulher, até os 50, quando atravessa a chamada idade crítica, os seus incômodos se repetem todos os meses, refletindo, muitas vezes, enfermidades que se forem descuidadas ou tratadas com remédios ineficazes tornar-se-ão crônicas e incuráveis. E tão grandes e torturantes são os sofrimentos que essas enfermidades lhe trazem que a sua vida se resume numa sucessão de martírios e há, para ela, em cada mês muitos dias que lhe são verdadeiros espantinhos. Não se deixe, prezada leitora, dominar por esses males. Não permita que eles lhe roubem a saúde, porque perder a saúde é perder a mocidade, os encantos, a alegria! O Regulador Xavier — fabricado em duas fórmulas diferentes, o N.º 1 e o N.º 2, de acordo com as naturezas diferentes das enfermidades femininas — é o remédio eficaz e poderoso contra essas enfermidades, pois as combate com vigor e as afasta definitivamente. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nos casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, irregulares, retardadas, insuficiência ovariana e suas consequências.

Milhares de atestados médicos e populares, vários anos de grandes sucessos consagraram o Regulador Xavier como o remédio de confiança da mulher.

O REGULADOR XAVIER assegura para a mulher — desde a mocidade até as portas da velhice — a saúde, que é a chave e o segredo de sua felicidade, de sua alegria e de seu bem-estar.



E em São Paulo...

é sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 -- São Paulo

Sentir com volúpia as mãos se afundarem naquela carne. Ódio, ódio, ódio...

Sete anos. Sete anos durante os quais ele endurecera. Seu coração, a princípio terno, esperou um carinho maternal. Alguém que o consolasse... Figura leve, loura... Maria novamente. O juiz implacável. Com seu pince-nez de aro de ouro. A sentença. A pena máxima, senhores jurados. Tinha 26 anos. Sete tinham sido roubados... Matar!

★

Num lampejo voltou a idéia obsedante do pince-nez.

O juiz!

★

A mesma casa... Parou defronte e pôs-se a meditar. Como?

— Paul!

Estremeceu. Era uma voz conhecida...

— Maria!

Ali, defronte da casa do juiz, eles se encontraram novamente. Ela o olhava com ternura.

— Lembra-se?

— Como não havia de me lembrar?

— Naquela noite... Você sorria...

— Ria... ria... E você me fazia juras eternas, levado pelo álcool.

— Não. Não. Eram sinceras...

— Paul...

— Maria...

Um beijo sob a chuva. Aumentou o ruído dos trovões.

— Espere!

— Que há, Paul?

— Antes... antes de voltar para você... Preciso decidir uma coisa, um negócio.

— Espero.

— Não espere. Demora. Amanhã...

— Onde?

— Prepare as malas... Vamos fugir, juntos, para longe... Amanhã.

Um olhar de profunda confiança dela...

★

O plano e a realização... A casa do juiz... A noite era curta e era forçoso agir. Depois afastar-se. Mas primeiro a vingança.

Uma janela, que dava para o terraço. Ele bem a conhecia. Era fácil abrir...

A casa estava silenciosa. Nem um ruído. As apalpadelas, na escuridão, ele seguia o caminho familiar. Quantas vezes viera ali, quando menino! O quarto, lá em cima.

A escada era larga e de mármore. Silenciosamente, ele se esgueirou.

Dormia, certamente, o sono dos... justos. Sentiu ímpetos de rir. Mas silêncio!

Naquele quarto ele dormia... Entrou, pé ante pé.

Por que, naquele momento, sentiu um sentimento estranho que o fez olhar para a janela? Lá em baixo, na chuva, um homem armado. Um guarda, vigilante? Velando? Não havia tempo a perder... Era fugir... Depressa.

A luz banhou-o subitamente.

— Paul!

Na cama, lá onde devia estar o juiz: Maria!

— Você aqui!

E ele:

— Você!

— Sim...

— O juiz?

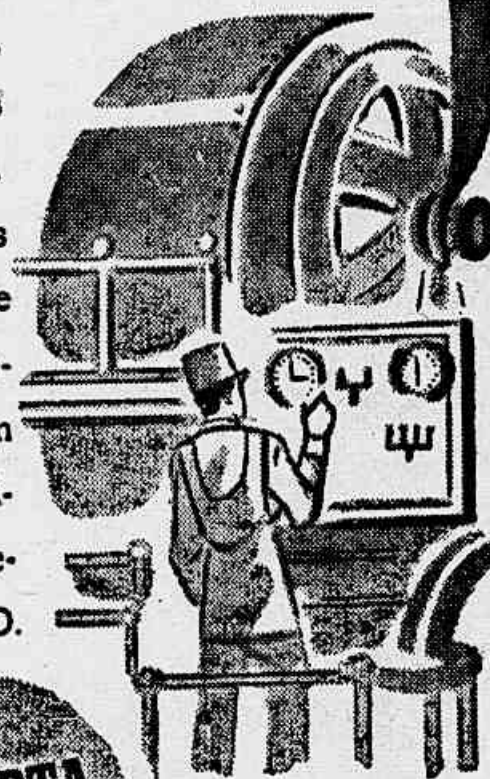
— Kinley? Morreu... Moro aqui...

Ele sentiu a mão do destino naquele momento trazê-lo subitamente para a posição donde fugira.



Porque favorecem e multiplicam a produção, as máquinas — grandes ou pequenas — são fontes de riqueza e fatores do progresso. O seu rendimento e o controle do seu perfeito funcionamento estão subordinados à

visão humana, da qual os olhos são os órgãos. Dê a seus olhos o cuidado que merecem! Quando estiverem fatigados ou irritados, aplique-lhes LAVOLHO.



LAVOLHO

— Que faz aqui, Paulo?

Um sorriso triste.

— Não pude esperar...

— Amanhã, você disse...

— Sim, amanhã... Boa noite.

— Até amanhã, meu amor, sonhe com os anjos.

— Maria... Quem é aquele homem, que, agora reparo, está imóvel, com uma arma na mão, olhando para cá?

— Tolípho! É uma estátua. Excentricidade do juiz. Chama-se O Vigia.

— Até amanhã, Maria.

O vigia...

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 83 — 2.ª Loja

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante



EXAMES DE SANGUE
Laboratório
Curvello de Oliveira
S. José, 85 — S. M.
Telefone 22-2717

GENTE MIUDA...

1 — Bombacha de fustão branco, com aplicações triangulares em linho rosa. 2 — Vestido em cambraia azul celeste. Vieses em azul mais escuro são aplicados na saia e formam os bolsinhos da blusa. 3 — Vestidinho branco com recortes sobre a saia. Em cada recorte um bordadinho em cores e um babadinho ao redor. 4 — Para menino, sugerimos este bombacha em tobranco quadriculado e opala branca. Aplicação em côr lisa formando desenhos. 5 — Vestidinho gracioso em cambraia branca. Bordadinho em cores na pala e "picot" ao redor das mangas e na barra da saia.



Um calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

ÍDILIO PERFEITO

(Continuação da pág. 19)

A parte mais séria era naturalmente a prova final e cabal. Ela se gabara de ser capaz de conquistá-lo. Tôdas haviam aceitado a aposta, mas na verdade o que a preocupava era ter que beijá-lo para que as amigas se convencessem.

Ele sentia que conquistar uma môça era fácil, mas beijá-la... Arriscava-se a levar uma bofetada. Não valia a pena...

Ela via as amigas observando disfarçadamente.

Ele pressentia os rapazes em postos estratégicos, verificando se ele estava cumprindo o trato. Estava sem dinheiro e precisava ganhar aquela aposta...

— Evangelina!

Se eu não arranjar muito cedo uma outra "chapa" ela é capaz de se cansar daquela Evangelina. Deve estar olhando para mim

surpreendida. Arrisco abrir os olhos? Não! E' cedo.

Ela o contemplava. Teria coragem? E se ele acordasse? Como explicar? Deveria ser de leve, bem de leve...

E ele pensava. Como soerguer-se o suficiente para encontrar aqueles lábios debruçados sobre ele? Deveria ser lentamente, bem lentamente, ou rápido, para acabar logo?

Dois suspiros partiram simultaneamente do peito de ambos.

— Evangelina!

Quem é mesmo Evangelina e por que me lembrei do seu nome? Ah! é verdade: há um poema romântico. Evangelina. Como é mesmo?

Evangelina? Será o poema — pensava ele — a uma mulher? Ou ainda essa mulher fantástica e ideal, com que os rapazes sonham, para o príncipe encantador de tôdas as donzelas?

Lentamente, muito lentamente, ela foi se abaixando. E ele lentamente, muito lenta-

mente, ergueu-se, sem ousar abrir os olhos. Ora vamos, mergulho de olhos fechados! E se eu acertar no nariz? Que coisa ridícula um beijo na ponta do nariz!

Encontraram-se no meio do caminho e beijaram-se longamente. Ela não notou a iniciativa dêle. Nem ele a dela.

Carl abriu os olhos lentamente.

— Oh! Eu estava sonhando...

Ela corou:

— Eu também...

— Desculpe...

Ela era mesmo bonita. Se ele levasse o caso adiante?

Ele era simpático; por que não unir o útil ao agradável?

— Foi inevitável — disse ele. — O sonho se realizou. Você veio porque tinha que vir. E eu, sem conhecê-la, esperava-a.

Ela pensou no dinheiro da aposta; ele também. O idílio aprofundou-se. Foi um caso de avanço direto e rápido, cinquenta por cento de iniciativa distribuída igualmente por ambas as partes. Oh, o romantismo!

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfazema ultra-concentrado, que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, atinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfazema permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os poros, as manchas e asperezas, e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele alva e sã volta a imperar com o uso do Creme de Alfazema "Brilhante". Experimente-o.

GRATIS!

O catálogo pelo qual V. S. poderá escolher os óculos que mais lhe agradem.



Peça-nos pelo correio o novo **CATÁLOGO de ÓCULOS MODERNOS**

tendo a certeza de ser atendido por **LUTZ, FERRANDO** com a mesma garantia e eficiência como se o fôsse pessoalmente pelos nossos técnicos.

LUTZ, FERRANDO, a única ótica de confiança, que lhe oferece a garantia de 60 anos de experiência na confecção de óculos, exatamente colibrados de acordo com a receita do oculista.

Adquira seus óculos pelo sistema de reembolso.

PEÇA CATÁLOGO GRATIS À

LUTZ, FERRANDO
RUA OUVIDOR, 81 - RIO DE JANEIRO



Sabonete DORLY
PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

A VENDA EM TODO O BRASIL

Pa. Ferraz

Frigia

é simplesmente notável!



...notável, porque:

- 1.ª - Não é líquida, nem pastosa. É um desodorizante em forma de "baion".
- 2.ª - Cansa e refresca a transpiração sem irritar a pele. Não estraga as roupas.
- 3.ª - É agradavelmente perfumado e produz uma sensação de frescor.
- 4.ª - Elimina instantaneamente a transpiração nas axilas.
- 5.ª - Adequado para todos, pode ser aplicado em qualquer momento.

FRIGIA está registrada como marca de invenção sob n.º 25.330

V. NEMER VAS
BILIS DROGAS



DEP. BERKMAN - 22.247 - RJ

Desperte a Bilis do seu Fígado

A natureza da vida depende para tudo. Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bile. Se a bile não corre livremente, os alimentos não são digeridos e absorvidos. Os gases acumulam e causam desconforto. Respire e proveja de ventos. Faça de seus intestinos e fígado que se movimentem. Tudo é simples e a vida é um sucesso.

Uma simples operação para eliminar a causa. Neste caso, as Plumas Carven para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bile e assim se sente disposto para tudo. São simples e seguras, especialmente indicadas para fazer a bile correr livremente. Peça as Plumas Carven para o Fígado. Não aceite outra operação. Preço 300 L.

Tr O - o + a a ...

~ a (saí) ,

do. ô m ô c 1 , fiii am

eetrelta, fiqui cõ aa

d. f 60 minutos. Al s

q eeloe na bira

l e-me ra a aluro baãd

q me -do o naa

ra o fũ rgo,

ba.ñã kr

dóço d lha e kco,

~ Celo, ulli

ma. é vrsso, maa é Vr

Dá e 1 e a d r

Respire

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

Sempre existiu a "folk-dance" brasileira

(Continuação da pág. 42)

vida: o fim da infância e o começo da juventude. Nunca passara por minhas cogitações a possibilidade de escrever uma página sequer: meus pensamentos mais reconfortantes, meus sentimentos mais íntimos, sempre encontraram expressão na dança.

Mas não há entre nós registro coreográfico; julgo mesmo seja inteiramente desconhecida em nosso meio a grafia da dança. As primeiras anotações ou, melhor, as primeiras tentativas dessa escrita foram descobertas em fragmentos de hieroglifos que atualmente podem ser encontrados no museu de Turim. No século XVI, novos ensaios de grande valor histórico ficaram assinalados no manuscrito: "Livre sur la danse", de Marguerite d'Autriche. Em 1588, Thoinot Arbeau, abade jesuíta cujo verdadeiro nome era Jehan Tabourot, melhorou a descoberta da escrita do movimento e, em 1700, Lefeuillet, em seu livro "Choreographie", aperfeiçoou a mesma. Mas só em 1926 é que Rudolf von Laban, baseado ainda no método de Lefeuillet, conseguiu a perfeita grafia do movimento, pois a simplicidade dos métodos anteriores já não podia assinalar os passos e gestos da dança que enriquecera. O grande coreógrafo húngaro, continuador da escola de Isadora e fixador das regras da dança nova, trazendo ao século XX a solução do problema do registro autoral coreográfico, imortalizou a criação efêmera do movimento.

A grafia da dança não só proporciona ao futuro a reconstituição da coreografia moderna, como ainda facilita a todos os bailarinos, dentro de suas pátrias, o conhecimento integral das danças características e das criações coreográficas do Universo.

Tão maravilhosa realidade é ainda um sonho no Brasil.

Eis por que aqui me encontro falando, quando me faltam as qualidades indispensáveis à oratória.

Arte nacional não se inventa, nem pode ser praticada por simpatia a esta ou àquela influência racial. Forçar o relêvo das contribuições africanas ou européias em nossa coreografia é fazer arte estrangeira. Não é também imitando o academicismo de velhas civilizações que pode um país realizar sua arte, mas sim estilizando as manifestações espontâneas do povo através de criações individuais.

Assim como a dança clássica encontrou suas principais bases técnicas nas danças características européias e indus, a dança brasileira reflete em suas expressões e seus movimentos os espectros originários do entrelaçamento amoroso de três raças dissemelhantes.

Mas, em meio a esses espectros, a personalidade nacional assoma, vigorosa e bela, definida e predominante, na candura audaciosa dos primeiros passos; traz nos tons crepusculares de suas formas mo-

renas o alvorecer de uma raça que a Europa e a África modificaram mas não conseguiram anular.

Semelhante à Espanha, que em cada província possui uma dança diferente, o Brasil, de Estado a Estado, apresenta um novo aspecto coreográfico. E Estados há, como Pernambuco, que, dentro de seu próprio território, concentra três modalidades de dança completamente diferentes: o "passo", o "maracatu" e o "caboclinhos".

Mais conhecido entre nós com o nome de "frêvo", o "passo" é dança nascida e batizada em Pernambuco mais ou menos de 1908 para cá. O fervor carnavalesco, a alegria da molecada puxando cordão nos dias de Momo, criando passos em plena rua, dançando ao sabor da música, originou a criação do mais estranho, do mais nacional dos bailados brasileiros.

Improvisado carnavalesco com remanescentes de capoeiragem, não há dois dançadores que executem o "passo" do mesmo modo nem que sejam capazes de repeti-lo com os mesmos movimentos e atitudes. Dança-o cada qual a seu modo, numa miscelânea coreográfica em que se vêem, infelizmente, introduzindo e acentuando influências norte-americanas, transmitidas pelo cinema. Já possui, entretanto, o "frêvo" uma considerável quantidade

de passos distintos, contando-se entre eles alguns com nomes familiares de golpes de capoeiragem. "Tesoura", "dobradilha", "jocotô", "urubu malandro", "urubu chumbado", "siri sem unha", "mergulha em frente do esgôto", "chá de costinhas", "chá de barriguinha" e "ambolê", eis uma amostra da original nomenclatura da composição técnica dessa dança.

Quedas simuladas e saltos torcidos (de origem provavelmente indígena), executados quase simultaneamente, podendo constituir passos novos na coreografia universal; braços que se sacodem freneticamente e assumem atitudes imprevistas; caras em que olhos, nariz, faces, lábios, tôdas as feições, tôda a fisionomia dança em caretas de expressionismo cômico, acompanhando as acrobacias das pernas que desafiam as leis da gravidade. Posturas ridículas, gestos simiescos, a dança enlouquecida ou a caricatura da dança, eis a primeira impressão visual do "frêvo".

Fugindo à cadência lenta e quase sempre sensual de sambas e marchas, surpreendente pelo ineditismo do ritmo acelerado e dos movimentos precipitados, contagiante de alegria, de alegria cheia de infantilidade, o "frêvo" não deverá permanecer no Brasil como dança e música de Pernambuco apenas: ele merece

uma divulgação por todo o nosso território, por todo o nosso povo; está a sugerir seu emprego terapêutico para a alma e o corpo do Brasil.

Em minhas viagens de estudos, Pernambuco, apesar do que eu já havia lido e ouvido a seu respeito, foi para mim uma surpresa, um deslumbramento. Das descrições encontradas em nossas obras folclóricas — algumas, páginas soberbas de nossa literatura — nenhum bailarino seria capaz de extrair a característica coreográfica dos "maracatus" pernambucanos. A expressão, o enredo, a origem, alguns descreveram, mas do movimento personalíssimo que o "maracatu" possui jamais alguém traçara uma simples noção. Fugindo ao comum de nossos ritmos que se incorporam, quase todos os de origem negra, nas pernas e quadris dos executantes, o "maracatu" é uma dança de espáduas, um movimento giratório de ombros, que os pescocoos acompanham em elastecimentos musicais, enquanto os pés deslizam, marcando apenas o compasso. Voltas rápidas, de corpos erectos, são executadas, de momento em momento.

Velho fragmento de "congada" desarticulado, reduzido, transformado em cordão carnavalesco, o "maracatu" pouco perdeu (Continua na pág. 58)



NOVO E MODERNO

LEITE DE BELEZA
Lalaque

Base para o "Make-up" à Hollywood

Para aplicação no ROSTO, Colo, Braços e PERNAS

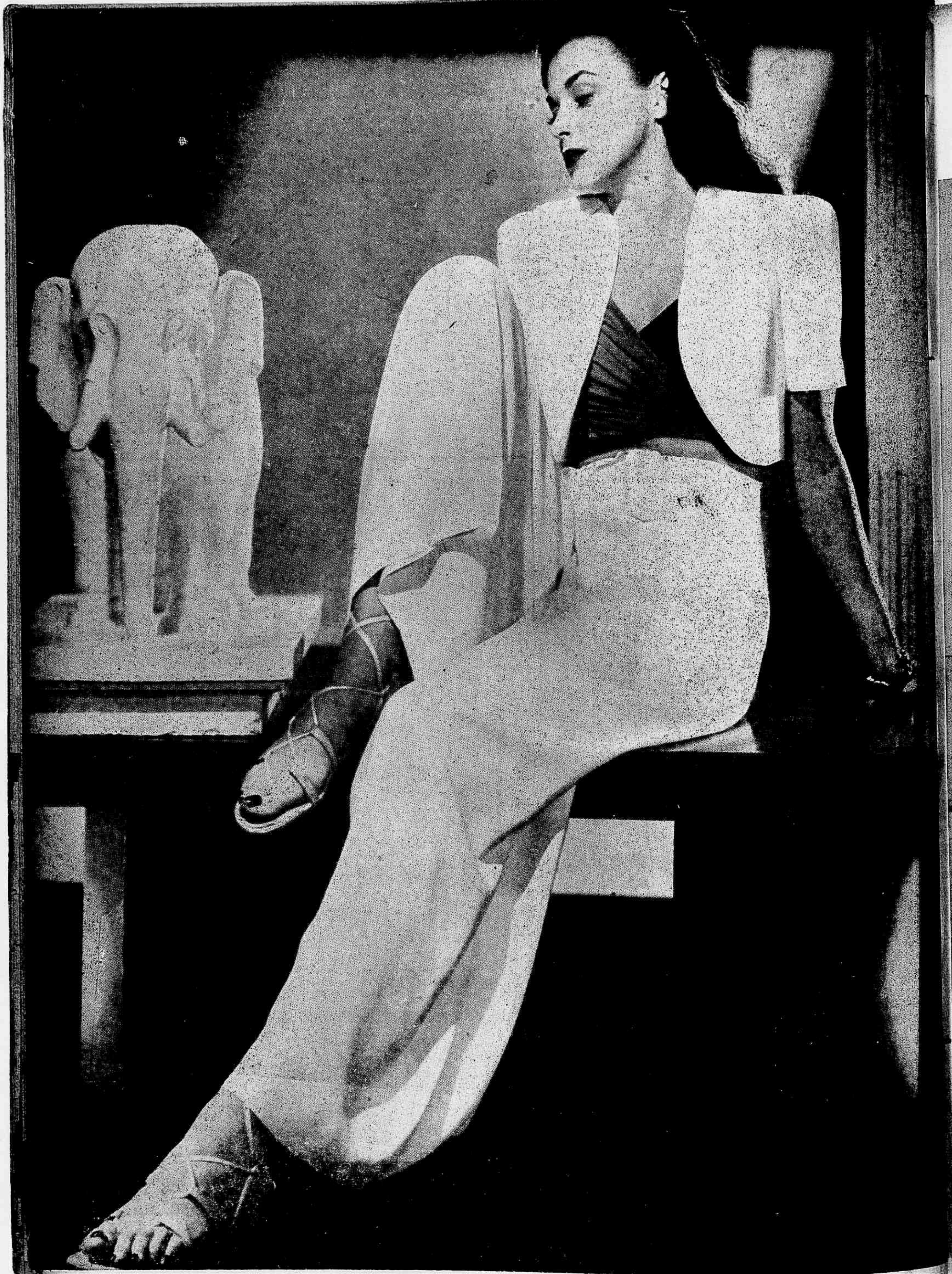
LALAUQUE apresenta o seu novo e moderno Leite de Beleza — base indispensável para um "Make-Up" perfeito; — não engordura nem resseca a pele, devendo ser aplicado leve e uniformemente com uma pequena esponja ou mecha de algodão. Esta aplicação, que se mantém inalterável por longas horas, deve ser feita sempre de cima para baixo e nunca em sentido contrário, ou circular.

Leite de Beleza LALAUQUE

Nas cores: Clara * Morena * Ocre * Bronzeada * Praiamar * Hawaiana

À VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz



VERÃO

1 — Em panamá branco é êste pijama de Margaret Chapman, que tanto pode ser usado em casa como na praia. A calça é bastante larga; o bolero é simples e arredondado. Como blusa, Miss Chapman emprega duas tiras em tons vivos contrastantes, drapeadas e cruzadas na frente. Notem o quanto é original a sua sandália. (Foto Columbia)

2 — Bastante gracioso é o modelo que nos apresenta Jean Arthur. "Shantung" branco, bolero ajustado à cintura, fechado com três botões. A saia é enviezada, tendo uma pala que também fecha na frente com três botões. Mangas três-quartos, punhos virados sobre



o largo. 3 — Inspirado em modelos chineses, aí temos um elegante pijama, que nos oferece a simpática Ruth Warrick. Calça preta com largas "pences" e abotoada dos lados. Blusa verde jade, talhe alto, botões verde-escuro. No cabelo um pente autêntico. (RKO)



O preço da REVISTA DA SEMANA

O preço da REVISTA, no interior, é Cr\$

2,00, não sendo lícito a ninguém cobrar mais.

Aos agentes e revendedores, a REVISTA é

fornecida com desconto para que observem

o preço de capa.

Contra os abusos têm os leitores o recurso

da assinatura, à razão de Cr\$ 90,00 por ano

e Cr\$ 45,00 por semestre, porte simples; re-

gistrada Cr\$ 110,00 e Cr\$ 55,00, respectiva-

mente.

Façam as remessas em cheque de banco,

vale postal ou outro meio idôneo à

Cia. EDITORA AMERICANA

VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO

Sempre existiu a...

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 55)

de sua origem solene, de seu carácter religioso, de sua tristeza banzeira, de sua tragédia racial, guardando-os intactos ainda em seus volteios violentos, que lembram súbitas revoltas, na falsa imponência de suas cortesias de reis miseráveis e na angústia de seus cantares que enchem de gemidos a algazarra dos dias de Momo.

Os movimentos característicos do "maracatu" são encontrados, com menos acentuação, em algumas danças fetichistas dos afro-brasileiros.

Velho fragmento de "congada", cordão carnavalesco, o "maracatu" é ainda um "xangô" mascarado.

No bairro de Afogados, num pequeno terreiro alumado por uma candela, vim a travar certa noite conhecimento com a côrte paupérima da simpática Maria Plácida — rainha dos "caboclinhos".

Os "caboclinhos"! Um dos reconditos tesouros do Brasil, a maravilha coreográfica de Pernambuco!

Poucos os conhecem: Recife mesmo quase que os ignora: eles só aparecem pelo Carnaval, em meio às multidões que brincam sem detença, sem a menor preocupação artística ou científica. De onde vieram, que coreógrafo notável traçou aquelas marcações geométricas, que hábil malabarista preparou aqueles músculos para os saltos elásticos e consecutivos desse bailado longo e impressionante?! Flautas de bambu e chocalhos em forma de ventarola (leques de Ochum), são os principais instrumentos de música desse estranho espetáculo.

As sombras que as figuras movediças dos caboclinhos começaram a projetar no terreiro, uma outra sombra, a pouco e pouco, se ia adensando, fixando, incorporando em minha memória. A colheita dos casulos, a festa do mel, que eu conhecera em minha infância, dançada por alguns índios das margens do Araguaia, estava ali, ante a surpresa dos meus olhos!

Armados de machadinhas estilizadas, movimentando-se de côcoras, numa simulação de desbastar florestas, cantavam eles os seguintes versos:

"Corta pau, cabôco,
esta outra não é...
esta abêta é urussu,
esta outra não é...
Vamo, cabôco,
come o mé."

Afora as machadinhas que empunhavam e os versos que cantavam, todo o baile era meu velho conhecido: os saltos a pequena altura, o jogo oscilante dos braços, o avanço e recuo dos bustos, as expressões fisionômicas, tudo me era familiar.

Mais movimentada que a do mel é a "toré" — dança guerreira em que eles se dividem em filas inimigas e se defrontam em ataques e defesas. Armados, ainda, de arcos estilizados, dançam dois a dois, vis-à-vis, em desafio. O que essa gente sem escola executa a tempo, em cambiantes de pernas, em mudança de passos, em troca de posições, deu-me uma imensa tristeza: a de não poder conduzi-los, em conjunto, a um dos nossos palcos, para comprovar a habilidade coreográfica dos brasileiros.

Bailam, cantam e tocam esses estranhos "caboclinhos"; as "preacas" — arcos e flexas estilizados — servem-lhes ainda de instrumentos de percussão: eles fingem tirar no inimigo, fazendo soar as flexas nos arcos, para marcação do ritmo da dança. Ora cantando, ora declamando, eles misturam alguns nomes de nossa história aos feitos de velhas tribus, atribuindo a personagens reais acontecimentos imaginários, num confusãoismo de inconsciente coletivo. Mas as danças que executam em conjunto são tão precisas que quando pulam sucessivamente, ininterruptamente, dão a impressão da unidade, tem-se a ilusão de um corpo enorme, indefinidamente saltando.

Composto quase que apenas de negros e mestiços, com uma rainha negra também, esse misto de bloco carnavalesco

com selta fetichista abafa as influências afro-europeias com sua coreografia flagrantemente ameríndia. Fragmento do "cucumbis", de tal modo se articulou com autes indígenas, que, só através de estudos etnográficos podemos ter a certeza de sua fonte original: os "congós".

A "congada" foi indiscutivelmente a mais fecunda criação coreográfica dos negros do Brasil! Dança dramática pelo entrelheço, seu maior drama, porém, ocultava-se na alma desses reis falsificados, desses reis cuja coroação os senhores brancos auxiliavam para mais facilmente submetê-los ao seu domínio. Reduzida hoje a fragmentos, só me foi possível estudá-la aos pedaços, sendo suas principais desarticulações as "lateras", os "caboclinhos", os "cucumbis" e os "maracatus".

As "lateras" — negras e mulatas vestidas geralmente de branco, enfeitadas de jóias e de fitas — nas procissões de S. Benedito guardavam o andor de Nossa Senhora do Rosário e nas "congadas" faziam parte do séquito da rainha. Eram notáveis pela graça e pelo apuro da indumentária. Seus cantos e danças constituíram os primitivos "lundus".

Influenciado pelos elementos europeu e indígena, o negro — imaginoso e comunicativo — improvisava festejos, expandia sobrevivências inconscientes, reconstituía trechos do passado, sem suspellar que laborava para a posteridade, que ensaiava os primeiros passos do futuro bailado brasileiro. Dócil, maleável, sensível, ele ia assimilando rapidamente o que observava do europeu e do indígena, e a natureza e o clima completaram o trabalho de modelagem dessa magnífica matéria plástica.

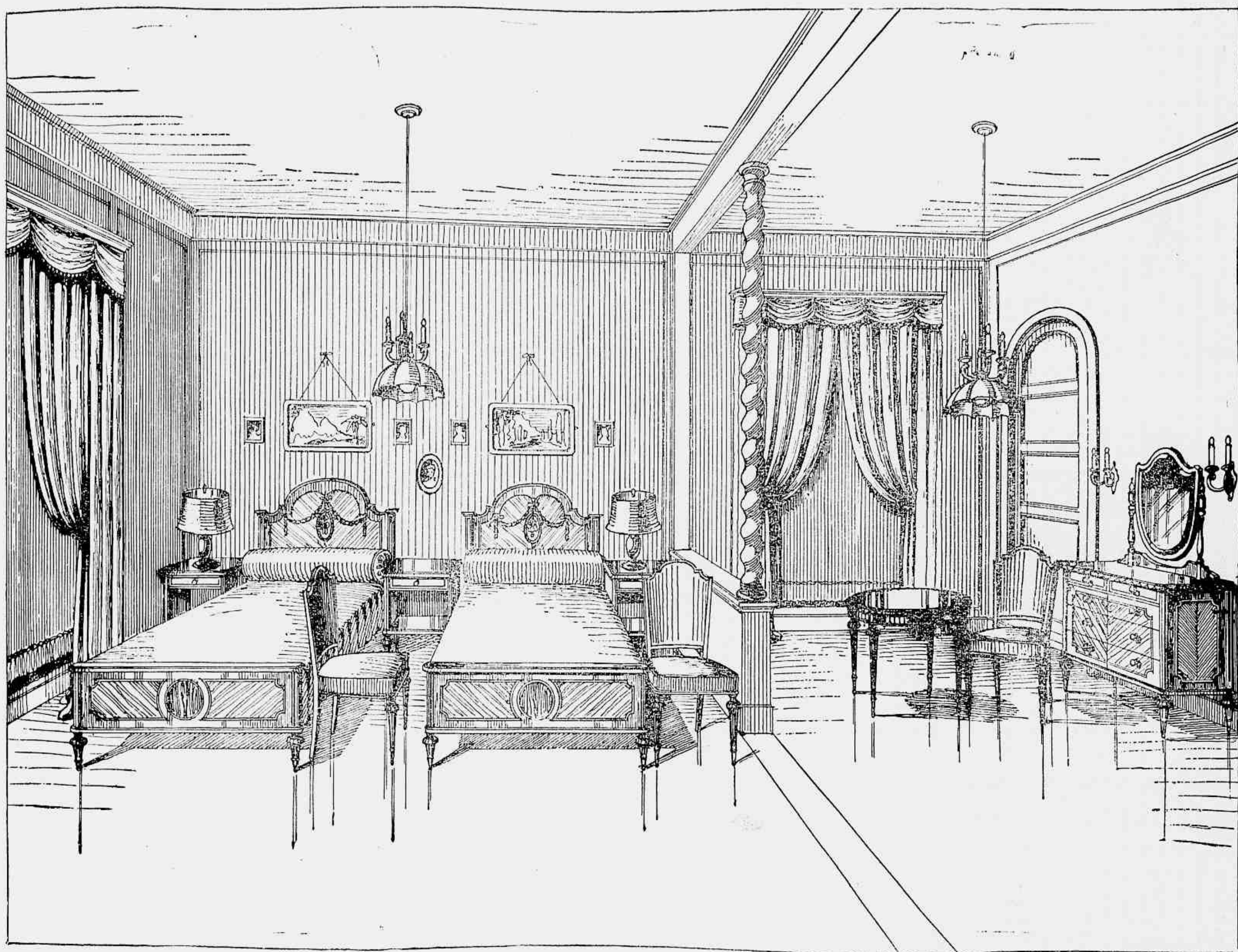
O "auto dos congós" ou "congada", pelo estudo comparado das descrições históricas com suas desarticulações existentes ainda, era um "ballet" interessantíssimo, cheio de aparato e rico de movimento, em cujo assunto se assinalavam lutas de reis e de raças. Não podendo ser considerado em seu primitivismo um bailado essencialmente brasileiro, veio ele prodigamente contribuindo para a formação da dança nacional: seus fragmentos sobreviventes foram progressivamente adquirindo múltiplos e variados movimentos que a civilização lhes ensinou, que o amálgama das raças neles improvisou, hoje possuindo tanto de africanismo quanto de orientalismo percebemos nas mais velhas das danças espanholas.

Melo Moraes Filho, em seu livro "Festas e tradições populares do Brasil"; Pereira da Costa, em "Folk-lore pernambucano" (revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro); Luiz Edmundo, em "O Rio de Janeiro no tempo dos Vice-Reis", e Mario de Andrade, em "Os Congós" (Boletim da Sociedade Felipe de Oliveira), fazem descrições magistrais do entrelheço desse bailado cheio de teatralidade.

Os "bailados pastoris" das festas de Natal, trazidos da Europa, ganharam entre nós, rapidamente, um dinamismo próprio, tão imediata foi neles a participação do elemento nativo e do negro. Começaram em casas de família, diante de presepes armados nas salas de visitas; foram, porém, ganhando vulto e os presepes passaram dos lares para palcos provisórios erguidos em praças públicas.

"Cordões", "ternos", "ranchos", "pastorinhas" — quaisquer que fossem as denominações locais que possuísem e as diferenças de personagens e indumentária que neles fossem notadas, muito semelhantes todos entre si os "pastoris" brasileiros constituíam representações de carácter verdadeiramente totêmico. As danças principais dessas brincadeiras religiosas eram executadas ora a dois, entre um "animal" e seu guia, ora constituíam solos cômicos, em que a pessoa que aparecia fantasiada de bicho, em meio da roda formada pelas demais personagens, exibia suas habilidades, pondo em relevo as características do "totem".

Para essas homenagens ao Menino Deus, através de cantos e danças, três temperamentos diferentes convergiram numa vontade igual. E a tão várias contribuições o ambiente e a convivência foram aplicando seu trabalho de simbiose e de mimetismo. Apesar da procedência estrangeira, os "pastoris" do Brasil estão em tudo, nacionalizados.



Dormitorio de estudante

No "cliché" acima reproduzimos um modelo de quarto de dormir em estilo moderno, especialmente desenhado para aposentos de rapazes. O técnico que o criou levou em conta a premente carência de espaço que se encontra nos apartamentos de hoje. As camas, trabalhadas em madeira escura, são colocadas uma ao lado da outra, com mesinhas de cabeceira que podem, pelo seu formato e tamanho, servir como estantes de emergência. No quarto de vestir, uma mesa de centro e um toucador com espelho, além de um guarda-casaca que pode ser feito em qualquer estilo. O necessário número de cadeiras deve ser distribuído entre os dois aposentos, de maneira a não prejudicar a estética nem agravar a exiguidade de espaço.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz

